



MENSÁRIO DOS PUILOS DO EXÉRCITO

Administrador  
Mário dos Santos

CORPO DE REDACÇÃO  
Júlio Gonçalves, A. Quadros, redactor principal  
F. Corado, secretário

Director  
Jaime de Mascarenhas

N.º 34 — 6.º ano

Comp. e imp. na Tip. do In-t. Prof. dos Pup. do Exército

Janeiro de 1921

## JUSTA HOMENAGEM

Na quadra feliz da mocidade, que asinha corre enleando-nos num sorriso que desabrocha, ao mesmo tempo que os vãos ignotos ávidos de eterna ventura, nos impelem para o mundo das utopias, a nossa crença tímida e incerta, embala-se em sonhos de utopia. Basta a aragem ríspida e forte da adversidade, para devastar todo aquele risinho e formoso vergel de doces quimeras, que a infância tão hábilmente sabe matizar.

E lá vão tôdas essas esperanças acasteladas, cair no lodo da realidade iniqua, como ao sôpro do vento agreste tombam as pétalas aveludadas duma flor mimosa...

É por isso que eu adoro essa idade feliz que vivemos a sorrir!



Tenente Henrique Perestrelo

Nós que aqui nos educamos e instruímos, aprendemos também a idealizar auras felizes que hão de despontar no porvir; nem a mágoa, nem o duro sacrifício, vêm profanar este convívio, este berço de tanta alma em flor.

Mas o Destino quem o descerra? Quem lhe rompe o véu espesso com que nos esconde a felicidade paradisíaca ou a desgraça insofrida? Ninguém!... Quem sabe se tanto frescor, tanto entusiasmo, virão a fenecer tal como das flôres já ressequidas, as suas pétalas outrora aveludadas, que têm por túmulo um palmo de chão duro, árido e deserto?..

Enfim abandonemos esse pensar magoado, e cerquem-nos das alegrias de que a nossa idade se inflora.

Neste colégio também nós gosamos a mocidade; e para aqueles para quem um internato é como se fôsse um convento, para êsses só lhes tenho a dizer que se pensam que só lá fora se gosa a mocidade, êsse gôso, é hoje mais que nunca em geral depravante e demoralizador, de que em poucos anos, êsses que gosá-la pensam, são uns arruinados, uns mancebos estragados, enquanto a nós, gosamos a regradá e moralizadora.

Temos felizmente educadores, que nos acompanham nos nossos divertimentos, dos quais se destaca o nosso estimado tenente Perestrelo, o retrato do qual trazemos à estampa; convivendo connosco, há poucomais dum ano, nos cativou grande simpatia e franca amizade. Pelo seu gênio paciente, pela amizade que também nos dedica, pelos seus dóceis ensinamentos, sempre adornados dum sorriso amistoso e paternal, êle grava bem em nossos corações pelas suas proveitosas conversas, mais que respeito e obediência às leis, êle faz vibrar em nossos corações tôda a gama de nobres sentimentos, o que nos impele a estimá-lo altamente.

Como official brioso, honrado e trabalhador que é, instaram com êle para que aceitasse o lugar de secretário do Comissário de abastecimentos, e vendo-se por deferência obrigado a aceitá-lo, foi com grande tristeza que o fez, por ter que separar-se de nós durante algum tempo.

Ainda no domingo o vimos no campo do Estádio a assistir a um desafio de futebol. E no seu rosto pudemos ver, que o trabalho fatigante que tem tido; o tem extenuado muito.

É nosso dever agradecer a grande amizade que êle por nós tem; a-pesar-de se deitar quasi sempre às 4 horas da madrugada, mesmo fatigado tem grande empenho em assistir aos nossos desafios que se realizam aos domingos.

Temos estranhado imenso a sua ausência, mas estamos confiados em que breve para aqui voltará — o que é também seu desejo —

A sua despedida foi carinhosa, e colocou-se ao nosso dispor, do que S. Ex.<sup>a</sup> pode certificar-se que saberemos agradecer.

A sua briosa carreira militar, honra a Pátria, honra a sua familia e honra o Instituto, que possuindo elementos daquela natureza, saberá dar o exemplo de patriotismo aos seus educandos.

Entre as medalhas que colocadas no seu peito heróico, mais o dignificam, são três *Cruzes de Guerra*, das quais só duas usa, porque a sua consciéncia justa e rectalhe a ponta que a outra não deve ostentar. Mas para premiar os heróicos feitos que praticou nos campos de batalha franceses, durante a guerra de 1914

ainda aquelas não chegavam; e por tal foi-lhe concedida no mês de Dezembro último, mais uma condecoração; a medalha de *valor militar letra C*.

Por achar altamente honrosas as palavras que acompanhavam aquela condecoração na Ordem do Exército, transcrevo-as aqui: « Condecorado com a medalha de valor militar letra C, o tenente Sr. Perestrelo da Silva, pelos actos extraordinários de coragem e dedicação que praticou nos campos de batalha de França no serviço da 1.<sup>a</sup> linha, salientando-se no combate de 9 de Abril de 1918, pelo acêrto e valentia com que comandou a sua companhia, e mais tarde o seu batalhão quando o respectivo comandante foi ferido, organizando e dirigindo a retirada, quando a isso foi obrigado pela situação, com grande competência e sangue frio.»

De militares como êste, necessita a nossa pátria, hoje decadente, sem poder, sem altivez, são as gerações de militares como o tenente Henrique Perestrelo da Silva, que hão de fazer com que a pátria de Camões, vendo o desalento em que se consome, venha um dia, a obscurecer novamente a história dos povos actualmênte grandes, mas que também decairão!...

Seguir-lhe o exemplo é honrar a pátria e dignificar o nome da familia. E um dia que dele mais não houver que a recordação chorosa no seu lar querido, seus filhos respeitá-lhe hão a memória, e beijando a sua farda honrada, fixando-a parecer-lhes há ver como que sonhando os feitos de coragem e dedicação, que êle praticou, o que representa momentos indecisos, entre os trilhos enganosos da vida e o abismo da morte negra e crua!

E aqui fica expressa nestas colunas, tão pávida homenagem, que não consegue traduzir o respeito, a amizade, a admiração, que os alunos do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército têm pelo bravo official Henrique Perestrelo da Silva.

J. de M.

Cremos que êste número do nosso periódico vai em conformidade com as ultimas alterações ortográficas, sòmente não poderemos empregar o ápice (trema), em virtude da fundição do tipo que possuímos não conter vogais com êsse acento.

Pedimos pois que nos tolerem esta falta, que somos forçados a praticar.

A Redacção

# Pró-união

Aos alunos e ex-alunos

Já saíram algumas gerações de alunos d'êste Instituto, que se encontram dispendendo as suas energias, nos vários ramos da vida nacional, lutando para a conquista dum Portugal maior, tentando fazer renascer na sociedade corrupta uma atmosfera de probidade e moralizadora, que ultimamente se tem dissipado duma forma pavorosa!

Na luta incançável da vida, por vezes juncada de desgostos, misérias e sofrimentos, não há ninguém que não interrompa essa labuta insana, para dedicar algum tempo, ao repouso do cérebro e do corpo. São necessariamente os povos mais civilizados, que mais precisam de distrações; são os povos que mais trabalham, os que mais estudam, os que mais e melhor produzem, que delas necessitam.

Sabemos que a instrução completa dos alunos, não termina aqui para aqueles que foram alunos d'êste Instituto, não; não termina, conquanto fôsse um supremo ideal, é uma absurda e irrealizável aspiração por falta de tempo. Entretanto algo esmerada e suficiente é ela: ministram-se aqui a arte musical, literatura, profissões, esporte etc. complementos essenciais do ensino teórico, elementos indubitavelmente irrefragáveis para uma educação completa.

Trabalhe-se afincadamente durante o dia, estude-se com amor, produza-se bastante e com vontade, mas guardem-se também alguns minutos para o recreio do espirito, tão necessário para o intellecto como o trabalho para o corpo.

Devemo-nos divertir, estimulando a nossa força de vontade, e revigorá-la, para que não fraqueje nos trilhos difíceis da vida.

Se durante tantos anos nos divertimos aqui como irmãos, sentindo as mesmas tristezas, regosijando-nos com as mesmas alegrias, alimentando iguais aspirações; porque não devemos continuar nas horas de folga da vida prática, a divertirmo-nos da mesma forma como numa imensa familia?!

Qual a razão porque amigos da infância, se separam, para ir abraçar outros indivíduos que manifestando sê-lo, dizem-no geralmente porque o acaso os reuniu? Não será uma alegria mais dourada, continuarmos a trabalhar e a sorrir no convívio dum grande grupo de mocetões, que foram alunos dos Pupilos do Exército, para que quando recordarmos os momentos passados aqui, sintamos em conjunto um dia essa recordação trazer o viço á nossa velhice?...

Se deixámos á saída do Instituto de fazer parte desta familia imensa, que tãda suaviza entusiasmo e alegria, porque na vida cada qual tem que labutar no seu mister, porque nos não havemos de reunir nas horas de descanso, no auxilio mútuo do trabalho, para gosar os deleitos dum canteiro florido de alegrias, que podemos preparar reunidos, pelas nossas próprias mãos?!

Nenhuma, nenhuma razão nos força a que nos dispersemos! Mas sim pelo contrário a solidariedade nos deve ligar, os honrados ditames que formaram o nosso carácter, requebrem por afinidade a nossa união! Reunamos os nossos esforços e assim ajudamos os moralmente mais fracos a trilhar o caminho da honra e do trabalho; de forma a orgulharmos em breve de termos sido alunos desta Obra modelar! Dignifiquemos por nossa parte a farda daqueles que aqui são recebidos.

Qual a razão porque a maioria dos ex-alunos anda dispersa, desconhecido o seu paradeiro? Qual?! Porque não convocam reuniões em que se confraternizem? Os ex-alunos devem conviver ainda entre si. Os que forem officiaes e sargentos far-se hão respeitar pelas graduações, durante o exercicio militar e a disciplina será da mesma forma recta sem distincções. No tempo livre desapareceram as hierarquias e o elo da antiga amizade os ligará.

Em vez de perderdes longas horas da noite em *Clubs* que vos enfastie, nos teatros, ou passando perante uma tuna de estudantes, inscrevendo-vos em qualquer esporte, colaborando nalguns periódicos, qual a razão porque não gosais entre vós êsses divertimentos?!

Não seremos vaidosos em dizê-lo; não saem daqui elementos, que se poderiam aproveitar para a fundação de uma Associação? A única dificuldade que podia sugerir, — a da organização duma Tuna — não está ella afastada? Não temos os elementos que saem da nossa tuna do internato?!

O caso é fácil, mas entretanto lá saem por ano 2 ou 3 alunos que dizem *que fazem, que reúnem*... mas não fazem nada, é somente um entusiasmo de verborreia, um exercicio de oratória...

Não poderíamos publicar um periódico para os sugestionados pela literatura, uma linha de *futebol* para os apaixonados por êste jôgo, sala de baile para os amantes da dança, uma sala de espectáculo para os que se dedicam ao teatro etc?...

Para estas aspirações não vejo dificuldades, cada ex-aluno pagaria a sua cota e em relativamente pouco tempo, começar-se-ia a ver o resultado do nosso esforço.

E se porventura surgissem dificuldades,

não temos nós força para as arrostar, não somos uns rapazes cheios de vida, ou não temos vontade própria?!... Porque não se reúnem os primeiros ex-alunos, os que já são alferes, os que já necessariamente podiam encetar com melhores vantagens, o caminho dessa aspiração?

Se quiserem continuar na despreocupação a que aliás não encontro fundamento, e demais é um caso que não quero indagar, para não chegar a conclusões lamentáveis... nesse caso reunamo-nos nós os que saímos este ano juntamente com os bons elementos que já estão lá fora, e que sei estão dispostos a levar a efeito esta sublime aspiração!

Reunam-se pois esses que já lá estão fora e dizem ter vontade e para tratar do assunto. A união faz a força.

Avante! brio, brio! Não oiçais as teorias pretenciosas e disparatadas, daqueles para quem a vida é um mar de impossíveis em que navegam!... No meu entender, podia começar-se pela publicação dum órgão, que atraindo alunos e ex-alunos como assinantes, reunir-se-iam esses mais facilmente.

Reuna-se pois, torno a pedir, uma comissão de ex-alunos afim de tratar do assunto o que já não é sem tempo. Esse fito só nos trará glória, orgulho e utilidade!

O *Profissional* estará sempre ao alcance para a difusão dessas ideias. Conquistemos vontades decididas, pois só com individuos briosos, se poderá conquistar um Portugal maior e fugir deste lamaçal em que está atolada a alma da nossa pátria.

Ide ex-alunos, concorrei para um belo empreendimento.

Acompanhai as divisas que desde as primeiras letras fixastes aqui no nosso querido Instituto:

«Preparemo-nos para a vida.»

«Querer é Poder.»

*Jaime de Mascarenhas*

7.º ano comercial



## O Profissional ilustrado

No dia do aniversário do Instituto, sairá ilustrado o n.º 37 da nossa revista, para o que a Direcção, tem empregado os seus esforços.

Teremos grande júbilo ver que este número especial, seja acolhido com agrado pelos seus presados assinantes, o que muito agradecemos.

## SECÇÃO LITERÁRIA

### A morte da musa

Ouviu-se além de Erato a voz sumida  
Gemer, entre a folhagem, triste canto;  
Fugiu-lhe o estro; à lira enrouquecida  
Ficou-lhe apenas da sua mágoa o pranto.

Calam-se os ventos como por encanto  
Murmurando uma prece resumida,  
E o corpo vai, imaculado e santo,  
Puro e fiel, à última guarida.

Tange o alaúde o último gemido,  
Cheio de dor, num transe dolorido,  
Enquanto o corpo desce à terra fria...

Tudo chorava... tôda a Natureza  
Chorava nesse dia com certeza  
Excepto Libitina que sorria!...

*Abílio Quadros*

6.º ano comercial



### Saudade...

Será por ventura, um triste mistério  
Que este peito meu, pôs em estranho arfar,  
E que me traz assim aflito e sério  
Em triste e pensativo meditar?...

Em vão procuro sua causa indagar,  
E sem ver terminar o meu sofrer...  
Pois a nossa alma é como imenso mar  
Cujo fundo nós não podemos ver!...

E eu lá vou dirigindo o passo incerto  
Como em busca de sorte já perdida;  
Tudo aborreço... e como num delírio

Creio ouvir uma voz, que me diz perto:  
A amargura que sentes na tua vida,  
É a saudade... O tão doce martírio!...

*Jaime de Mascarenhas*

7.º Ano comercial



?

Sua face côr de neve,  
Os lábios côr de carmim,  
O seu corpinho tão leve,  
Um anjo, uma deusa, enfim...

A sua mão pequenina,  
A sua voz tão gentil  
Tão sonora e argentina,  
Qual ave em manhã d'abril,

Olhos azuis, côr do céu...  
Cabelos soltos à briza,  
Tens da castidade o véu...  
Bendita sejas! Luísa.

*João Fires Antas*

3.º Ano industrial

# AO LUAR...

Original de **Jaime de Mascarenhas**

(Continuado do número anterior)

Quando chegaram à entrada do bosque, já o cocheiro os estava esperando. Sobral indicou a Leonardo que subisse primeiro, fechando depois a porta atrás de si.

Para a «Vivenda Alegre» disse Sobral ao cocheiro. Rápido os fogosos cavalos conduziram a carruagem com uma velocidade i. vulgar.

Durante a viagem os passageiros não trocaram palavra, não só, porque o ruído do carro não permitiria que se ouvissem, já porque Leonardo ia desânimado e empaldecera.

Na rua, os transeúntes olhavam admirados a corrida vertiginosa do trem, tentando alguns ver os passageiros, mas o carro era fechado e devido à sua velocidade, os seus esforços eram balbados.

O sol já ia um pouco adiantado no seu caminho sideral; e os seus raios intensos, tornavam já quente e tépida a atmosfera.

Decorrido um quarto de hora, o trem parava junto duma pequena e graciosa vivenda.

Rui foi o primeiro a apear-se, pedindo depois ao boleiro, que ajudasse a descer Leonardo, que se encontrava muito extenuado. Desça amigo Leonardo, disse o seu salvador em voz alta para o despertar. E os dois lá conduziram o rapaz para um afofado leito. A carruagem partiu; e Sobral e um seu criado acomodaram o quarto do hóspede inesperado.

Leonardo dormiu em breve um sono pesado, e por isso os dois abandonaram o seu leito; mas o ancião ao retirar-se viu que um papel embrulhado caíra do bolso do mancebo quando êste se voltava. Como lhe houvesse despertado grande curiosidade, apanhou-o sem fazer bulha e começou a sua leitura. Ao terminá-la, as lágrimas já saltitantes e presurosas, sulcaram seu rosto e foram perder-se nas suas alvas e longas barbas.

Era aquele o bilhete que o mocetão lera no bosque.

Depois Sobral dobrou o manuscrito e guardou na algibeira, dirigindo-se acto continuo para o seu gabinete. Sentou-se à secretária e colocou o bilhete de Leonardo sob um pesa-papéis.

Quando se sentou, um pensamento o prendeu, e consecutivamente premiu o botão duma campainha. Em breve appareceu um criado à porta do gabinete.

—Joaquim, vai amiudadamente ao quarto do rapaz e participa-me do estado em que o encontrares.

Sim senhor, respondeu o criado, depois de ter feito uma respeitosa vénia ao retirar-se. Assim que o criado saiu, êle pegou num retrato duma linda donzela que estava luxuosamente emmoldurado, e fixou-o com um olhar paternal e meditativo. Era com efeito aquele retrato, o de sua filha. Passado pouco tempo murmurou: Querida filha, como já tenho saudades tuas. É verdade! mas tu ficaste de vir hoje visitar-me... Já me não lembrava... Há dois meses e meio que te não vejo; desde que foste para o Estoril.

Mas aquele solilóquio foi interrompido pelo criado que chegando à porta do gabinete disse para Sobral: aquele senhor deseja falar-lhe.

—Está bem; já lá vou. Diz ao cosinheiro que vá preparando um bom almôço.

O criado saiu e o salvador dirigiu-se para o quarto tendo anteriormente guardado a carta de Leonardo na sua algibeira. Quando entrou no quarto, o jovem sentou-se na cama dizendo: sinto vontade de me levantar; dormi uns minutos e senti-me bem, mas agora estou agoniado e não posso dormir.

—Então levante-se, e vamos conversar um pouco para a sala, enquanto o almôço que mandei preparar não está confeccionado.

—Terei nisso o maior prazer.

—Enquanto se veste vou para o gabinete.

E dando algumas passadas, entrou no corredor, depois de ter encostado a porta do quarto.

O relógio da sala acabava de soar as 10 horas. O ancião sentara-se na sua secretária, fitou novamente o retrato, pegou nele e pôs-lhe um beijo longo e carinhoso, depois do que o colocou sobre a mesa, absorvendo-se em profunda meditação.

Porém o andar vacilante de Leonardo ao levantar-se, acordou-o daquela divagação. Sobral despertando, foi ao seu encontro e conduziu-o para a sala.

Meu amigo, disse o ancião ao encontrá-lo, conversemos um pouco a respeito da sua tetrica amargura que tanto o punge; não calcula como me sentiria feliz se me tomasse para seu confidente!

(Continua)

## SECÇÃO SCIENTÍFICA

### O avanço da ciência

Como a todos é notório, os descobrimentos scientificos têm ultimamente atingido um grau de prosperidade, que não esperávamos que pudessem alcançar. E assim é que, fenómenos observados em épocas remotas e então considerados grandes mistérios, a que só o milagre daria explicação, hoje se nos apresentam duma forma tão clara, que muitos de nós, alunos ainda, os explicamos facilmente.

Poderei citar aquele curioso caso tão maravilhosamente descrito nos *Lusíadas*, ainda que com fundo misterioso e a que o grande poeta chamou *Tromba Marítima*.

Resumí-lo, seria tornar este meu singelo artigo, mais aborrecido do que realmente ele é; porém a sua explicação é tão interessante que certamente muita curiosidade vos despertará.

Pois não tendes vós observado em tardes de ventania, os papéis que se encontram por essas ruas elevarem-se no espaço? É isto, ou antes, está neste caso a explicação do que então succedeu, dois ventos contrários que se chocaram e produziram no seu encontro um espaço mais ou menos vazio de ar e no qual a água se pôde elevar dando o aspecto dum enorme tubo.

E como este, que é o exemplo mais frisante que encontrei de momento, outros, sem número, que fizeram dar aos sábios de então um trabalho proficuo para que deles pudessem dar uma explicação cabal, são presentemente considerados sem importância.

Mas este progresso não se faz só notar num mas em todos os ramos, quer scientificos, quer industriais.

Assim a Indústria, hoje numa fase de extraordinário adiantamento, tem uma das suas maiores glórias no fabrico de olhos artificiais. É preciso notar que a sua aplicação data do tempo dos egipcios, que os faziam de duas espécies: uns de placas de metal delgadas e pintadas, seguras num arco de ferro que circundava a cabeça, outros, mais aperfeiçoados formados por globos ocos também metálicos e em cuja superfície pintavam a pupila, a iris e a esclerótica, encaixando-os depois na cavidade ocular onde ficavam cobertos pelas pálpebras. A-pesar-de rudimentares, o seu uso continou até que ultimamente o tratado de *Os olhos artificiais de Mirault* estabeleceu o emprêgo dos de vidro que muito difficilmente se distinguem dos naturais.

Mas há mais: Lindner, instrutor dos surdos-mudos em Leipzig, inventou dois aparelhos para poderem aprender a falar, aqueles que não tinham defeitos estruturais dos órgãos vocais.

Um deles, o *Fonoscópio Vocal* consiste duma peça circular, rigida, em que se estica uma membrana delgada e à qual está presa uma placa metálica com um estilete.

Emprega-se o aparelho numa câmara escura; assim as palavras fazem vibrar a membrana transmitindo, as vibrações por meio da haste a uma placa de latão, sobre a qual assenta um pequeno aparelho que recebe um raio de luz.

Por efeito das vibrações o aparelho sofre deslocamentos que são projectados sobre um alvo pelo raio da luz reflectida.

E assim os surdos-mudos aprendem rapidamente a conhecer os sons representados no alvo, pois que são sempre idénticos para o mesmo volume de voz.

O outro, o *Tambor Fonoscópico* não necessita do emprêgo da câmara escura. Um pequeno tambor está suspenso por dois suportes verticais; um contacto eléctrico, muito delicado, conduz as vibrações da membrana do tambor, transmitindo-as a uma pequena lâmpada de incandescência alimentada por uma bateria. As diferentes variações de intensidade e o ritmo das extinções são interpretadas pelos alunos, por comparação, como meio de corrigir os sons que produzam, conseguindo determinar rapidamente variações idénticas às que vêem reproduzidas.

Continuarei, na publicação destes artigos e peço-vos, caros leitores que me desculpeis de não ter trazido a assunto cousas que mais vos merecessem a atenção.

Mário M. dos Santos

6.º ano comercial

## SECÇÃO DESPORTIVA

### O Instituto no Campeonato Escolar

Fizeram se pedidos que foram gentilmente satisfeitos, e eis emfim concluida a suprema aspiração dos jogadores deste ramo de desporto, dos «Pupilos do Exército».

Evidentemente, como não podia deixar de ser, o grupo representativo, filiou-se na Associação de Futebol de Lisboa, seguindo assim deste modo o exemplo apontado nos demais anos.

Louvo a decisão que encontrámos por parte dos membros dirigentes dêste estabelecimento. É uma iniciativa louvável, creio eu, no meu fraco apreciar, desde que seja colocado ao lado dos peritos da matéria.

Ministrando-se entre nós, o ensino da ginástica, porque não nos havemos de dedicar a esta parte do desporto, tanto mais que êle arrasta atrás de si um sem número de vantagens?

Isto, desde que, não seja praticado em excesso, porque então em lugar de ser útil, êle tornar-se há prejudicial, visto que conduz a esforços demasiadamente grandes.

Além disso, a par do desenvolvimento intelectual é bom que se cultive o desenvolvimento físico, tanto mais que ele ainda constituiu uma distração.

É ou não o Futebol um dos jogos apontados no caminho do bem? Entendo que sim.

No entanto, pessoas há que discordam seguindo um outro raciocínio e portanto um critério diferente. Não discuto...

Única e simplesmente faço algumas simples considerações a êste respeito, que acho justo revelar, e às quais dou a minha apologia neste nosso pequeno, mas tão querido porta-voz.

Pequeno! . . . é-o sem dúvida!

Mas a sua alma é bastante grande, pois que encerra um sangue cada vez mais puro que o faz rejuvenescer. Através duma tão curta existência, de meia dúzia de anos de vida nem tanto, teve êle já o ensejo de registar nas suas colunas em duas linhas o esforço por nós sempre empregado.

Por meio destas escolas modelares, — segundo o que pessoas de categoria afirmam, — onde tudo se consegue, vai-se apregoando e levantando cada vez mais o nome dos *Pupilos do Exército*.

Todavia opõe-se a êste progresso, a deficiência de treinos e outros factores contribuintes, porque principalmente o tempo nos é tomado pelos nossos trabalhos escolares internos.

Mas agora que vou terminar, peço a todos os meus camaradas que compõem o grupo, que juntamente com os outros colégios de Lisboa, vão disputar a taça escolar, empreguem sempre a sua boa vontade, para que saibam honrar sempre o querido nome do Instituto.

E' preciso pois, que todos se coloquem em campo compenetrados dos seus deveres e conhecedores das regras de futebol.

Oxalá que assim suceda... e que não esmoreçamos, embora perçamos com qualquer grupo, pois poderemos recompensar nos futuros desafios os pontos marcados contra nós.

O grupo ficou assim constituido :

Ferreira

Salgueiro

Pires

Corado

Domingos

Abilio

Gonçalves Carlos Costa Santos Martins

(cap.)

*Suplentes:* Pinto e Augusto

*António B. da Costa*

6.º ano comercial

## SECÇÃO HUMORÍSTICA

### O CARNAVAL DESTA VIDA

Estamos na época do culto do velho folião do Carnaval, o representante do antigo culto pagão ao deus Baco, *claro está sem falar nos taberneiros...* E assim, nós esperamos anualmente êstes 3 dias de divertimento, ou por outra, ansiamos ver o reflexo dessa festa ruidosa de outrora, *nesse tempo em que não havia bichas para o açúcar*. Mas o Carnaval de hoje, não é mais que um neto do Carnaval antigo elevado ai talvez... *à vigesima potência!* Entretanto nós lá o vamos esperando, para que nesses dias dissipemos dos nossos corações, as choradas mágoas e tristezas, mas minhas não... tristezas tenho-as sim, mas só quando o vejo aproximar-se, e eu sem ter dinheiro para me divertir como desejava...

Mas para que me hei de importunar... se esta vida é um constante Carnaval?!

No Carnaval que o almanaque nos atira à alma, são as duquezas que se transformam em pastoras; os milionários em pedintes; enquanto que no Carnaval desta vida, os ignorantes e inúteis vivem na opulência *todo o dia a limpar os amarelos da Chave de Ouro*, ao passo que os necessários e talentosos não têm uma carga de *notas de 5 centavos* para comprarem  $\frac{1}{2}$  litro de azeite.

No Carnaval do amigo *Borda d'Água* são os pobres, aqueles que sofrem uma vida de privações, que enganam e suavizam sua desgraça infinda envoltos nos trajes de príncipes ou princesas. *Olhem que é nos trajos!*...

Os ricos, os príncipes e princezas... que não são os mais felizes, conquanto se ostentem ricamente *encadernados*, que de vezes não passam uma vida torturante, *assim como o infeliz Tântalo* no meio das suas joias e pedrarias? *se não valia mais pô-las no prego...*

Pois êsses cubiçam muitas vezes os pobres e felizes, *que andam todo o dia à procura de azeite, com cédulas que bem espremidinhas temperavam a panela, ou com senhas das câmaras das províncias, que me parecem as rifas que há pouco me impingiram...*

Mimosos poltrões, disfarçam-se em guerreiros de sanha, hércules boçais, efeminam-se com as vestes mimosas do sexo fraco, *frágil, quebradiço* e se querem mais sinónimos *vão procurá-los ao Dr. Albino Forjaz de Sampaio...* Assim também na vida real, grandes e eméritos tratantes se disfarçam em homens de bem, *anunciados como presos políticos...* Os virtuosos, os que não possuem o «Saber Viver» suficiente, que eu traduzo por *Lata* ou *Pragmática*, passam aos olhos do vulgo ignaro que só julga pelas aparências, como perigosos e nocivos.

Não achais por isto, mais interessante, mais cómica, a mascarada permanente desta farça, a que chamamos vida, que aquela mascarada que dura 3 dias?

A própria figura humana é a máscara mais perfeita que se conhece! Quantos sorrisos aparentemente francos, nos não escondem a hipocrisia?! Ai quantos...

Oh mas que estou eu a dizer?... Será por acaso alguma novidade?

Vá confessem meninas que me lêem; isso não é pecado... os ministros de Deus — devem formar bom Ministério, nunca podem a demissão! — a quem vos confessais êsses homens que nunca beberam um copinho à custa das esmolas... que geralmente meteis vaidosa e hipòcritamente no sacola dos padres, nada saberão.

Não andais a fingir tôda a vossa vida?... Não tomem a mal não?

Mas não é só isto! Um e outro Carnaval, encerram as suas tristezas, ocultas sob as máscaras que se escondem a contemplação dos outros.

Ai, a vida é um martírio e *frutas...* O Carnaval permanente, aquele que nos afivela ao rosto a máscara da dissimulação, forçando-nos a dizer o que não sentimos, e a sentir o não dizemos, rouba-nos a vontade de sermos francamente alegres naqueles 3 dias.

Contudo ninguém deixa de sentir a influência dêsse Carnaval. Os mais tristes esforçam-se por se tornarem alegres; *são como nós quando vamos para a aula com prosápia de quem estudou a lição...*

Não devemos ser partidários da abolição do Carnaval, já que a vida nos acorrenta a um carnaval trágico, brutal, sem saudades, sem atractivos, sem encantos: ao menos de-

cretemos nós aquele Carnaval em que durante 3 dias afugentamos pesares, que depois se cristalizam novamente...

Nestes dias encontraremos nos teatros pobres diabos que não trocarão a sua vida pela dos milionários, e milionários que carregando com uma cruz de oiro às costas, terão ocasião de cubiçar a vida desses *gabirús*.

Jagimas.

## SECCAO CBARADÍSTICA

Decifrações do número anterior:

Enigma — David

Salto de cavalo — Pode-se lá viver sem ter amado alguém!...

Redusida — Travinca — tranca

Eléctrica — Rapar

Geográfica — Lisboa

De palitos — Cuco

oooooooooooo

Em frase

Dois respeitáveis sinónimos reuniram-se num castelo — 2—1

Decrescente

A...onde caiu a...tinha...

Tipográfica

B—r.l

Sincopada

3—O fruto está num fundão — 2

Mefistofélica

2—O arbusto da minha parenta serve para escrever. 4—1=3

Conbinada

nir — castigar

ta — planta

na — tecido

Telefónica

Terrim...terrím...

— Quem fala? Diga.

— Então sempre viu o homem? — 2

— Vi, com a mulher — 2

— Tem graça! como o par faz só uma flor.

Toneca



MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

Administrador  
Mário dos SantosCORPO DE REDACÇÃO  
Júlio Gonçalves, A. Quadros, redactor principal  
F. Corado, secretárioDirector  
Jaime de Mascarenhas

N.º 35 — 6.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Fevereiro de 1921

# No Coliseu dos Receios

## O INSTITUTO TOMA PARTE NA FESTA PATRIÓTICA

Com a Grande Guerra apareceram os temerosos canhões, os formidáveis tanques, os torpedos, e finalmente os aeroplanos.

São sem dúvida alguma os aeroplanos os futuros sondas dos ares, os que sulcarão as aéreas estradas comerciais, depositando a humanidade tãda a confiança nesses abutres engenhosos que dantes servindo apenas para destruir, são hoje destinados ao desenvolvimento comercial do globo.

Ora nós os que outrora sulcámos os lendários oceanos, os que levámos a Cruz de Cristo através dos mares aos reinos dourados do Oriente, e ainda não perdemos as maravilhosas qualidades aventureiras; levemo-la, pois, através dos ares às terras outrora descobertas pelos valorosos navegadores. Com êsse fito ávido de glória, o Sr. cap. Brito Pais e o Sr. ten. Beires lançaram se no temeroso intento de realizaro *raid* Lisboa-Madeira.

Êsses heróicos filhos da nossa terra, deram prova de abnegação e patriotismo seguindo o exemplo daqueles épicos imortais que chegaram ao cimo dos altares da pátria.

Infelizmente êste *raid* que foi efectuado em avião, foi mal sucedido, devido ao denso ne-

voeiro que os embrenhava, e sendo forçados a descer com risco de vida sendo salvos e afundando-se o aparelho.

Necessitavam doutro, mas não podendo o Estado realizar a compra doutro, foi então que as escolas, Pupilos do Exército, Colégio Militar e Instituto Feminino cooperaram numa festa cujo produto reverteria em favor da compra dum aparelho, para neste ser realizado o planeado *raid*, sendo o Coliseu dos Recreios gentilmente oferecido para êsse fim.

Assistiram a esta simpática festa no dia 20 de Janeiro, os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Presidente do Ministério, Ministro da Guerra e outras entidades.

Iniciou-se a festa com um discurso proferido por um ilhéu em nome da Ilha da Madeira, seguindo-se a apresentação do Sr. Cap. Augusto Casimiro feita por um Sr. alferes.

Apresentou-se-nos o Poeta-Soldado, que proferiu um eloquente discurso, terminando-o com a descrição dum facto que se lhe depa-rou nas trincheiras, para demonstrar quão útil foi o papel desempenhado pela aviação durante a guerra.

Cooperaram ainda na festa; o Colégio Militar com uma escola de gymnástica, outra de jogos e ainda uma outra de saltos; o Instituto Feminino com uma escola de gymnástica, canto coral e danças populares; Silva Ruivo o nosso campeão de *box* fez uma demonstração com um seu discípulo, realizando-se um desafio de esgrima de sabre.

O Instituto cooperou com um pelotão de esgrima de baioneta, com equipamentos usados no *front*. Fêz-se primeiramente maneojo de arma, seguindo-se depois esgrima, e terminando com exercicios simulados de gases asfixiantes simultâneamente com esgrima, sendo muito applaudidos.

A festa terminou com uns elegantes números executados pelas bandas coligadas da G. N. R. e da Armada.

Todos os que assistiram à festa ficaram certamente bem impressionados, e para que o nosso trabalho fôsse recompensado, o Ex.<sup>mo</sup> Ministro da Guerra proporcionou-nos dois feriados.

*Renato Brito*

5.<sup>o</sup> ano comercial

## DUAS FESTAS

Festejar as datas de carácter patriótico, é um dever moral para o povo que se preza de amar a sua Pátria; para nós, filhos dêste torrão, os futuros arautos da Liberdade e da República, não é só dever, é ainda mais, uma obrigação.

No ano lectivo passado foram estas festas descuradas, quer motivado pela revolução do Norte, muito perto do 31 de Janeiro, quer porque o nosso Ex.<sup>mo</sup> regente esteve muito doente, na época do 1.<sup>o</sup> de Dezembro, o que nos forçou a que desistissimos de levar a cabo uma récita, que havia sido já preparada.

Felizmente, porém assim não succedeu êste ano. Houve até um nosso superior, que depois de lamentar a onda de perigos em que Portugal submerge, nos disse: «Já que não se faz outra coisa venere-se a Pátria!»

E assim a data do 1.<sup>o</sup> de Dezembro, foi entre nós comemorada, como já noticiámos.

Caso idêntico se passou com a comemoração da revolução do 31 de Janeiro no Pôrto.

O nosso camarada Barata, expôs, na pequena solenidade, as causas que originaram o altruista movimento republicano, tendo anteriormente feito um prelúdio, sôbre a situação de Portugal nessa época.

Recitaram poesias, os alunos, Mascarenhas, a fala do Astrólogo, de *A Pátria* de G. Junqueio, Quadros, A mocidades das Escolas de G. Junqueiro, Vilarigues, Os cativos de A. do Quental, M. dos Santos a Dedicatória à Mocidade, da *Musa em Férias*, e Antunes um

seu soneto dedicado à solenidade histórica que se comemorou.

Seguidamente exhibiu-se uma sessão animatográfica.

No Sábado de Carnaval, demos também uma pequena récita que revestiu para nós um brilhantismo que não esperávamos.

Honraram a festa com a sua presença, o Il.<sup>mo</sup>. Director e sua Ex.<sup>ma</sup> familia e demais srs. professores.

Foram convidados para a nossa festa, os ex-alunos que lhe deram grande imponência, com as suas brincadeiras carnavalescas. No Domingo e 3.<sup>a</sup> feira de Carnaval, um grupo de ex-alunos, promoveu um baile de confraternização; testemunhando êsses ex-alunos, que em resposta ao artigo «Pró-União» por J. de Mascarenhas publicado no n.<sup>o</sup> 34, alguma coisa se irá fazer de notável. Oxalá, que já é tempo.

*A Direcção*

## SECÇÃO SCIENTÍFICA

### A IMPRENSA

(Continuação do n.<sup>o</sup> 32)

As primeiras letras empregadas eram de tipo de então — letra de *fôrma* e letra de *soma*. Embora se chame gótico a êste tipo de letra, êle nada tinha com o alfabeto Godo sendo sômente uma transformação do alfabeto latino, generalizado mesmo naquela época.

Foi Nicolau Jenson, que indo à Alemanha, estudar o novo processo, fundou uma officina em Venesa, onde adaptou os caracteres semelhantes ao do tipo das chancelas. No comêço do Século XVI, as nações católicas adaptaram rapidamente o novo tipo de impressão. Os protestantes continuaram a fazer uso do gótico. Na aurora da nova arte os titulos dos capitulos eram escritos manualmente.

Mais tarde empregaram-se as iniciais na impressão e os impressores mandavam iluminá-las nas encadernações de luxo.

Também se não usavam os frontespícios. A encadernação era feita por cadernos de quatro fôlhas de impressão encasadas. Em vez de se marcar os cadernos numerados em baixo para orientar o encadernador, êles imprimiam ao fundo de cada página a primeira sílaba da primeira palavra da página seguinte.

Usavam o *registrum* ou a lista dos cadernos, que collocavam ao fundo do volume. O *Colo-*

## Renascença

fora era a assinatura do impressor, juntamente com a data e o local onde se terminava a impressão da obra.

Da-se o nome de *inconabulos* aos livros anteriores ao ano de 1500, quer sejam *tabulares*, *xilográficos* ou *tipográficos*.

Foram vários os impressores notáveis e autores de caracteres na Europa nesta época. O tipo criado por Aurlize e Didot atingiu a máxima perfeição, e as suas obras foram consideradas um primor da arte tipográfica.

Daqui por diante até ao Seculo XIX o progresso tornou-se moroso. A impressão do jornal nos últimos anos começou a espalhar-se. De então para cá o desenvolvimento da fundição de tipos, e impressões, é verdadeiramente artístico, começando a tipografia a adquirir lindos ornamentos, cursivos de fantasia vinhetas e filetes.

E a arte a-pesar do aperfeiçoamento da máquina rotativa de grande velocidade, da rotativa de ilustrações de fotozincos; de foto-gravura, da impressão em relêvo, e da máquina de compor, que tem progredido duma maneira espantosa, não se sabe ainda a que primor chegará!

Embora tivesse omitido alguns nomes célebres na arte de imprimir, não poderei deixar de mencionar o de Bodoni, célebre impressor e gravador distinto, nascido a 1740 em Piemonte e que foi morto em Pádua em 1813.

Fêz edições verdadeiras obras primorosas, o que lhe valeu uma pensão estipulada por Napoleão de 1800 frs.

Finalmente Étienne Dolet, escritor, poeta, orador, e impressor em Leon, foi capturado por questões religiosas e a 3 de Agosto de 1546 foi queimado. O infeliz foi vítima das suas ideias filosóficas. Em 1886 erigiram uma estátua à memória dêste grande vulto na Praça Mambert em Paris.

E tal é hoje o papel importantissimo da imprensa!

E embora não possamos atribuir o seu descobrimento a um determinado individuo, sem receio de errar, o que é certo é que à volta do nome de Gutemberg, tem corrido e correrá sempre o preito da gratidão e respeito para êsse homem que fêz percorrer o pensamento aos lugares mais obscuros, o principal factor para o desenvolvimento da instrução.

*Dagoberto Santos*

2.º ano do curso oficial



O nosso ex-camarada Ribeiro que se encontra no Sanatório do Lumiar, agradece reconhecido o desvelo que a Direcção do Instituto para com êle tem tido.

Sabe-se que a partir da tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453, grande número dos habitantes desta cidade, que era então o foco donde irradiava a luz da sciência que ia iluminar todo o mundo culto, fugindo às perseguições dos temiveis invasores vieram-se refugiar nos países do Ocidente principalmente na Itália.

Entre os aventureiros de tôda a espécie que vieram oferecer os seus serviços aos Ocidentais, não faltavam os sábios e artistas, que sendo admiradores das obras da civilização Clássica, causaram uma verdadeira revolução literária, scientifica e artistica na Europa, sendo por assim dizer os mensageiros duma sorridente aurora, anunciando aos povos do Ocidente a era da sua supremacia intelectual.

E de pé em tôda a sua pujante beleza erguem-se os encantadores aráutos Dante, Petrarca e Bocácio que indicam a maneira como a Humanidade poderá retemperar o seu pensamento inspirando-se na Fonte onde os antigos haviam encontrado tôda a sua fecundidade.

Quasi ao mesmo tempo aparecem nalgumas cidades da Toscana, especialmente em Pisa e Florença, artistas célebres. Escultores como Donatello e Luca dela Róbia que esculpiram em pedra, Ghiberti que esculpindo em bronze produziu obras admiráveis entre as quais sobressaem pela sua maravilhosa beleza as portas do baptistério de Florença.

Arquitetos como Brunelleschi e Ghioto que fizeram respectivamente a cúpula e a torre da catedral de Florença.

Pintores como Ghioto que tendo sido também arquiteto produziu obras de extraordinária correcção como são os frescos do cemitério (Campo Santo) de Pisa.

Êstes artistas chamam-se os precursores da Renascença porque são êles que a preparam. A Renascença faz-se datar segundo alguns escritores, a partir do ano em que aparece a Divina Comédia de Dante.

Os homens da civilização Clássica, os gregos e os romanos, amaram a natureza e nela encontraram tôda a sua vitalidade. A Renascença descobrindo o segredo dessa força, despendeu-a em emprêsas de tôda a espécie.

E é assim que nesta época aparecem os poetas cheios de inspiração como Ariosto o autor de «Rolando o Furioso»; Tasso, o poeta dos tristes e graves queixumes que escreveu «Jerusalém Libertada»; Luis de Camões o grande épico, a mais resplandecente glória da nossa pátria tão decaída do seu esplendor de outrora.

E' Camões quem encarna dumã maneira mais completa o verdadeiro amor da pátria e é na sua obra que tanto o imortalizou, os «Lusiadas» que todos os bons portugueses poderão encontrar alentos para assistir ao derradeiro momento desta pátria moribunda cuja agonia começou há mais de quatro séculos; Cervantes o soldado de aventuras, que no seu D. Quixote põe a ridículo as aventuras da cavalaria medieval; Shakspeare escritor de uma fantasia encantadora e admirável lirismo.

Os grandes obreiros do pensamento como Lutero que insurgindo-se contra o dogma e reforma; Calvino reformador da igreja como Lutero, foi no entanto mais radical.

Escritores como Montaigne e Rabelais de genial inspiração satírica; Machiavel, autor cómico, historiador e político astucioso; Erasmo filósofo de uma estranha ironia foi sem dúvida o mais célebre humanista.

(Continua)

Graciano Vilarigues

6.º ano comercial

## Curiosidades

Com a devida vénia traduzi do livro *Ré-creations Mathématiques* esta curiosidade matemática.

— Adivinhar numa reunião a hora a que uma pessoa tenciona levantar-se no dia seguinte.

Regra a seguir: «Escrevem-se os 12 primeiros números sobre 12 cartas, collocando-as depois por ordem, em cima duma mesa dispostas em circulo. Voltam-se depois as cartas e toma-se sentido na situação da carta n.º 1; pedindo-se depois a uma pessoa que toque numa das cartas, da qual se sabe o número visto que se conhece o lugar da primeira carta. Junta-se doze a este número e diz-se o resultado à pessoa, pedindo-lhe para contar desde aquele número sobre as cartas, até àquele resultado no sentido do dos números decrescentes, começando a contar na carta que tocou até à hora a que deseja levantar-se. Pede-se lhe para voltar a carta em que ela acabou, e essa hora estará lá escrita.

Exemp.: Se a pessoa pensava em se levantar às 8 horas e tocou na carta n.º 7 ela contará até 19 = (12 mais 7) começando a contar para si o n.º 8 sobre a 7.ª carta, o n.º 9 sobre a 6.ª, o 10 sobre a 5.ª e assim sucessivamente ela terminará a contagem infalivelmente na carta n.º 8.

### Demonstração:

Se a partir da 7.ª carta, a pessoa conta até 19 começando por 1, ela dará necessariamente uma volta contando até 12, e chegará ao n.º 1 se contar até 19, mas visto que ela começa em 8, ela deverá ficar na n.º 8, isto é, na carta que marca a sua hora.

Trad. por Jaime de Mascarenhas.

## SECÇÃO LITERÁRIA

### O Pupilo

De manhã cedo  
Presto e ledo,  
Lá vai subindo  
A rude encosta...  
Vénus fugindo  
Corre apressada,  
Temendo os raios  
Da Madrugada...

E os passarinhos  
Deixando os ninhos,  
Vêm-no saudar  
Alegremente;  
Nesse trinar  
De melodias  
Dão-lhe sorrindo,  
Os seus «bons dias».

E no seu canto,  
Cheio de pranto,  
Cheio de amor,  
Ele se enleva;  
E a sua dor  
É mais suave  
Quando pipila  
A lesta ave.

Os seus gorgeios  
Tristes anseios  
De alma dormente  
E imaculada,  
Só é os sente  
E é os adora  
Porque esse canto  
Dentro em si mora.

E mais contente,  
Sobe ridente,  
Sem um gemido,  
O agreste monte,  
Embevecido  
E descuidado  
Porque um amigo  
Tem a seu lado.

Abilio Quadros

6.º ano comercial

## AO LUAR...

Original de Jaime de Mascarenhas

(Continuado do número anterior)

Leonardo vira o desejo que manifestava Sobral de saber da sua amargurada vida, e antes que a sua boca desse qualquer resposta, a sua face constrangeu-se; e pelo seu olhar dir-se-ia ter passado o sópro lancinante que devora e consome insensivelmente as almas generosas.

Num relanciar levantou a sua fonte pendida e fitando o velho disse-lhe: cumprirei o seu desejo, se bem que me custe avivar a dor infinda, que só com a morte terá fim.

— Oh! sim conte; conte; vamos para a sala. Não sente que a infelicidade é mais suave, quando sabemos que alguém também padece por nós? Ai, não poderem estas minhas cans, dar-vos a ventura que para mim me mostrá a sua branquidão. Não poderdes fruir num cantinho do meu coração, a sua imagem ridente e deleitosa de outrora, que ainda hoje nêlo florece, tal como num céu estrelado scintilam ainda as últimas estrélas que o dilúculo vem obscurecer!...

— Bondoso senhor, como eu vejo que as vossas santas palavras se assemelham ao suave perfume que a minha alma busca, na utópica realidade que só em sonhos de arminho se sabe idealizar... Ouvei pois a desditosa sina, de quem com a alma morta, pela terra vagueia, como espectro errante.

Leonardo e Sobral acabavam de chegar à sala; um cheio de angústia e o outro de com-padecimento.

Puxaram para junto da mesa duas afodadas cadeiras e assentaram-se, predispondo-se o ancião para o escutar.

E depois começou uma narrativa chorosa, triste, condolente, acompanhada de soluços de angústia.

— Contava 20 anos e nunca êsses affectos fortes e irreprimeis, que dizem atormentar os corações na juventude, me haviam ainda enleado. Os romances amorosos, considerava-os eu como floreios literários inconcebíveis na vida real. Li o *Eurico o Peresbitero* e êsse amor imortal que o infeliz asceta sentia pela Ermengarda, que não sendo correspondido o impelia cruciado por tanta amargura a vaguear pelos montes do Calpe, ou pelas ribas fragosas do oceano envolto em suas roupagens de presbitero, passava para mim como

o sonho mais fútil mergulhado na doce e mística poesia.

As minhas aspirações limitavam-se somente entre o positivo e o irrealizável, entre a realidade e a sombra enganosa do mistério.

Tal era eu quando mais outra primavera passou pela minha existência, ornada de doçura, viva de entusiasmo. Frequentava então o 1.º ano de Direito na Universidade de Lisboa. Ides agora ouvir a passagem triste da minha vida que começou o ano passado.

Sou órfão de pai. Minha bondosa mãe, as férias passadas por Agosto, encontrando-me extenuado de tanto trabalho intelectual, insistiu comigo para que fôssemos passar a temporada de banhos para o Estoril.

Sobral desde que se sentara, não tinha ainda desviado nem os olhos nem a atenção do seu amigável hóspede; mas ao ouvi-lo falar naquela praia, o seu rosto tomou uma outra expressão mais suave e perspicaz.

— Diga-me, Leonardo, em que mês é que partiu para lá?

— Em Agosto.

— Lindo mês para veraneiar; também eu com minha filha e irmã costumávamos ir para lá todos os anos, mas êste verão foram só elas. São a minha única família...

E dizendo isto, passou um vago relancear de olhos pela sala, como se as suas espessas paredes fôsem testemunhas do que se dizia.

Entretanto notava-se que nestas palavras havia o que quer que fôsse que impressionara o mancebo.

— Foi no Estoril, que se extinguiu o brilho da minha estrêla rutilante, que parecia reflectir-me a felicidade em sorrisos descuidosos...

— a ilusão! — Numa dessas noites diáfanas e tépidas de Agosto, em que no céu dum azul tão puro, miríades de estrélas nitidamente scintilavam como ciosas do arrebol cerúleo em que se espreguiçavam, mudou-se de súbito o sossêgo da minha alma...

Fôra aquela mudança tão rápida e inexplicável, como é lúgubre e aterrador o desencadear da tempestade brutal, que nas noites tristes de inverno, vem envolver o nosso pensamento nos terrores incertos, dispersos pela face da terra... e então as nossas almas frias, emmudecem de terror!

**O velho****Pobre rapaz!**

Ainda era longa a caminhada.

A estrada estendia-se tortuosa manchando o verde dos campos.

Um velhinho cançado, recostou-se ao tronco duma árvore, que perdida no meio da campina, se erguia, mostrando os seus fortes ramos já caducos.

De repente, e como desvairado, pôs-se a olhar para a velha árvore. Os olhos muito abertos pareciam querer-lhe saltar das órbitas, as faces tremiam-lhe convulsivamente.

Oh!... como êle se lembrava.

Neste momento um marejar de lágrimas, perpassou-lhe as faces já rugosas.

Sim!... era ela a mesma que os cobrira um dia pela primeira vez, na doce comunhão dos affectos. Era ela, a árvore que outrora os vira felizes; e ela a infeliz que ali mesmo lhe falara tanto, lhe prometera tanto, cá estava sòzinha no canto do cemitério.

O corpo do velhinho, tremeu, vacilou e caiu finalmente com o coração opresso pela dor.

A lembrança da sua companheira, que tão só, lá longe, debaixo da terra, amargurava-lhe o coração. O seu corpo cheio de desespero rolava pelo chão; os seus dedos afilados arrancavam os cabelos alvos de neve; porém no meio do desespero firmou-se de repente e erguendo-se louco e desvairado começou a percorrer pelo tronco da velha árvore, os dedos frouxos e magros.

Ah!... nesse carcomido tronco, estavam traçados sinais, representativos dum passado feliz e que êle bem conhecia.

As suas trémulas mãos iam e vinham seguindo atentamente tôdas as suas depressões; sua vista não se fartava, seus dedos não se cançavam.

Porém, a escuridão já se manifestava, o dia ia findar. E quando a sombra envolveu a velha árvore, os olhos do velhinho procuraram ansiosos naquele espaço sem luz; e afinal cançado, sem ver, sem saber, caiu por terra extenuado. E ao tombar seus dedos se agitavam sôfregamente o ar como querendo agarrar ainda o último sôpro de vida que lhe escapava.

**Fernando Corado**

7.º ano comercial.



A publicação ilustrada de *O Profissional*, será o n.º 37-38, e referente aos meses: Abril e Maio.

Aquele dia monótono e triste encontrava-se envolto em melancólicas trevas. Cantava ao longe um galo, um canto repassado de mágoa em plangentes acordes da sua cristalina voz. As nuvens, densas, carregadas, tornavam a atmosfera mais tenebrosa ainda.

E aquele dia era o da partida... la deixar a mãe, o pai, e tudo, e todos, na aldeiazinha onde nascera, onde vicejava o seu espirito pueril, onde, por assim dizer êle vivia, sem contudo ali se encontrar. Era ali que se alimentavam as suas esperanças e persistiam as suas saudades...

Mas o Dever, êste sagrado idolo que dirige os entes, impunha-lhe a que partisse...

Trocaram-se affectuosos abraços num frenesi de dor, soluçam os entes queridos, enquanto êle, fazendo-se forte, procura consolá-los, mas — para que negá-lo? — com vontade de chorar também... É parte...

De vez em quando pára, volta-se para traz e as lágrimas afloram-lhe aos olhos, mas pode vê-lo alguém e por isso tenta ocultá-las a quem passa.

Vai se extinguindo pouco a pouco o cântico do galo; a vida parece querer abandoná-lo.

A estrada por onde seguia era ladeada por frondosos pinheiros. Ai, entre essas duas grandes colunas de árvores ninguém o vê; olha pela derradeira vez as casinhas brancas de neve da sua aldeia que alvejam ao longe, e duas grossas lágrimas, semelhantes a duas camarinhas, rolam-lhe pelas faces, sem sentir sem poder evitá-las, num êxtase de delírio.

(Continua)

**Abílio Quadros**

6.º ano comercial

**A minha pátria**

És tu, ó pátria minha omnipotente,  
Que estás sonhando glórias já passadas?  
Que te assemelhas a estrêla cadente  
Desmaiando na luz das alvoradas?  
Pátria que o mundo dominaste outrora,  
E que do mar quebraste a vaga irada,  
Levanta a tua fronte aureolada  
P'ra ver se a noite finda e nasce a aurora.  
Esp'rança em Deus, tu hás de reviver,  
Ó nação nobilíssima e leal,  
Que cada filho teu possa dizer:  
A terra mais ditosa é Portugal.

**João Pires Antas**

3.º ano Industrial.

## SECÇÃO DESPORTIVA

### «Foot-Ball»

#### Contra a Escola Académica em 16-1-1921

—Está uma tarde esplêndida, os nossos jogadores impacientes esperam o momento em que pela primeira vez nesta época se vão encontrar com um grupo aliaz de alguns conhecimentos desportivos.

Ouve-se o primeiro silvo e os jogadores entram no campo; o esférico salta de um lado para outro notando-se grande entusiasmo de parte a parte. Procede-se à escolha de campo, competindo ao capitão do nosso onze.

Os jogadores alinham-se, o jogo começa e logo a aza direita desce, carrega com bastante energia durante algum tempo. A Académica conduz a bola ao nosso campo a qual é devolvida por um bom pontapé da meia defeza direita, conseguindo o nosso adversário atacar de novo, mas devido a um mau remate o seu feito é nulo.

O Instituto agora é um pouco dominado conseguindo o guarda rêde pôr livre o campo, motivando isto um ataque nosso sobre Escola Académica, que quando um jogador adversário tentava aliviar dá acesso a um canto sendo marcado pela nossa direita o que originou uma grande confusão junto das balizas. É então que a meia direita aponta às rêdes mas por efeito do vento, a bola bate numa trave que a esquerda tenta aproveitar dando lugar a novo canto sendo este mal aproveitado. A Académica ataca o nosso campo que a defeza direita inutiliza.

Nota-se agora um constante carregar da nossa parte mas devido a não haver remate termina a primeira parte por 0ª a 0.

Após o descanso o jogo recomeça havendo ansiedade pelo resultado final. Dão-se no entanto de parte a parte algumas fugidas inérgicas pelos extremos mas o resultado não se altera e o jogo finda com o empate de 0 bolas a 0. Não obstando termos dominado um pouco mais.

Nos nossos jogadores notou-se grande vontade de jogar bem, no entanto salientaram-se o centro e a direita que tiveram lindas ocasiões a ponta esquerda foi o ponto mais fraco do onze.

#### Contra a Escola Nacional em 23-1-1921

—O desafio estava marcado para as 10 horas mas por não cmparência do juiz de campo começou às 11 e meia.

A Escola Nacional entra em campo com 9 jogadores, conservando-se assim, o que nos assegura o predomínio.

Aproveitando êste ponto fraco nota-se alguma superioridade da nossa parte, que origina o abuso do *dribling* prejudicando o bom jogo. No primeiro tempo a bola entra por 3 vezes nas rêdes adversárias, as nossas são apenas atingidas por uma única bola que dá lugar à sua primeira bola, motivada por uma precipitação do nosso guarda rêde, e assim finda a primeira parte.

Depois do descanso regulamentar o jogo recomeça notando-se a nossa supremacia sobre a Nacional, pelo que se marcam mais 3 bolas para o nosso activo, uma das quais marcada com um esplêndido pontapé do nosso médio direito ao aplicar uma penalidade; a Nacional consegue no entanto furar de novo as nossas rêdes marcando a sua segunda e última bola.

Termina assim o desafio com a nossa vitória de 6 bolas a 2.

Do nosso «onze» jogaram bem os médios que distribuíram bem o jogo, fraquejando muito a ponta direita. O centro e a meia esquerda, foram os que fizeram mais jogo individual procurando assim uma glória para si e não para o grupo a que pertenciam.

Mário A. J. Figueiredo

4.º ano comercial

## A Associação dos ex-Pupilos

Ao completar a composição deste numero, tivemos o feliz ensejo, de informar todos os nossos leitores, do seguinte:

Que se reuniram em assembleia no dia 27 de Fevereiro, na redacção de *O Radical*, os nossos ex-colegas, para discutir a constituição da nossa futura Associação. Depois da discussão das bases apresentadas pelos ex-alunos deste Instituto e alunos do Instituto Superior do Comércio; Beato, Monteiro e Vieira, ficou no espirito da assembleia a seguinte aclamação.

José da Cruz Barroso Junior Presidente, Carlos Beato, Raul Monteiro e Mário Vieira, secretários.

A mesa era presidida pelo nosso ex-camarada Manuel José Lucas de Sousa, secretariado pelos ex-alunos Mário Calado, funcionário do Ministério do Trabalho e Teobaldo Mestre, aluno do Instituto Industrial.

A Direcção de *O Profissional*, foi convidada para a solenidade, e foi saudada na sua pessoa do seu Director, pelo nosso ex-colega Barroso Junior.

A falta de espaço inibe-nos de promenorizar as ocorrências, o que faremos com prazer no próximo numero. — *A Direcção*.

## Secção Humorística

— É possível, duquesa, aquilo que me disseram a seu respeito?

— ? !

— Disseram-me que estava para casar com um homem desconhecido no nosso meio, um homem sem nome!

— Então que tem isso de extraordinário, minha cara baronesa, não vale mais um homem sem nome que um nome sem homem?



Um homem muito rico, mas muito avarento cuja herança era cubiçada por um sobrinho, recebia dêste, amiudadas vezes, magníficos presentes, e o avarento nem ao menos se lembrou de gratificar o criado que lhos levava. Êste, furioso contra o velho, um dia em que lhe levou um novo presente, um casal de perus, atirou-lhe com êstes aos pés e disse-lhe com mau modo:

— Aqui estão êstes perus que lhe manda o meu amo.

— Malcriado! disse-lhe o velho indignado, isso são maneiras de entregar um presente? !

— Ora essa, respondeu o criado, como queria então que eu lho entregasse?

— Dêste modo, retorquiu o velho, um pouco de educação não custa dinheiro a ensinar. E, pegando nos perus, voltou-se para o criado, tirou o chapéu e disse-lhe:

— O meu patrão deseja-lhe muita saúde e ao mesmo tempo envia-lhe este casal de perus, pedindo mil desculpas da insignificância da oferta. Era assim que devias ter dito, bruto.

— O criado, porém, tinha se empertigado, e, tirando da algibeira uma moeda de cinco tostões, pegou nos perus, dizendo para o velho:

— Dize ao teu amo que não tem de que me pedir desculpa, antes, pelo contrário, sou eu que tenho a agradecer-lhe a amabilidade da lembrança o que à vista farei. Toma para ti uns cinco tostões e bebe com êles uma garrafa de vinho à minha saúde. Assim é que é, seu suvina. E metendo os cinco tostões na mão do velho estupefacto, voltou costas e foi-se embora com os perus.



Um estudante de matemática, está arreliado porque um problema não bate certo.

Diz-lhe o companheiro, pudera multiplacaste ambos os numeros da igualdade por 10, e um que era zero. ficou do mesmo tamanho! Devia ser dez vezes maior.

## Secção Charadística

Decifrações do número anterior :

Em frase — Barbacã

Decrescente — Chávena — chave — chá

Tipográfica — Bemol

Sincopada — Pêssego — pêgo

Mefistofélica — Cana — neta — caneta

Combinada — Pupilo

Telefónica — Magno — lâ — magnólia

oooooooooooo

**Enigma**

Se tirardes a esta horrível doença a última sílaba e o acento da primeira, ela dar-vos há leite.



**Geográfica**

Olhei a mulher da fortaleza.

Terra portuguesa

*Ancomar*



**Mefistofélica**

2 — A montanha que admoesta é uma planta. 4 — 1 = 3



**Rápido**

1 — 2 — 3

bebida

4 — 5 — 6 — 7

instrumento

embarcação

*João do O*



**Telefónica**

Terrim... terrim...

— Está lá?

— Sim. Diga.

— Uma coisa: ela estava escondida — 3

— E a outra troçava — 2

— Ah! eu bem vi debaixo da mesa — 5



**Tipográfica**

2 NATEJO



**Em frase**

Esta nota aqui serve para cortar — 1 — 1

— Aqui o homem gosta do animal — 1 — 2

— O membro da ave tem uma joia — 1 — 2

*Toneca*



MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

Administrador  
Mário dos SantosCORPO DE REDACÇÃO  
Júlio Gonçalves, A. Quadros, redactor principal  
F. Corado, secretárioDirector  
Jaime de Mascarenhas

N.º 36 — 6.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Março de 1921

## A nossa mágoa

Nos floridos devaneios da mocidade irrequieta, nós seguimos com tibieza e indecisão, o caminho matizado de alegrias e de venturas. Mas essas flôres que fazem côro com o canto da nossa alma, cheias de viço, de frescor, de impetuosidade, vergam como nós à lei inquebrantável do Destino — a Morte.

Como nós envelhecem, e primeiro que nós morrem em nossos corações, ficando para trás os seus lindos cantos reboando nos prados da infância, deixando-nos somente a alimentar a velhice uns hinos de saúde, uns acordes suaves e longínquos duma vida que passou e não volta mais...

Assim corriamos nós ledos e descuidados, nesse caminho florido, uns beijados ainda pelos raios difusos da aurora da vida, outros já um pouco queimados pelos seus raios oblíquos; mas todos nós risonhos, levianos e imprudentes ainda.

E corriamos, corriamos, enquanto em nossos puros corações, vegetavam os mais nobres sentimentos, a mais grata amizade que vamos consagrar a quem velava o nosso sonho de venturas; pois a Mocidade é o Sonho aureolado da Vida, e a Velhice talvez o pesadelo.

E tal como um pintor sublime que esboçou na sua tela, os mais vivos e fiéis encantos da

Natura, assim nós pintávamos a quem nos velava o Sonho, o mais formoso quadro que pode idealizar a alma infantil. Era essa obra prima a homenagem mais encantadora, a expressão mais viva dos nossos sentimentos, uma festa de despedida a quem ia deixar o nosso convívio.

Mas oh, o pintor que tinha agora modelado na sua tela os maravilhosos encantos, cego de desespêro e sem extasiar perante a beleza original do seu quadro, aí, só via com desgosto, uma cambiante de luz mais carregada, mais escura, que lhe parecia amortecer o primor da sua alma artística! E não vendo mais, num cego desvairamento, considerou irremediável aquela pequenina mancha e desconfiado do seu talento, borrou loucamente com uma pincelada fatal a perícia das suas aquarelas!

Foi então que passado tempo, arrependido e chocado de comoção, pegou no seu perdido trabalho e fitando-o tristemente com um choro na alma, disse: « no fim de contas estraguei uma das mais lindas telas, que ainda saíram de minhas mãos! »

E como êle também nós os Pupilos do Exército, nem sabemos descrevê-lo, cegos de leviandade, quasi mudos de sentimentos, sufocámos, agrilhoámos inconscientemente por causa duma palavra vã, o nosso quadro de gratidão, a nossa festa carinhosa, ornada de justos sentimentos, sem nos extasiarmos perante a

acção mais digna, mais justa que iam praticar.

Porém nós, do que o artista fomos mais crueis, fomos ferir a quem dedicávamos a festa sem o saber, fomos magoar quem estimávamos altamente; êsse alguém a quem magoámos, foi oh, infelicidade, o nosso ilustre e esclarecido Director o Ex.<sup>mo</sup> Coronel Romeiras de Macedo, três dias antes de partir para a África.

E vedes como são enganosos os passos da Mocidade?! Sonho ornado de encantos, ao lado de precipícios da tristeza e da amargura; acastelados sorrisos de fadas, erguidos aqui e além, entre os terrores incertos que agrilhoam os nossos cérebros; sono que necessitamos que nos velem, para que não acordemos sobresaltados dum sonho de idílios. Mas é assim... e quando já não precisamos que o acalentem, está no Zénite o Sol da nossa Vida; é então que morre o sonho lindo e nasce o pesadelo!...

Março de 1921

## UM HINO

Num meio escolar um hino faz, por assim dizer, parte da vida do aluno; cada um dos seus acordes é uma molécula do corpo dêle e com êle experimenta as suas alegrias e as suas mágoas.

O hino dá-lhe alma, força e coragem; entusiasma-o para o trabalho quando a modorra o tenta subjugar, avigora-o quando está prestes a ceder a qualquer embate que o pode vencer, reanima-o se acaso pode encontrar-se extenuado pelas aulas.

É um estimulante do estudo e um lenitivo para a dor. Por isso nós, alunos dêste Instituto, precisamos dum hino.

Já nove anos decorreram após a fundação dêste estabelecimento e ainda não conseguimos essa aspiração.

Quere isto dizer, que não tenhamos cá dentro elementos capazes de levar a cabo êsse fim? Não, decerto que não, e se ainda ninguém o fez, foi, naturalmente, porque causas especiais se obstruíram a isso. No entanto, estamos convencidos que o nosso intento será realizado em relativamente curto praso de tempo.

Já o ano passado se falou nisso, mas falou-se por falar, como acontece com um grande número de assuntos, que após breves colóquios são votados ao esquecimento e que mui-

to úteis se tornariam se êsse entusiasmo não durasse mais que rápidos momentos de conversação.

Parece ter sido isto o que sucedeu o ano passado com o assunto de que tratam estas breves palavras; e o hino continuou no rol dos esquecidos.

Actualmente fala-se outra vez, embora dum maneira frouxa, no nosso futuro hino, não sei se conseguiremos êsse nobre ideal que mais alto virá pôr o nome do Instituto.

Oxalá dentro em breve alguém se proponha ofertar-no-lo, para que alegremente o entoemos, a dentro as portas desta casa, onde vicejam as nossas esperanças e o nosso futuro.

Abílio Quadros  
6.º ano comercial.

## A FUTURA ASSOCIAÇÃO

Professam já lá fora, desenvolvendo a sua actividade nos diferentes misteres da vida, dezenas de rapazes que foram nossos companheiros e amigos.

Forçoso se tornava notar a falta de existência dum maior estreitamento de relações entre os alunos saídos dêste Instituto.

Efectivamente se a ideia de associação sugeriu no cérebro de alguns, não era infelizmente secundada pela maior parte dos nossos ex-colegas, que de certo, mercê de qualquer influência, a qual eu me abstenho de profundar, não mediam bem os erros que a inacção da sua vontade os poderia arrostar.

Porém novamente se insiste na necessidade de uma união intensa e desta vez parece com resultados satisfatórios, pois no dia 27 de Fevereiro último, realizava se nas salas do jornal *O Radical* uma reunião, para a qual foram convidados a maioria dos ex-alunos.

Pouco depois das 14<sup>1/2</sup> horas tomou a presidência da mesa o ex-aluno Lucas de Sousa, escolhendo para o secretariado os nossos ex-colegas, Teobaldo Fernandes e Mário Calado.

Aberta a sessão procedeu-se à nomeação da comissão encarregada de elaborar o programa dos estatutos, ficando assim constituída: director, Barroso Júnior, secretários, Monteiro, Vieira e Beato. Seguidamente o nosso ex-colega Vieira leu um relatório no qual asser-tavam as bases dos futuros estatutos da associação sendo por unanimidade aprovado.

Propôs-se também uma comissão de 3 vogais, para auxiliarem os trabalhos da comis-

são organizadora, sendo essa proposta reprovada. Ficou contudo ao arbitrio do Presidente a escolha de quaisquer auxiliares, se isso for necessário.

Num hábil discurso o nosso ex-camarada Barroso, pôs em evidência a acção educadora do Instituto, incitando todos ao trabalho para o levantamento da nossa querida Pátria e para honra e glória da República que fêz deles uns homens úteis ao seu país. Não esquece a urgente necessidade duma extrema união entre os ex-alunos, pois que só assim, a propaganda do Instituto será completa.

Admira-se da não comparência, naquele local, de alguns elementos com que elle contava, mandando por fim para a mesa uma moção de sentimento pelo falecimento dos nossos ex-colegas Isidoro e Miguel conservando-se a assembleia em silêncio pelo espaço de tempo de 2 minutos.

Pede-nos também o orador que por intermédio do nosso mensário façamos saber às famílias enlutadas dos nossos chorados companheiros, o voto de sentimento manifestado naquela assembleia.

Já passava das 16 horas, quando o presidente da mesa mandou encerrar a sessão.

Honra-nos sobremaneira, a nós alunos do Instituto, este gesto dos nossos ex-colegas, que há de contribuir, se não contribuiu já, para estreitar mais os laços de solidariedade que existem entre os alunos deste Instituto.

*Fernando Corado*

7.º ano comercial

## SECÇÃO SCIENTÍFICA

### Renascença

(continuação)

Paracelso, o alquimista que procurando o elixir da longa vida e a pedra filosofal, descobriu o zinco e o mercúrio.

Copérnico, o descobridor do sistema do Universo que Galileu vem confirmar a-pesar da Inquisição.

Pedro Nunes, célebre matemático e astrónomo ilustre, que fêz várias descobertas referentes à teoria dos crepúsculos, indicou o menor do ano e inventou o Nónio, instrumento dum valor incalculável em astronomia para medir os minúsculos espaços e de que Kepler se serviu para medir as órbitas dos planetas.

Artistas maravilhosos, entre os quais pode-

remos citar Leonardo de Vincci, que se notabilizou como sábio, engenheiro, e sobretudo como pintor, precioso ornamento da cõrte de Francisco I, que nos legou obras surpreendentes como o célebre fresco *A Ceia do Senhor*, que se encontra na igreja dos dominicanos em Milão; o quadro *Ghioconda* e tantos outros que se encontram espalhados pelos principais museus da Europa. Rafael o «Divino», que o papa Leão X muito protegeu e ao serviço do qual o seu maravilhoso pincel executou *A Sagrada Família* e vários frescos na capela Sixtina. Miguel Angelo, pintor, escultor e architecto, estupendo colosso que aliando o génio ao trabalho produziu obras sublimes como pintor; o fresco *O Juizo Final* que se pode ver na capela Sixtina; como escultor a estátua de Moisés, para o túmulo do papa Júlio II, e a Pieta como architecto, a cúpula da cathedral de S. Pedro isto entre as suas innumeráveis obras. Bramante, architecto exímio, que dirigiu a construção de grande número de palácios e deu os planos para a cathedral de S. Pedro e do Vaticano.

Vasco Fernandes (Grão Vasco) insigne pintor, que se distinguuiu principalmente na representação da vida e do vulto em que foi inimitável; produziu obras prodigiosas como o S. Pedro e o Calvário, além de outras que se encontram na Sé de Viseu e que muito justificadamente lhe são atribuídas. Robinson, fêz o elogio de Grão Vasco em duas palavras: «O S. Pedro, diz o ilustre escritor inglês, é sem dúvida uma grande obra de arte e illustraria uma grande galeria de pintura; vale bem a pena fazer uma viagem a Portugal para o ver».

Hans Holbein, prestimoso pintor que a Inglaterra chamou a si a pêso de ouro, Albert Durer, cujo buril a Alemanha ainda conserva ciosamente.

Ao lado destes elevados pensamentos intellectuais, aparecem-nos por sua vez os célebres navegadores como Vasco da Gama, Colombo e Fernão de Magalhães, que ousadamente se lançam em frágeis caravelas em procura de novos mundos, arrostando com perigos inumeráveis e arriscando mil vezes a vida.

Conquistadores como Afonso de Albuquerque, sublime gigante duma energia inquebrantável, que conquista e funda no Oriente um enorme império com que engrandece a sua Pátria, e concebe o assombroso plano de conquista da Arábia, Pérsia e Egipto; plano este que a morte e as intrigas palacianas evitaram que realizasse. Alexandre Herculano chama-lhe o maior capitão de todos os tempos afora César e Bonaparte.

Capitães como Gonçalo de Córdova, e heróis como Bayard «le chevalier sans peur et sans reproche.»

Temos por fim um ciclo negro, que marca uma página bem triste na história e encerra por assim dizer esta época abençoada; formado pelos Bórgia armados do punhal e do veneno, e por Filipe II «o Diabo do meio dia» assassino de seu filho legítimo e de seu irmão natural, figura sinistra que as fogueiras do St.º Ofício iluminam com o seu feroz clarão.

*Graciano de Matos Vilarigues*

6.º ano comercial



## Os Maestros Compositores

Curiosidades psicológicas

Conforme a opinião de Paschoal Rossi, os artistas cantores e maestros compositores, devem agrupar-se com os trágicos, em virtude das suas semelhantes desigualdades psicológicas caracterizantes, embora os maestros compositores estejam colocados entre os *meneurs* mediatos e os imediatos.

Os mais exímios compositores da arte sublime da música, diz Rossi, apresentam um característico contraste, entre a sua fisionomia selvática dum semblante austero, e a brisa melódica, fresca e suave da sua música própria; tais como Wagner, Beethoven, Braahms e Bach. Entretanto com eles contrastaram Chopin, Schumann, Bellini e Verdi, que conforme diz o crítico Padovan, aproximam-se mais do espirito feminino.

A inspiração mais forte e ardente de Beethoven, brotou-lhe no coração, quando ao ficar surdo caiu sinistramente da mais viva alegria, para o desasprero atroz. Por outro lado Rossini que durante muito tempo passou uma vida de vagabundo, dá-nos a personificação dualística entre as terríveis vicissitudes dos homens e o gesto alegre e festivo da sua inspiração que se coadunava com a sua vida também desregrada.

As desigualdades psicológicas dos compositores, têm as características das dos *meneurs* trágicos. O grande músico Donizetti, quando era criança, as representações teatrais, impressionavam-lhe tanto que lhe roubavam o sono; e mais tarde as ovações de que era alvo, faziam-no cair à cama com bastante febre, durante alguns dias.

A unanimidade genial do músico, ou nasce na sua moldável inspiração melódica, ou é resultante duma educação persistente espiritual. Rossini, pertence ao grupo dos primeiros. As suas obras foram quasi tôdas compostas sob a

poesia dos raios difusos do despontar da aurora; porque era nestas ocasiões que êle vinha para casa, durante a sua juventude buliçosa, depois de ter andado tôda a noite em aventuras com os amigos e ceias com mulheres. E então em vez de se ir deitar entregava-se doida e furiosamente a rabiscar notas sobre o papel. Por outro lado Mozart, compôs o dueto D. João, quando lhe vieram trazer a notícia da morte de seu pai. A sua obra nasceu de duas fontes inspiradoras: uma a dor dilacerante da morte de seu pai; outra a presunção ambiciosa do sucesso que iria obter a sua obra. De dia a sua vida era de libertinagem com os amigos, e de madrugada triste e mediatubundo, com a alma cruciada por aquela dor profunda, no silêncio os seus olhos de lágrimas se arrasavam enquanto a sua mão trémula, traçava notas duma emotiva inspiração, conforme diz Rossi.

Enquanto o trágico, evoca paixões de ódio amor ou ternura, transmitindo-as à multidão, o músico evoca variados sons que tomam variada disposição no seu espirito, oferecendo diferente grau de comoção a quem as ouve, dependente da ocasião e do tom afectivo. Desta caracterizante conclui o citado critico, que os melhores compositores são aqueles que como Beethoven, a sua música produz sempre comoções diferentes, preferindo-se por isso às músicas imitativas duma marcha de tropas, tempestade ou a dor dum infeliz, aquelas que na nossa imaginação, nos fazem experimentar sensações e desejos que nos dão a ideia do Infinito. E não há dúvida que a comoção sublime que a música em nós produz, tem qualquer coisa de inexplicável e que num impulso misterioso, arrebatado e estonteante, nos transporta entre anseios da alma, para aquilo que não se compreende nem se descerra, mas que nos faz antever a irrealdade por entre os mil encantos que avassalam o nosso ser.

*Jaime de Mascarenhas*

7.º ano comercial



## A telefonia sem fios

É enorme a importância da telefonia sem fios, e colossal o desenvolvimento que tem atingido nos últimos tempos, mas mais ainda lhe pode ser exigido.

Assim, na opinião dos grandes sábios, (isso conseguir-se há) é possível dar ordens para um escritório dum automóvel em andamento, e resolver tantos outros problemas que hoje são causa dum grande estudo, por meio da telefonia sem fios.

Ultimamente foi aplicada à aviação, pelo que se pode já falar dum aeroplano para a terra, a pesar do ruído intenso do motor que não permite a comunicação entre o piloto e o observador.

Vejam os como isso se consegue:

Tudo se resume num *audion* de Lee De Forest, modelo aperfeiçoado e sólido, que permite receber e transmitir as ondas hertzianas.

O *audion* é um pequeno aparelho mas muito importante, sensível às correntes telefónicas e que amplifica os impulsos recebidos, tornando audíveis as transmissões telefónicas, nos casos em que a corrente simples não impressiona o telefónio receptor. Compõe-se duma lâmpada de incandescência cujo filamento, tem em tórno de si, mas sem o tocar, uma grêlha de fio de níquel, e, exteriormente à grêlha, duas placas muito delgadas e também de níquel dispostas em pontos opostos.

A corrente quando se recebe e que é amplificada, é conduzida pelo fio da grêlha, e a linha de saída está ligada a uma das placas por uma das extremidades e ao filamento pela outra.

Como a grêlha está entre o filamento e as placas, os iões, (transportadores da electricidade negativa) desviam-se quando da sua passagem da placa para o filamento. Daqui resulta uma variação proporcional da bateria local que reproduz com as mesmas formas de onda, as vibrações da voz humana.

Sucedendo assim nas fracas correntes da nossa voz, recebidas e transmitidas por fios, pensou De Forest, que o mesmo sucederia para a telefonia sem fios. E construiu um *audion* mais ou menos modificado, a que deu o nome de *transmissor oscilicn* De Forest. É êle um *audion* destinado a receber as ondas da corrente emitida pela voz, sôtre a linha do telefónio, transmissor, e descarregá-las da antena sob a forma de ondas hertzianas.

Quando a antena do avião, recebe a onda é conduzida ao *audion* que a amplifica e transmite ao telefónio que o aviador leva na cabeça.

O *oscilicn* e o *audion* são duma perfeição máxima.

A guerra veio ainda comprovar o alto valor da telefonia, e o aperfeiçoamento do telefónio sem fios, além do seu grande alcance militarmente é também de grande importância para a navegação aérea, certo que um futuro grandioso lhe está reservado tornando-a uma das maiores glórias da Humanidade.

Mário dos Santos

6.º ano comercial

## Secção Literária

### Pobre rapaz!

(Continuação)

Ecoam junto a si os cantares das camponesas, esguios, são, transbordando saúde.

Súbito, um dolente repicar de sino obriga-o a pôr por momentos o ouvido à escuta. Não se enganara: o sino da sua aldeia, do seu torrão natal, dobrava a finados! Que vãos pressentimentos o invadem... que imensas fantasmagorias o torturam...

Eis a vida, a vida em todo o seu apogeu, resumida nestes dois tópicos: nascer e morrer. Nascer! sinal tenebroso de tentar defrontar-se com os árduos espinhos que ela nos proporciona, sendo por fim obrigados a submetermo-nos às suas impias vontades, que loucura, que desatino!.. E a morte, a redentora amiga, que não olha a castas solvendo-nos todos do mesmo modo, que nos arrebatam sem pestanejar, num transe de infinita igualdade... Eis para que nos debatemos, soluçava o pobre rapaz, enquanto as últimas notas do sino se extinguíam pelos campos fora, espraiando-se nas campinas ridentes.

Meditabando, triste, dirigiu-se à estação onde embarcou seguindo o seu destino. O comboio solta um guincho inarticulado e põe-se em marcha. Era já noute.

Na luz bruxoleante do misérrimo candieiro da carruagem vê formar-se indiscretas imagens, que não eram mais do que os seus atrozes pensamentos em macabras fantasias. A claridade foi-se tornando indecisa até a escuridão ser completa.

As pessoas que estão perto d'êle começam a olhá-lo com desconfiança, mas essa má impressão em breve se desvanece. Dirige-lhes frases sentimentais, saídas do coração com infinita saudade por alguém que o não acompanha. Dentro em pouco algumas senhoras pegam nos lenços soluçando e enxugam as lágrimas!... Como deve ser triste a biografia d'êste rapaz, pensava eu do meu lugar!

O comboio acaba de parar; estamos em M. Apeio-me, visto ser para ali que me dirigia.

Naquella carruagem ficara somente o pobre rapaz, que, vencido pelo sono acabava de adormecer!

E eu imaginando como devia ser profunda a sua dor, parece que cooperando também da sua mágoa, dizia para comigo: pobre rapaz! pobre rapaz!

Abílio Quadros

6.º ano comercial

# AO LUAR...

Original de Jaime de Mascarenhas

(Continuado do número anterior)

Quando batiam as nove horas da noite, fui ao Casino e entrei na sala de baile, na qual muitos pares estavam dançando num doido corropio. Tive então aso de fitar um rosto sedutor como não vira ainda. Nisto um relance furtivo dos seus olhos fascinantes, produziu em mim uma comoção estranha. Senti um fogo interno a abraçar-me, e como que se a chama inextinguível meu peito consumisse e devorasse. Comecei a ver e a sentir que este anseio invulgar e arrebatado, tinha daquelas descrições poéticas de amor, que meus companheiros me relatavam, um intenso reflexo, agora já não illusório, mas real e perturbável.

Eu sei... eu sei... é que amava e pela primeira vez.

— Foi naturalmente um amor não correspondido que o feriu pungentemente?

— Ouça, ouça; não interrompa a história cruel dum desgraçado, cuja dor crescente de continuo lhe dilacera o coração desde aquela noite!

A presença daquela mulher, não só me atormentou o cérebro, como também me fez o passo vacilar. E eu a exercer sobre mim um esforço enorme para que os convivas não notassem a comoção que me invadia. Era imensa a vontade que eu tinha de desviar os olhos dela, mas causa estranha me obrigava a fitá-la, a contemplá-la, com olhares insinuantes de amor, que também já me ditava meu coração. Só anelava deixar de viver em mim, para ir viver no seu peito alabastrino, cujo doce arfar parecia cadenciar seus suspiros de amor que haviam nascido na tontura da última valsa...

Mas o que me tiranizava, o que parecia roubar-me a luz dos olhos, prendendo-me numa raiva de demente, era vê-la corresponder aos galanteios dum cavalheiro, que me disseram passados dias, ser um sujeito a quem uma herança inesperada viera pôr a salvo da vida desregada que levava.

E os acordes harmoniosos do piano, tinham a linguagem enternecedora dos sonhos de melancolia...

Um desaspeço enorme me invadiu; eu não sabia dançar, e fugia-me assim a feliz esperança de ouvir a ternura da sua voz, os suspiros anelantes da sua alma. Assim, desanimado, comecei a ponderar em factos lamentáveis mas reais, censuráveis mas evidentes. Ter-se-ia enamorado aquela mulher formosa daquele homem, porque considerando-o rico a sociedade, éle o confirmava com os anéis de brilhantes que usava? Uma resposta terminante e afirmativa que ditara o meu íntimo, veio afugentar todas as dúvidas. Era a alma a dilacerar-me a alma!

Neste entretanto, fui forçado a contemplá-la de novo... mais ai, que agrura então senti. Ela num pestanejar severo, volvera-me um olhar de desprezo.

Não me pude conter... e considerei: sois assim mulheres formosas; quantas vezes deixais prender vossos corações em galanteios hipócritas, deixando-vos arrastar em ciladas de amor, armadas por almas envilecidas. Muitas vezes só sois vós as culpadas, porque desprezais os humildes, os modestos mas portentosos, áqueles que se são ricos, não trajam aparatosamente nem usam pedrarias, distribuindo sim, felicidade e protecção; e deixais esses dons escondidos no coração para julgardes conforme a pragmática da sociedade absurda: as aparências!...

Mas sabe bondoso Sobral, muito mais teria que minuciar, se não desejasse encurtar a minha confissão.

Passai momentos nesta cruel situação, quando notei que aquele que a cortejava, depois de lhe ter dirigido uma respeitosa vénia, saiu. Seguidamente a donzela levantou-se e foi a um canto da sala falar quasi em segredo, a uma senhora idosa que se conservava sentada. Será a sua mãe, pensava eu?...

Leonardo tinha uma viva expressão de rosto tão alterosa, que se modificava consoante as passagens doloridas da narrativa, enquanto a atenção de Sobral crescia cada vez mais, desde a descrição do baile. Por vezes na sua frente uma ruga mais profunda, cavava mais nitidamente os seus contornos como indicio de qualquer desconfiança.

Depois de algum tempo a jovem, saia galante e pressurosa a passos miúdinhos. Não pude deixar de perseguir-la, atravessando a sala literalmente a correr. Dirigia-se para o parque, e eu a segui-la sempre. Quando lá chegámos, ela não levava mais de oito passos de avanço de mim. Atravessámos estreitas ruas ladeadas de lindos canteiros de buxo, ao mesmo tempo que ela notando que era seguida, aflita cortava a todos os atalhos, ora apressando o passo, ora encobrimdo-se com as árvores, para me desnorrear.

E eu a segui-la preso à sua beleza, preso à sua alma. O ruído festivo da sala de baile chegava ainda aos meus ouvidos.

E os acordes harmoniosos do piano, tinham a linguagem enternecedora dos sonhos de melancolia...

O aroma inebriante das flores fazia-me sonhar uma vida futura prenhe de felicidades, parecendo esconder-me um tesouro.

De repente num dedalo de caminhos, perdi de vista aquela mulher encantadora; ter-se ia occultado na ramagem das lindas palmeiras, que se erguiam aqui e acolá, como rainhas daquele verde mar de encantos que nos oferecia a Natureza? Assim pensava sem saber para onde dirigir os meus passos.

E a viração suave que tão mansa corria, tinha a ternura dos sonhos infantis; enquanto lá no céu a lua, semelhante a um disco dourado, parecia embalar as lindas canções de amor; osculando com os seus raios de prata, a verde ramagem das árvores, que se desenhava na relva matizada dos canteiros.

Aqueles raios que minha frente beijavam, faziam crescer em mim a paixão dos vinte e um anos, tão forte, tão poderosa... Oh! mas se crescia em mim o amor imenso, germinava ao mesmo tempo o ódio pela vida.

— Sois infeliz!...

— Ai, mas se ainda a minha dor imensa, aqui findasse...

Um grande anseio invadiu o pobre Leonardo, enquanto o velho soltou um suspiro profundo, talvez o eco perdido das penas que sofria o mancebo, murmurando depois a meia voz: Se o pudesse tornar feliz...

— Ai, não pode, não pode querido senhor; a felicidade que eu suspirava feneceu para mim, como o tempo que passa e não mais volta.

— Mas tenha esperança em Deus procure uma estrela, para norte da sua vida!

(Continua)

Poesias que inseria a pasta ofertada ao Ex.<sup>mo</sup> ex-Director

## Na Despedida

Da Musa que evoquei, para vos saudar senhor,  
Com tanta inspiração neste dia ridente,  
Sentiu esta minha alma, saúde fremente  
Duma etéria amizade, querido director!

Em nossos corações ecoa com tristeza,  
Uma mágoa imensa, da vossa partida,  
Aqui a falta sente a infância desvalida,  
Ao irdes para além da pátria portuguesa.

Vêde pois camaradas, qual a gratidão  
Que se instilou em nós neste último momento,  
Dos seus ternos carinhos existe um sentimento  
Vibrando hoje aqui, de pura comoção

Não podem minhas quadras assim exprimir,  
Esse agradecimento por nós tributado,  
Só esta Mocidade num preito rasgado  
Di-lo há com verdade em vosso despedir.

*Carlos Lopes Antunes*

5.º ano comercial

## Um canto de saudade

Dum estro esmaecido são frios os meus versos,  
da leda Mocidade é fraca a minha voz,  
mas há nos peitos nossos, fortes e dispersos  
desejos, cantos mil... que só sentimos nós!...

Que são como do sol, os raios desmaiados  
que beijam pela aurora, a terra adormecida...  
Mas ai! cuja poesia dos hinos encantados,  
têm mistérios que à alma falam, nos dão vida!

Assim, Director nosso, ilustre e tão amado,  
se pálido é meu preito e simples a despedida,  
é da saudade imensa o canto que deixais.

E os versos meus, embora dum brilho apagado,  
uma fonte tiveram ingente e ennobrecida:  
estas crianças que risonho contemplais...

*Jaime de Mascarenhas*

7.º ano comercial

Camaradas, o nosso director,  
Vai o nosso Instituto abandonar  
Partindo para as terras dalem-mar  
Deixa no nosso peito eterna dor;

Dor e gratidão de saudade infinda,  
Pois êle nos amava como um pai,  
Nos vossos corações emoldurari  
Seu rosto amigo que vemos ainda;

Mas agora que está junto de nós  
Ergamos-lhe um viva com amor  
Forte, leal, erguendo bem a voz;  
Alunos, viva o nosso Director!

*João Pires Antas*

3.º ano industrial

## Ecos

### Uma simpática oferta

Embora não se houvesse realizado a festa de despedida ao nosso estimado ex-Director, o ilustre Coronel Romeiras de Macedo, à hora do embarque e quando êle já estava a bordo, uma comissão de alunos, em nome de todos os camaradas, ofertou-lhe uma bonita pasta como recordação dos Pupilos do Exército, o que foi para êle uma surpresa.

A pasta inseria o seu retrato habilmente desenhado a carvão pelo nosso camarada do 4.º ano Comercial, Leonel Faria que tem mostrado a sua hábil tendência para o Desenho, e três poesias, e uma saudosa dedicatória, compostas por três alunos, as quais transcrevemos no nosso órgão.

Além disto, levava ainda uma fotografia ampliada de todos os alunos e parte do corpo docente, em que êle também entrava.

A pasta foi confeccionada, na nossa oficina de Encadernação.

Sua Ex.<sup>a</sup> sentiu-se deveras comovido, ao receber tal oferenda a qual muito reconhecido agradeceu.

*A Direcção*

### DEDICATÓRIA DA PASTA

Para vós querido Director, são estas palavras saúdosas, êstes versos, estas pérolas da nossa alma infantil, as pétalas tão mimosas duma flor, que em nossos corações começa a esmaecer: — a saúde. —

Se hoje ela é viçosa e se o seu aroma enternecedor agora dos nossos lábios se evola, o nosso anêlo seria que em dias futuros — quem sabe se imersos na sombra da Treva — podêsseis arrancar nestas palavras, as pétalas ressequidas dessa flor, que há de sempre vicejar em nossos cérebros e que jamais fenecerá em nossas almas...

Guardai pois, tão infima recordação, que com ela vai na sua modéstia, a expressão mais sublime da nossa estima, porque a Mocidade não sabe mentir os hinos da sua alma, essa voz dos puros sentimentos da infância!

*Os Pupilos do Exército*

Foi nomeado interinamente Director do Instituto o Ex.<sup>mo</sup> Coronel com o curso do Estado Maior o Sr. Fernando Augusto Freiria, actual Director da Direcção Geral dos Transportes.

## Seção Humorística

## Seção Característica

## Quimiquifadas

Poema humorístico em I episódio

## I

As metanas e os álcoois irritados  
Que dum livro saíram co' a butana  
Por modos que jamais foram pensados  
Fizeram-nos perder a transmontana.  
Nos pontos e chamadas *engravados*  
Mais do que prometia a *pinha* humana,  
Nas gentes *pupitanas* encaixaram  
Esta grande chatice que inventaram.

## II

E também as funções maravilhosas  
Dos monálcoois, que foram aumentando  
Os *fossões* e essas testas tão calosas,  
Que na Qu.mica andaram já marrando;  
E aqueles que em chamadas valorosas  
Se vão da lei dos *cábulas* raspando;  
Assim me *estenderet* por toda a parte,  
Enquanto não ouvir a voz do *Marte*.

## III

Cessem do Calino e do seu mano  
As famas das burrices que disseram;  
Cale-se do Cabrita e Lage humano  
A fama de *estiquetes* que já deram,  
Que eu canto os grandes quimicos dêste ano,  
A quem as leis da Qu.mica prenderam;  
Cesse tudo o que o *cábula* antigo canta,  
Que um *cábula* mais alto nos espanta.

## IV

E vós, *cábulas* minhas, pois levado  
Fui por vós, a ficar com um *zero* assente,  
Se sempre em prosa baixa e bem riscado,  
Foi de mim todo o ponto cruelmente,  
Dai-me agora uns valores desusados,  
Um prémio muito grande e bem decente,  
Porque das nossas aulas não *empene*,  
Altas notas que a jus do mestre ordene.

## V

E vós, ó bem unido par de França  
Da *pupilana* antiga novidade,  
E não pouco certíssima *rascança*  
Para salvar dum *zero* uma beldade;  
Vós que no *boletim*, com fina lança,  
Rasgais o valor da nossa idade,  
Atendei-nos! e vê como se expande?  
O malvado rigor da falta grande!

## VI

Inclinai-vos por agora, mocidade,  
Que nessa inclinação eu vos contemplo;  
Pois já se diz com certa realidade  
Que ireis subir ao nosso aberto templo,  
As órbitas da pérfida maldade  
Ponde no chão: vereis um mau exemplo  
Dos estudados métodos famosos,  
Em prosa e verso, em *pontos* desditosos.

(Continua)

Dr. Barita

Decifrações do número anterior:

Enigma — Tétano, teta.

Geográfica — Viana do Castelo.

Mefistofélica — Serralha, serra.

Rápida — Chalupa.

Telefónica — Secretária.

Tipográfica — Binário.

Em frase — Faca, cabrito, pérola.

oooooooooooo

Tipográfica

Alveja  $\frac{1}{7}$  Pena=Empregado.

X

Combinada

ca — caridade

ção — peixe

ito — modo

Ancomar

X

Reduzidas

Vila — 3

mei

mulher — 2

Toneca

X

Divisão — 3

Co

Cor — 2

João do O

X

Sincopadas

3—O militar recebe o ordenado—2

3—Este homem é sincero—2

X

Em frase

Oferta a nota para o jôgo—1—1

O homem caminhava com a veste—1—2

Toneca

Preço mínimo \$30



Número ilustrado a favor da "Mutualidade"

N.ºs 37-39 — 6.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Abril e Maio de 1921



General Correia Barreto

Fundador do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército

# O PROFISSIONAL

MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

Administrador  
Mário dos Santos

CORPO DE REDACÇÃO  
Júlio Gonçalves. A. Quadros, redactor principal  
F. Corado, secretário

Director  
Jaime de Mascarenhas

## 25 DE MAIO

Se nos abalançámos a escrever estas linhas, é porque por vezes sentimos na nossa alma, uma linguagem inexplicável, um sentimento irreprimível, de profunda gratidão, que nos faz mover a pênna para reproduzir essas intensas manifestações. Mas oh ilusão! Ela não consegue mais que roubar-lhes todo o seu fulgor, todo o seu ímpeto.

E a pênna corre, corre inconscientemente, mas o nosso esforço e o nosso saber, são incompetentes para traduzir o que na mente se atropela envolvendo o que é grande, o que é imenso, no pálido debuxo duma linguagem em fulgor, enquanto que os murmúrios da nossa alma se agitam num indomável anseio.

A gratidão é um sentimento indescritível que risonho e fértil vive no nosso âmago, mas que se torna pálido nos nossos lábios desde que a palavra lhe rouba a sua colorida magia. Revolvemos mil ideias que se debatem no nosso cérebro, procurando ávidos, o fruto da nossa crença, mas de balde... E' um não sei quê, como se quiséssemos palpar o azul etéreo, e que para o atingir, fôssemos subindo, subindo sempre, sempre numa ansiedade para o infinito, vendo essa cor inimitável que nos dá vida a fugir ante os nossos olhos desdenhosa da nossa audácia.

Mas deixá-lo... Que importa que saia, embora um esbatido reflexo dessa linguagem inexprimível, se viçosa e dardejante é a fonte donde dimana?

Que razão há para que a algememos incommunicável no nosso peito?

E por isso vós que estas linhas lerdas, envolvi-as na altiva expressão que lhes deu fogo, que lhes deu vida.

Sentimo-nos deveras mesquinhos para falar numa obra colossal; sentimo-nos em tôda a nossa pequenez, quando tentamos simbolizar o alto valor social desta instituição, o Instituto dos Pupilos do Exército e quedamo-nos perplexos ante os vultos beneméritos dos seus fundadores e orientadores.

Formidável empresa a da fundação desta

obra, rasgo alevantado no horizonte dum povo, que se subvertia e se asfixiava na fumarada espessa da desmoralização.

Sêde tu, grandioso Instituto, o berço de futuros portugueses que ergueram o nosso Portugal, os nossos lares, o nosso campo florido, ao volvido apogeu.

Grandiosa escola do povo que há muito deverias existir, és tu um arrebol prometedor de esperanças, surgindo no horizonte apagado dum povo glorioso.

Obra altamente valiosa dum grande e digno general, que concebeu na sua esclarecida inteligência que também os filhos de soldados e sargentos têm direito ao auxilio da Pátria e sabem honrar as paredes dêste Templo, pois das classes socialmente mais baixas, saíram por vezes as mais vivas inteligências, os vultos mais necessários à comunidade. E por tal esta obra representará, através de gerações vindouras, o padrão erguido pelos direitos dum povo que há de marcar a regeneração duma raça.

O dia 25 de Maio de 1911, dia êste em que o dignissimo General Correia Barreto alevantou êsse padrão ainda entre o fumo lancinante da vitória republicana, é uma época que jamais deveremos esquecer.

Dediquemos o preto da nossa homenagem para o seu ilustre fundador; a nossa veneração, o nosso sangue para a nossa Pátria.

Mas quantas vezes não fenecem as obras generosas, perdido o espirito dos seus fundadores?

Tudo morre, tudo acaba, tudo se destrói. Umavez são os ideais que se transformam pelo correr das idades; outras vezes pensamentos que de súbito vingaram marcando uma página brilhante na História, desmoralizam-se, assim como degeneram e acabam vergonhosamente as suas obras!

Mas enquanto a injustiça não esmagar a Razão e o Direito, há de viver altiva esta Obra da democracia dum Povo.

E hoje o Instituto, é como um arbusto verdejante da seiva mais fecunda, que também ramifica, florece e dá frutos. Frágil arbusto que há dez anos nasceu, há de ser ainda árvore frondosa, cujo tronco onde corre a pura seiva, a velhice não virá carcomir.

Somos pequenos ainda para que a pênna ou a palavra possam exprimir os sentimentos que em nossos peitos acalentamos, como pequenos ainda somos para compreender verdadeiramente o valor incomparável desta instituição.

Querido Instituto. vivas tu sempre digno e ennobrecido através de gerações futuras dando o exemplo da moral sã, e do trabalho profícuo, descerrando auroras esplendorosas para os filhos dêste povo, que ainda hoje tem dentro de sua alma o inimigo mais terrível — a ignorância!

Benemérita instituição criada pela Repú-

## A "MUTUALIDADE"

E' hoje inaugurada a *Mutualidade dos Pupilos do Exército*, ambição que há tempo alimentávamos, esperando-a sempre dia a dia, sem vermos a sua realização. Mas hoje, 25 de Maio, dia inolvidável em que celebramos o 1.º decénio dêste Instituto, acabamos de realizar mais êste ardente desejo.

Foram enviadas circulares a tôdas as famílias dos alunos, convidando-as a virem assistir à sua inauguração.

Oxalá que todos lhe dediquem o seu esfôr-



Os alunos do Instituto em Março de 1921

blica hás de marcar um padrão no horizonte ambicionado e justo das democracias, proseguindo nessa orientação que em dez anos já se evidencia duma forma verdadeiramente elogiosa.

Registrando a nossa justa homenagem a todos que por tal obra se tem dedicado, embora a reconheçamos pequena e sem brilho, seja ela apenas tomada pelo que tem de imensa e insuperável, a gratidão sincera de pequenas almas infantís, que infelizmente a nossa palavra não sabe ainda traduzir.

*A Direcção.*

ço, todo o seu amor, para que esta benemérita e altruísta aspiração, siga o exemplo honroso e exemplar de todos os trabalhos do Instituto.

E a vós, às nossas famílias, pedimos com amor que nos inscrevais a todos nesta benemérita associação, o que só nos trará vantagens, e para o Instituto e seus dignos orientadores, dar-lhes há o orgulho de assim corresponder aos cuidados dos seus educandos. Inscrevei pois vossos filhos na Mutualidade do Instituto, que assim lhe creais de muito novos, o espirito económico que hoje mais do que nunca é uma base da felicidade da vida.

## A NOSSA TUNA

Sobre o ensino da música, dessa arte sublime no Instituto, pouco ou nada se tem escrito; po-

Precisamente, quando os executantes são os melhores elementos da tuna chegam aos cursos finais e vão deixar o Instituto. E por isso, é que todos os anos ela passa por um máximo e um mínimo de perfeição, encontran-



A Tuna em 1921

rém chegou agora uma boa ocasião de abordarmos o assunto, e digno de censura seria se omitíssemos estas poucas linhas.

Que existe uma tuna formada pelos alunos, não ignoram os que me lêem. Desde o 2.º ano de existência do Instituto que se tem entre nós cuidado do ensino de música, criando-se primeiro a aula de canto coral e de rudimentos. Pouco tempo depois fundava-se a nossa tuna a par daquelas duas aulas. E daí por diante ela tem progredido, graças à boa vontade dos alunos e à comprovada paciência, esmero e dedicação do nosso Ex.<sup>mo</sup> Prof. Snr. Joaquim da Costa Brás, o único professor de Música que até hoje ainda teve o Instituto.

Já várias vezes a tuna tem executado em público os seus trechos, na sua maioria da autoria do nosso professor, tendo sido ouvida com agrado. O nosso orfeão, também várias vezes se tem feito ouvir com alguns números muito interessantes.

Entretanto, todos os anos se dá uma circunstância que muito desgosta o Ex.<sup>mo</sup> Prof.

do-se mais fraca no principio do ano e com falta de elementos, reconstituindo-se para tornar de novo a decair.

As festas mais interessantes onde a tuna tem prestado o seu concurso foram: em 1917 nos Desportos de Benfica juntamente com o canto coral, e no mesmo ano na Festa da Flor no Jardim da Estrêla; em 1920 na Festa da Flor do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, numa festa desportiva do Colégio Militar, na récita do Teatro de S. Luis promovida pelos alunos do mesmo colégio, e finalmente numa conferência realizada na Sociedade de Geografia.

Em tôdas estas festas, a tuna executou vários números do seu repertório no que foram muito aplaudidos.

Mas uma tuna não era o bastante. O progresso não poderia ficar por aqui, e por isso como sempre, no cérebro do nosso Ex.<sup>mo</sup> Regente, sugeriu a ideia duma orquestra. Essa ideia no espaço de alguns dias tornou-se um facto, adquirindo-se desde logo alguns instrumentos metálicos, cinco violinos, duas violetas,

um rabeção e um violoncelo. E hoje a orquestra, estamos certos já, que, no próximo ano lectivo evidenciará a sua existência.

Em 10 anos o progresso do Instituto é enorme, não só nas sciências, como nas artes; se ele continuar a evoluir rapidamente como até aqui, do que estou certo, em pouco mais de outros 10 anos será absolutamente uma escola modelo; a mais honrosa de que se ufanarão os filhos do povo, facultada como um dever da pátria que seus filhos amam.

*Jaime de Mascarenhas*

7.º ano comercial

## A Escrituração Comercial

### O escritório

Difícil se torna, fazer um relato consciencioso do que foram, e do que são os nossos escritórios, agora que já se não encontram no Instituto, alunos que tivessem cursado a cadeira de Escrituração Comercial, quando da sua criação neste estabelecimento; no entanto, abalançar-nos-emos a fazê-lo, exacto quanto possível, pedindo nos desculpeis das deficiências que porventura nêle encontrardes.

Como é fácil de compreender, o ensino de prática comercial a principio professado no Instituto, era muito rudimentar; não existiram logo os escritórios. A aula da Escrituração Comercial, limitava se apenas, a uns pequenos exercicios que o professor diariamente passava aos alunos, e assim permaneceu durante algum tempo. Só mais tarde, reconhecida a sua falta, se construíram na galeria superior da sala, uns pequenos compartimentos, onde passaram a funcionar várias casas comerciais e à frente das quais se encontravam os alunos do 7.º ano (curso que então já existia) desempenhando as funções de guarda-livros.

Já se iam colhendo melhores resultados com esta organização, mas ela ainda não era de molde a satisfazer aqueles a quem a nossa educação anda confiada.

Assim, realizaram-se grandes modificações, projectaram-se enormes melhoramentos, mas como por infelicidade o dinheiro não abunda no Instituto, pouco se conseguiu.

Compreendeu-se então que só se poderia remediar a situação aproveitando o que havia, para não haver dispêndio de dinheiro, e pensou-se na organização duma única casa comercial, onde todos os alunos podessem ter interferência, desempenhando serviços, em harmonia com o curso que frequentassem, o que se realizou e se tem conservado até hoje.



O Escritório

Dêste modo, as pequenas carteiras onde se faziam os exercicios desaparecem, passando a aula a funcionar sob a firma «Guimarães & C.<sup>a</sup>». Nela, são os alunos do 7.º ano que alternadamente desempenham o cargo de guarda-livros, encarregando-se os restantes, com os do 6.º ano, dos outros cargos de maior responsabilidade e movimento como, Caixa, Devedores e Credores, Contas Correntes, Chefe de Armazém, etc.

Os alunos do 4.º e 5.º anos, são indicados, para desempenhos dos lugares que demandam menor soma de conhecimentos, como

abaterem os produtos nos Inventários permanentes, que como o seu nome indica, são livros que servem para mostrarem a existência num determinado momento; em seguida as do caixeiro viajante passam para a secção de Facturas, e feitas estas, são passadas ao livro «Copiador». Os pedidos, que se fazem aos fornecedores, são obtidos por intermédio da Agência que os representa.

Estas operações (compras e vendas na praça) são registradas respectivamente nos livros de «Entradas» e de «Saídas» para depois se passarem ao livro «Devedores e Credores», no



Guarda de Honra na entrega da Bandeira à Guarda-Fiscal

empregados de Facturas, de Armazém, Dactilógrafos, etc.

Juntamente com a firma, funciona uma agência representativa dos Bancos, e das casas comerciais com que ela transacciona e de cuja gerência é encarregado um dos alunos do 7.º ano.

Fazem-se grandes transacções por conta própria e em comissão, com as mais importantes firmas do país, e algumas das colónias e do estrangeiro, o que dá lugar a um activo serviço de correspondência por nós redigida.

O seu funcionamento é muito simples: as notas do caixeiro viajante e as encomendas da praça dão entrada no armazém para se

qual se lançam também os saques, os aceites, os pagamentos, os recebimentos e as vendas para a provincia.

No fim do mês, os empregados de Caixa, Contas Correntes e Devedores e Credores, fazem os respectivos «apanhados» que entregam ao guarda-livros para constarem da escrita dêsse mês.

Ultimamente, em Dezembro, procedeu-se também ao «Balanço».

Acompanhando esta aula, essencialmente prática, temos também as aulas de: Taquigrafia, já bastante desenvolvida entre nós; a de Dactilografia e ainda a de Caligrafia, da qual possuímos excelentes trabalhos, revelativos de fino gosto e aptidão.

Alguns dêles, foram muito admirados e mereceram observação especial da parte dos nossos visitantes, quando expostos, por ocasião da festa final do ano lectivo p/passado.

Eis pois, em poucas palavras, o que foram e o que são os n/escritórios. Não é perfeito o nosso estudo, não! Mas é o mais que se nos pode exigir, e o bastante para deitar por terra êsse sem número de escolas, onde se pretende ensinar «Escrituração» embebendo os alunos em teorias banais e desprovetosas. Frisando êste facto, não pretendemos menosprezar ninguém, mas tão sòmente formular o nosso veemente desejo de se criarem no país escolas idênticas à nossa, donde os alunos possam sair com úteis conhecimentos, que os ajudem na vida prática.

E para provar quanto êste processo de ensino é proveitoso, poderemos lembrar o seguinte facto: um nosso ex-condiscipulo, o Sr. Arnaldo Gonçalves, a quem *O Profissional* apresenta as suas sinceras saudações, ao terminar no Instituto o curso elementar, resolveu concorrer ao lugar de contabilista dos Bairros Sociais, para o que fêz o devido requerimento. Depois de autorizado, apresentou-se a fazer exame, e fê-lo tão maravilhosamente, respondendo com tanta precisão às perguntas que lhe foram feitas, que o júri, o admitiu como Chefe de Secção dum dos mesmos bairros, ao mesmo tempo que en-

viava um dignificante elogio ao nosso Instituto, saudando-o por tão bem preparar os seus educandos.

Não é sem um certo orgulho, que aqui, nas colunas do nosso mensário, lembramos êste caso. E para terminarmos, aqueles que porventura julgarem as nossas palavras, não com o fundo de verdade que as vivifica, mas resultantes do amor à nossa escola, pedimos se informem, visitando o Instituto.

E' justo, lembrar no nosso humilde mensário, como figura principal dêste estudo, o nosso estimado professor, Sr. Júlio de Sousa Larcher que tão sábiamente nos prepara para a espinhosa vida comercial.

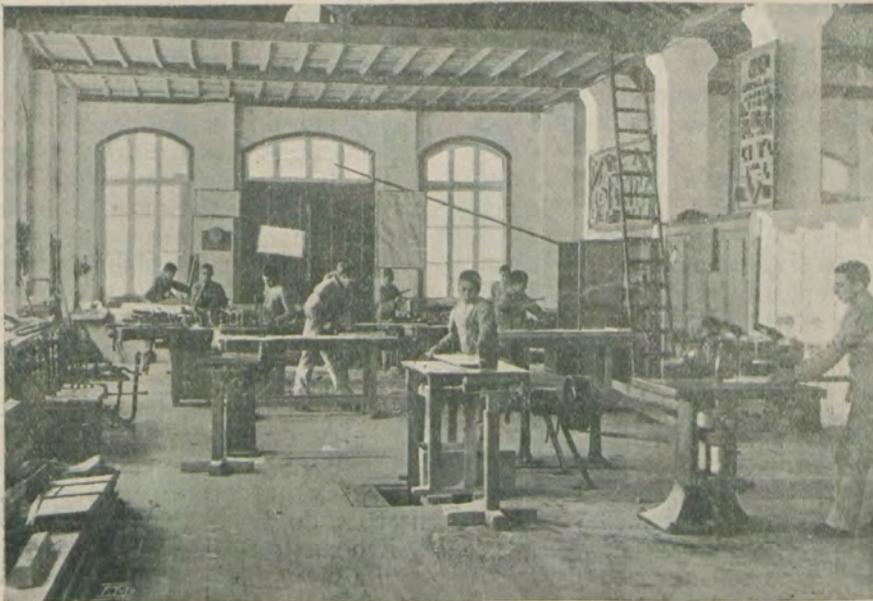
*Mário dos Santos*

6.º ano comercial.

## Desenvolvimento industrial no Instituto

Não vou aqui neste artigo aplicar o meu verbo literário, porque o não possuo, mas sim apresentar dum modo simples o desenvolvimento da vida industrial do Instituto.

Habilmente dirigidas pelo Ex.º Capitão-Tenente engenheiro maquinista José da Silva Miguéis, que para os seus discipulos repre-



Carpintaria

Senta um pai carinhoso, um mestre sabedor amigo de ensinar, e um companheiro de trabalho; elas são já hoje uma pequena fábrica, porque aquele professor, ama o trabalho e os

## Carpintaria

Em principio esta oficina instalou-se na sala do actual Laboratório e aula de Comércio,



Cerralharia

seus alunos, a quem tem dispensado as maiores atenções, quer dando-lhes os ensinamentos da teoria e da prática para a boa execução dos diferentes trabalhos, quer obrigando-os a tornarem-se perfeitos no acabamento dos mesmos.

Ao principio as máquinas não eram praticamente conhecidas, na oficina de Carpintaria; na Cerralharia, apenas havia, em 1915, um limador, um engêno de furar, um tórno mecânico e um engêno de bancada; na Forja só se conhecia o forjamento de objectos pequenos; o chiar dum fole manual que massava os alunos, e nem sequer existiam leves indícios da fusão dum metal, que depois de fundido é vasado em moldes de areia, para ficar com formas convenientes.

A par disto tudo, os pavimentos eram acañhados e com poucas probabilidades de aumento.

Eis o estado das oficinas nos primeiros tempos de existência do Instituto.

Porém, tratemos separadamente de cada uma, para nela podermos frisar melhor a sua transformação e o seu desenvolvimento.

indo fixar-se, mas por pouco tempo, no pavilhão da Tipografia.

Em qualquer destes lugares, ela não fazia mais do que auxiliar o Instituto nos seus arranjos internos, como fôsse na construção das divisórias e armação dos nossos escritórios comerciais, na reparação de utensílios, na manufatura de carteiras e outros acessórios, e também na confecção das ferramentas.

E quem nos acompanhou e nso acompanha todos os dias nos nossos trabalhos? Foi, e é o mestre Carlos, homem um tanto velho, mas trabalhador e muito amigo dos seus rapazes a quem atura com uma paciência de santo.

Pouco tempo mais tarde, os bancos, as ferramentas, os alunos, tudo passou a instalar-se nos novos pavilhões que mais acima, na encosta, se erguem, à espera das últimas modificações, do desenvolvimento definitivo.

E o mestre Carlos, com o mesmo sorriso, com a mesma cara já algo enrugada, lá subiu o pendor, acompanhando-nos na ascensão, para nos ir aparecer de novo, na jovem oficina, continuando a sua tarefa de auxiliar da nossa educação profissional.

Assim que se começou a serrar a madeira, a aplinar-se, e aparelhar-se para os diferentes trabalhos, no actual pavimento, começaram a aparecer as primeiras máquinas.

Um tórno pequeno que se encontrava na cerralharia passou para esta oficina, afim de se poderem torneir peças de madeira.

A seguir galgaram a encosta, uma Topia e uma Garlopa, que tão necessárias se tornavam para a execução de certos trabalhos, sendo a primeira posta imediatamente a trabalhar, à estando a última que ainda hoje parada.

Mas, era preciso livrar os alunos do pesado trabalho da serra manual, e por isso, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Miguéis, planeou uma serra circular mecânica, que logo foi construída pelos alunos, tendo prestado já bastantes serviços à oficina.

Esta oficina tem progredido imenso nestes últimos tempos, quer na manufactura de moldes para as máquinas que foram fundidas na oficina de fundição, quer na construção de ferramentas e reparação de diferentes objectos.

Últimamente chegaram mais quatro máquinas: um serrote de esquadrias, uma plaina, uma máquina de afiar as lâminas das garlopas e das plainas mecânicas e uma máquina de furar.

Eis como se encontra actualmente a oficina de Carpintaria.

## Cerralharia

Em comêço esta oficina esteve montada no pavimento da Tipografia passando mais tarde para o edificio das novas oficinas de Sapataria e Alfaiataria, tendo simplesmente um tórno de marcha, um limador, um engêno mecânico e outro de bancada, e um tórno pequeno, que como dissemos passou para a oficina de Carpintaria.

Como as outras oficinas, auxiliava sòmente o Instituto e tratava das ferramentas indispensáveis para a execução de trabalhos de estudo, sendo ela, a oficina que se encontrava em melhores condições. Um *veio* principal que recebia movimento dum motor eléctrico, punha em movimento as diversas máquinas.

Depois, juntamente com a oficina de carpintaria, mudou-se para os novos pavilhões da encosta, desenvolvendo-se então, dum salto gigantesco, à custa ds grandes esforços dispensados pelo nosso engenheiro e professor Sr. Miguéis, que a orientou duma forma digna dos elogios de todos os visitantes.

Nesta oficina têm-se feito tôdas as ferramentas das oficinas de Fundição, Forja, Carpintaria, e em especial as da própria oficina, quer para efeitos pedagógicos quer por necessidade e economia.

Últimamente chegaram: um engêno automático, dois tornos pequenos de precisão e



Forja

uma plaina para ferro, tudo máquinas vindas da Alemanha, bastante aperfeiçoadas e modernas.

Tôdas as máquinas estão a trabalhar.

É para registrar a construção da serra circular da Carpintaria, e o moinho de carvão e areia que foi para o serviço da Fundição.

Entre os diferentes mestres que esta oficina tem tido, destaca-se o mestre António Soares que tem para nós o afecto de irmão mais velho, sendo um homem muitíssimo trabalhador, que chega a chorar pelo aluno ou ex-

fole foi substituído por uma ventoinha, accionada pelo motor da Cerralharia.

Existia simplesmente uma forja fixa e uma outra portátil de cochicho. Depois quando a oficina se mudou para os modernos pavilhões, foi construída uma outra forja fixa, para maior desenvolvimento na execução de trabalhos.

Embora ela tenha ajudado bastante as outras oficinas e dela tenham saído inúmeros trabalhos, é a instalação mais reduzida que temos. Nela encontramos o mestre Viana, homem com bastante experiência de trabalhos de forjador,



Fundição

-aluno que morreu como se fôsse um pai que perdesse um filho. E todos os dias o vemos, a trabalhar na oficina sempre bem disposto, pronto para nos ajudar na confecção dos trabalhos difíceis.

## Forja

A Forja teve o seu berço na actual oficina de Encadernação, com instalações muito reduzidas.

Um fole grande que os alunos todos os dias enchem de vento infinitas vezes, era o único objecto digno de nota depois das ferramentas indispensáveis.

Depois da mudança da oficina para as modernas oficinas de Sapataria e Alfaiataria, o

que ainda há pouco tempo vive entre nós mas que tem conseguido introduzir alguns melhoramentos nesta oficina de acôrdo com o Ex.<sup>mo</sup> chefe fazendo por lhe dar o máximo desenvolvimento.

## Fundição

Sendo a oficina mais moderna, é a que está no período de maior desenvolvimento, pois hoje já é considerada a primeira no género, entre as oficinas das escolas industriais do país.

Tendo por mestre um homem que fundiu algumas das principais estátuas de Lisboa, o mestre Francisco de Oliveira, ela está apta a executar qualquer trabalho tanto de ferro, como de bronze, latão ou zinco.

Criada, junto da Forja, no pavimento das oficinas de Sapataria e Alfaiataria, começou, debaixo da direcção do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Miguéis, a executar alguns trabalhos importantes. Tinha simplesmente duas forjas para cadinhos pequenos, que apenas eram suficientes para a manufactura dos primeiros trabalhos, e nas quais o ar entrava por compressão de ventoinha montada na Cerralharia.

Foi aí que os alunos começaram a aprender a manejar com os cadinhos, com as caixas e com as ferramentas.

Mas a oficina tornava-se acanhada, e então construíram-se os pavilhões congéneres da Carpintaria e Cerralharia, para onde passou em 1919.

Entretanto, adquiria-se um forno de manga, um dos maiores, construíam-se uma estufa para seca dos moldes, um diferencial volante para mudanças das caixas pesadas, e um moinho de carvão e areia, que foram construídos pelos alunos e que eram bastante indispensáveis.

Últimamente, nesta oficina fundiram-se dois barramentos para os tornos pequenos da Carpintaria, em via de acabamento e uma máquina para afiar as lâminas das serras circulares; fundições duma certa importância e que dão um grande valor à oficina.

Na festa final do ano passado, assistiu S. Ex.<sup>a</sup> o Chefe do Estado à fundição do busto da República em bronze, tendo os diários da Capital dispensado honrosos elogios aos nossos trabalhos e ao Ex.<sup>mo</sup> Chefe das oficinas que, indubitavelmente, tem sido um incansável propagandista dos estudos industriais em Portugal e em especial no nosso Instituto.

Eis o estado das nossas oficinas em 1921, estado êste que tende a transformar-se benéfica e mais rapidamente ainda, tornando o Instituto a primeira escola industrial do país, debaixo do ponto de vista officinal, com a reputação que já, há bastante tempo, alcançou.

E termino esta minha crónica, confiado que no seu relato, fui o mais justo e minucioso possível, pois que os elementos de que dispuz para a fazer, foram só aqueles que me deram a memória.

**José B. G. Barata**

7.<sup>o</sup> ano industrial

## Digno de veneração

Só hoje tivemos o agradável ensejo de dizermos algumas palavras certamente insuficientes, para exprimirmos tudo que sentimos pelo nosso querido preceptor e amigo sr. tenente Baltazar Ferreira

Entre os homens que servem a nossa Pátria, destaca-se este sr. oficial a quem hoje merecidamente prestamos a nossa homenagem.

São os alunos da 1.<sup>a</sup> secção, aos quais seguramente se juntarão seus dignos companheiros da 2.<sup>a</sup> secção, que querem dar esta prova de aprêço e estima ao seu grande educador.

Em todos os seus actos manifiesta adorável dedicação pelos seus alunos, quer auxiliando-os nos seus estudos, quer nos seus divertimentos; e por isso não podíamos deixar de lhe prestar esta pequena mas modesta e sentida homenagem.

Oficial valente e brioso, se revelou nos campos da França, onde pugnou heroicamente pela sua Pátria.

Por êsses seus feitos heróicos foi-lhe concedida a medalha de valor militar nos seguintes termos:

«Condecorado com a medalha de prata da classe de valor militar letra C o sr. tenente Baltazar Ferreira, porque durante toda a campanha em França foi dentre todos os oficiais de morteiros da Divisão, aquele que mais se distinguiu pelo risco que constantemente corria, sempre que se tratava de escolher uma posição de morteiros, chegando muitas vezes a percorrer o sub-sector fóra das trincheiras, exposto ao fogo inimigo, acrescentando que o gás constituía para êste oficial um grande inimigo, por isso que com dificuldade suportava a máscara, sem que lhe aproveitasse êsse motivo para se eximir ao serviço de que estava encarregado e que voluntariamente exagerava levado por um excepcional brio profissional.»

Não foi o nosso affecto que nos ditou estas modestas palavras, elas impunham-se por suas altas qualidades de homem honesto e de militar valoroso, cumprimos o nosso Dever e isso nos basta para que fiquemos tranquilos e julgemos merecedores da sua estima e protecção.

**F. Figueiredo e A. Fonseca**

Alunos do 2.<sup>o</sup> ano preparatório

E' hoje feita a entrega solene da medalha de valor militar letra C, aos srs. tenentes, Perestrelo e Baltazar, no Campo de Jogos da 2.<sup>a</sup> Secção.

Esta solenidade realiza-se no Instituto, porque o nosso Director, solicitou-a do Ilustre Ministro da Guerra, para dar mais brilho à data que hoje comemoramos.

Aos briosos militares *O Profissional* em nome dos alunos, envia as suas felicitações.

**É**-NOS sobremaneira honroso levarmos hoje à estampa nas páginas principais do mensário, os três retratos dos primeiros ilustres Directores do Instituto, já falecidos.

O Distinto Capitão de Engenharia António Augusto Figueiredo, a quem a morte lúgubrememente arrebatou para o seu seio, foi o primeiro Director do Instituto. Era um inteligente



Capitão António Augusto Figueiredo

E num dia triste e chuvoso de Inverno, uma novidade atroz fez tremer nossos corações! A bandeira içava-se a meia haste, o querido Capitão Figueiredo, tinha falecido!

O segundo Director foi o ilustre Coronel Ortigão Peres. Oficial prestimoso e inteligente, dirigiu também o Instituto com grande acerto.

A primeira impressão, e quem o visse sem ter intimidade com êle, julgá-lo-ia decerto austero e taciturno. Mas não; êle tinha um bom coração, e estimava muito os seus alunos.

Pela sua influência no meio político, conseguiram-se verbas para a construção de duas das nossas grandes oficinas. Foi êle também que fundou o curso de Sargentos no Instituto.

Durante a guerra afastou-se de nós, porque pela consideração e respeito, de que gozava entre o elemento militar, foi nomeado Adido Militar de Portugal em França; em tão delicada situação.

Passados meses regressava a Portugal com alguns dias de licença, não se esquecendo de vir ver os seus Pupilos.

Mas oh, tristeza! pouco depois de ter tornado para Paris, súbitamente ali falecia; e a morte voraz e crua, que a todos consome, sem ver corações nem almas nobres, lá levou para o domínio da escuridão eterna, o coronel mais novo do Exército Português ao contar 45 anos!



Coronel João Ortigão Peres

pedagogo, de belas qualidades de carácter, daqueles homens de bonomia inexcusable, por natureza indicados para guiarem os indicivos passos da infância.

E por isso a simpatia que a todos nós cativou, sentia-se ligada com a amizade que dedicava as crianças.

Tratava-nos êste ilustre militar com imenso carinho, vivendo constantemente no internato, e acompanhando-nos nas excursões e passeios.

Éramos muito novos ainda; costumávamos merendar no campo, e então, nunca faltavam as cantigas e folgedos, enquanto êle nos ia distribuindo as rações com um sorriso afável na sua fisionomia amistosa, que nos convida à ventura, à alegria de viver!

Mais tarde saiu do nosso convívio; ficaram as saudades, como que a cantar hinos de tristeza nas nossas almas juvenis.

Seguiu-se-lhe na Direcção do Instituto, o ilustre Tenente-nel Moura Mendes.

Foi também muito nosso amigo e tão familiar talvez, como o primeiro.

Durante as «férias do ponto», êle próprio se ofereceu para nos tirar algumas dúvidas que tivéssemos, dando-nos por vezes lições completas e profundas que nos interessavam muito.



Os primeiros alunos

Entrou pouco depois nas campanhas de África, Grande Guerra, chegando a coluna debaixo do seu comando a conquistar Quionga aos alemães.

Ao deixar a Direcção do Instituto e depois de regressar de África, veio visitar-nos.

E mais tarde falecia aquele nosso respeitado amigo já idoso e na miséria.

A todos êles, registramos nós aqui nesta página honrosa o testemunho do nosso profundo sentimento.

A fotografia que inserimos nestas páginas, é dos primeiros alunos do Instituto, juntamente com os antigos Srs. professores.

Iniciou-se esta Obra com quarenta alunos; foram êsses, os que viram talvez na noite escura da sua infância... despontar os nascentes raios difusos da manhã dourada, que vinham coroar de justiça bela e firme a aspiração dos lares pobres da nossa Pátria.

E logo por essas aldeias, por êsses lares desprotegidos da sorte, foi como que se ouviu um canto ameno e interno que vaticinava à pobreza um céu risonho de esperanças.

# saúde

então que as almas dos pequeninos e os corações de mães, sonharam que a felicidade beijava os seus lábios, sonhavam, porque realidade tão bela era só um sonho. Era que as suas lágrimas santas que suas freluziam arrancadas pela desventura, ao caírem nas faces de seus filhos que choravam também, jamais as puxavam da alma!



Instituto (1912)

Essas crianças, que talvez para sempre vivessem na miséria, foram acolher-se a um Paraíso que não esperavam; em suas mães num chôr de alegria, misturavam as suas lágrimas com o pranto saudoso dos seus filhos, agora es- tados de deixarem os carinhos paternos e abandonarem as suas casas. Sim digamos saudosos, porque encontramos na pobreza um doce bem estar, uma felicidade enganosa de alguns momentos, como que se fôssemos vivendo num sonho de ilusão...  
Esses instantes, que passam, que voam como a brisa sobre a mais encantos, mais deleitos, que as horas que se passam na riqueza. Porque às vezes os pobrezinhos gosam da passagem passageira que suaviza a alma, e que torna medonhas as ocasiões de angústia e de dor.  
Em certos tempos de convívio no Instituto, já todos constituíam uma verdadeira família em que muito se estimavam; quando encontramos alguns deles, é com grande curiosidade que os ouvimos contar casos que se passaram no 1.º Instituto do Instituto, notando o esforço que empreendem para recordarem os mais pequenos acontecimentos, o

que para estranhos seriam fúteis banalidades, mas que para nós despertam muito interesse.

Sabermos, que percorrendo todo o edificio da 1.ª Secção, seguimos os passos que elles já andaram, parecendo ouvir ainda nos cantos mais recônditos o eco perdido dos seus gritos e um murmúrio das confidências da infância, é-nos de- veras aprazível. Ainda me lembro das primeiras canções que elles cantaram e que nós aprendemos também; quando as entoamos com amor, com sentimento, parece que voltamos atrás no caminho da vida já percorrido e tornamos a ter as mesmas brincadeiras, as mesmas levandades.

Quando desejamos recordar, quando queremos sentir esse doce martírio que nos arrasta a alma, o pensamento, o nosso sentir à vida que fugiu, não há nada mais belo, que cantar essas canções que entoámos nesses tempos; porque parece que as modulações da nossa voz, vibram ainda com a mesma vivacidade da alma!...

Como não devemos recordar com sentimento, esses primeiros anos de existência do Instituto em que com elles rimos e folgámos.

E hoje que é deles? Onde estão estes nossos companheiros de folgado? Dois morreram; foram os nossos desditosos ex-condiscipulos Joaquim Alberto Pinto da Mota e Manuel Nogueira; para esses cujos restos mortais estão no Cemitério de Benfica, dedicamos nós o preito da nossa profunda saudade. Outros são oficiais do Exército, os quais dois desses, ex-camaradas, Salvador e Franco, fazem serviço na 1.ª Secção do Instituto, o primeiro como provisor, e o segundo como oficial de serviço. Três estão na Africa, e alguns são funcionários públicos e sargentos. Alguns d'elles ainda são bons profissionais, e exercem com consciência o seu mister.

E finalmente, relembramos com orgulho, que dois entraram nas Campanhas da Grande Guerra. Deste grupo ainda há um que é aluno; o nosso colega Júlio Gonçalves.

E vêde, como essas crianças que aqui foram acolhidas dispendem hoje a sua energia no trabalho proficuo, no trabalho que nobilita.

Hoje são homens úteis à sociedade, têm amor ao trabalho e portanto são ricos. Oh! quantas vezes não recordarão aquele tempo passado, em que pelas mãos de suas mães, ou de seus parentes deram ingresso no Instituto, com um pranto de saudade nos seus peitos de crianças.

E nos olhos de suas mães, jamais marejarão lágrimas de dor. O pranto cedeu o lugar à ventura, ao mesmo tempo que nos seus lábios se esboçou um sorriso de orgulho, e nos seus corações se ouviu um hino de gratidão para com a Pátria.

De então para cá, umas dezenas de crianças vêm-se juntar aos seus colegas, que já são alunos, ao passo que também de ano a ano, alguns rapazes deixam o nosso convívio, e vão trilhar o caminho da luta pela vida.

E aquelas lágrimas infelizes que marejavam nos olhos dessas mães de tantos órfãos, transformam-se em lágrimas de orgulho, ao verem seus filhos a honra dos seus lares. Enquanto a nós, pela nossa vida fora, iremos adorando esta obra da República, como se vissemos num altar de glória, um diadema de justiça a coroar a cabeça dos filhos dos militares da nossa terra.



Ten. Cor. José Luis de Moura Mendes

Jaime de Mascarenhas

7.º ano comercial

## Major Vitorino Guimarães

Os alunos da 2.<sup>a</sup> secção, prestando numa festa cheia de carinho e de amor, homenagem ao seu digno e bom regente, souberam num rasgo belo e generoso, reconhecer as altas qualidades dêsse prestimoso official que tão amigo e dedicado lhes é.

Não esqueçamos também hoje, Dia Glorioso da nossa festa, o nosso querido regente, major sr. Vitorino Guimarães.

Para êle irão hoje as nossas palavras de crianças amigas e gratas por tudo que lhe devemos.

É das figuras que se impõe, não só pela modéstia que o caracteriza e sempre o acompanha, como também pela santa amizade que dedica aos seus alunos a quem olha quási como filhos adorados.

Nossa ventura é grande, enorme mesmo! quantas vezes o horizonte da nossa felicidade não é obscurecido pela saudosa lembrança dos nossos irmãozinhos?!

Como seriam também felizes, se, como nós, estivessem protegidos por esta Grande Obra da República, e educados por officiais tão amigos como êste, a quem neste momento prestamos culto?!

É bem digno da nossa estima e admiração e por isso lhe enviamos a nossa saudação.

Suas faculdades de inteligência e trabalho, são para nós um estímulo e um grande ensinamento; aprendamos com êle, porque só com o trabalho que nobilita, poderemos um dia ser homens disciplinados e dignos

não só dêle que nos dirigiu, como da República que nos ajuda a educar.

Queridos condiscipulos! Imitemo-lo e trabalhemos muito, só assim poderemos olhar o Futuro com confiança.

A. Fonseca e F. Figueiredo  
Alunos do 2.<sup>o</sup> ano preparatório



## Cap.-ten. H. Ferreira de Sousa

Neste dia em que prestamos as nossas sentidas homenagens aos ilustres orientadores do Instituto, não podemos omitir de forma alguma, estas poucas palavras que bem quiséramos iossen suficientes para mostrar a nossa gratidão, para com o incansável e digno Regente da 2.<sup>a</sup> Secção, Sr. António Ferreira de Sousa.

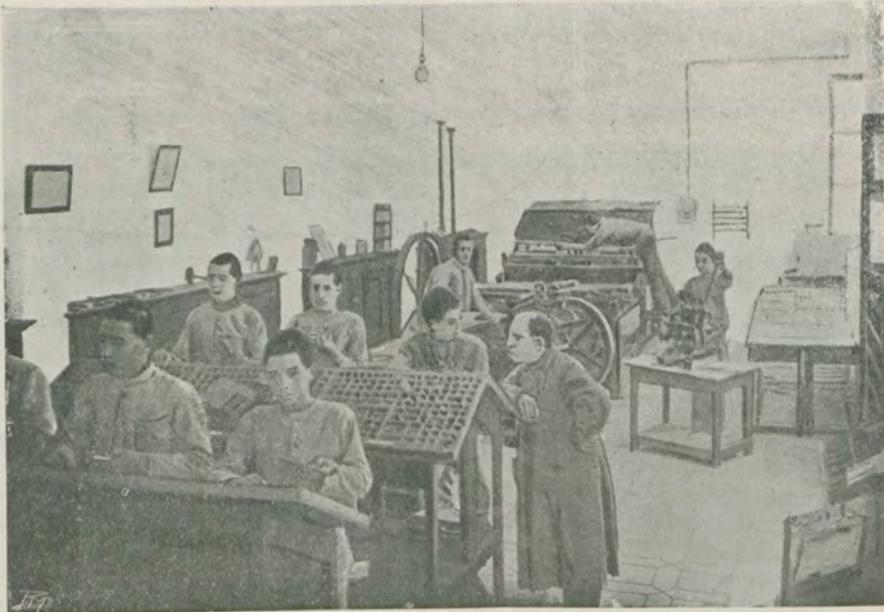
Agora, que já lhe dedicámos um simpático e justo sarau de homenagem, de-certo êle nos desculpará a singeleza destas linhas, mas cuja expressão nasce nos nossos peitos com tôda a pureza infantil.

E' pois nosso infindo desejo registrar mais uma vez o profundo reconhecimento de gratidão, para com êste ilustre propulsor desta obra modelar.

E para que tenha mais importância o nosso gesto e mais brilho o nosso sentimento, levamos à estampa o seu retrato, cõscios assim, que lhe damos o colorido que lhe roubou a nossa pena inexpriente.

A Direcção.





Tipografia

## A OBRA DO INSTITUTO

Desde 15 de Janeiro de 1912, data da sua abertura até ao presente

Mapa demonstrativo da entrada e saída de alunos durante este período

Admitidos	Sairam com um curso completo	Sairam sem completar curso	Expulsos	Falecidos	Freqüentam actualmente o Instituto
445	102	56	16	7	264

Mapa elucidativo dos cursos com que saíram habilitados os alunos acima referidos

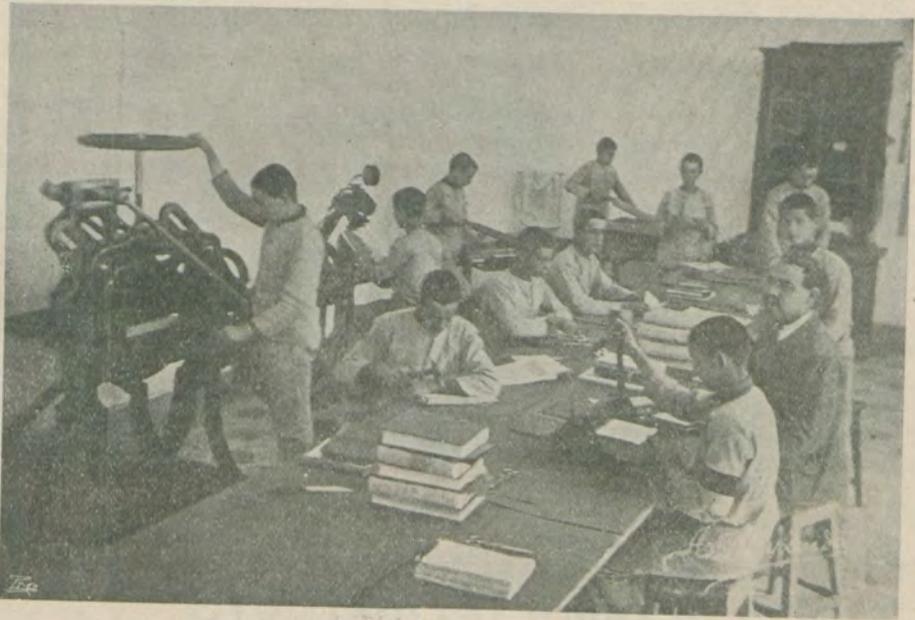
Curso complementar de comércio	Curso elementar de comércio	Curso complementar de indústria	Curso elementar de indústria	Curso oficial					Curso de 2. <sup>os</sup> Sarg. <sup>os</sup> de inf. <sup>a</sup>	Total
				Carpinteiros	Ferreiros	Fundidores	Cerralheiros	Tipógrafos		
11	13	5	28	5	1	1	24	5	9	102

Quinze alunos habilitados com os cursos complementares de comércio ou de indústria saíram também habilitados com os cursos de 1.<sup>os</sup> sargentos de infantaria; e os alunos dos cursos elementares de comércio ou de indústria e 23 alunos do curso oficial também saíram habilitados com o curso de 2.<sup>os</sup> sargentos de infantaria. Nos anos de 1917 e 1918 foram admitidos na Escola de Guerra para o curso de administração militar 13 alunos que estavam frequentando os cursos complementares, e que hoje têm o posto de aliees. A maioria dos alunos dos cursos complementar e elementar está frequentando respectivamente o Instituto Superior de Comércio e os Institutos Commercial e Industrial de Lisboa; e 6 alunos cerralheiros foram admitidos na Armada como 2.<sup>os</sup> sargentos condutores de máquinas.

## NOVO DIRECTOR

Como noticiámos no número anterior do nosso mensário, foi nomeado para substituir definitivamente o

mas. Não se tratava apenas de fundar mais uma escola, criar cargos para incompetentes, fazer disto um refúgio para vadios e parasitas. Não! Tratou-se de fazer uma semelhante das



Encadernação

Ex.<sup>mo</sup> Sr. coronel Romeiras de Macedo o ilustre militar, coronel do Estado Maior, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Fernando Freiria.

S. Ex.<sup>a</sup> recebeu os cumprimentos dos Srs. Professores e oficiais, no dia 21 às 11 horas.

Em seguida o distinto oficial passou revista ao batalhão de alunos, que se encontrava formado na Parada da 2.<sup>a</sup> Secção, depois do que, num breve mas eloquente discurso, pôs em destaque o valor desta Instituição, dizendo congratular-se bastante pela honrosa distinção que o Governo lhe concedera, nomeando-o para seu Director.

Finda esta cerimónia, o ilustre oficial retirou-se.

Plenamente convictos de que S. Ex.<sup>a</sup> será mais um verdadeiro amigo a juntar aos muitos que já temos, nós alunos do Instituto, saudamo-lo fervorosamente e congratulamo-nos imenso em termos como Director uma tão prestimosa figura.

## Officinas gráficas

### Tipografia e Encadernação

Ao iniciar-se esta obra modelar de que a Pátria se ufana, um pensamento altruista e sábio presidiu à elaboração dos seus progra-

escolas estrangeiras, uma escola onde se trabalhasse, onde se aprendesse o bem de Portugal, com o fim de o erguer do lodaçal imundo e fanático em que se encontrava prostrado.

Foi êsse o fim do seu fundador, fim êsse que dia a dia se vai acentuando duma maneira clara e progressiva e que coroa de bom êxito o nobre pensamento da fundação desta casa.

Escolas onde o ensino consta de teoria e de inépcia tínhamos nós muitas; de escolas onde nada se produzia, simples e unicamente retrógradas, estava Portugal repleto, algumas constituindo a vergonha duma pátria. Não necessitávamos de escolas que formassem intelectuais, precisávamos, sim, daquelas onde se cultivasse o amor ao trabalho, porque, só quem aprende a trabalhar obedecendo, poderá mais tarde dirigir mandando.

Tratou, pois de dar-se ao nosso Instituto paralelamente com o estudo teórico um carácter prático por meio de oficinas, fundando-se entre outras a Tipografia e Encadernação que passo a descrever:

Desde a sua primitiva fundação a Tipografia, tem tido um gradual desenvolvimento, que actualmente se acentua duma maneira prodigiosa.

A sua primeira instalação não consistia em mais do que um pequeno cubículo estreito e apertado, onde, juntamente com a Encadernação, trabalhavam as duas artes gráficas. Logo de principio se começou a acentuar a necessidade de uma deslocação e ao mesmo tempo da separação destas oficinas, que a falta de meios foi adiando sucessivamente até terminar o ano passado.

Duas máquinas de pequenas proporções compunham o seu deficiente material.

Como acontece com tudo o que é do Instituto, esta oficina iniciou a sua laboração com enormes dificuldades e sacrificios, devido à escassez de material, ou por outra, devido à falta de dinheiro. A-pesar-de tudo, em breve os seus trabalhos demonstraram duma maneira sucinta o seu rápido desenvolvimento.

Para provar quão grande foi o esforço desta oficina, basta dizer que ao fundar-se *O Profissional* era necessário levá-lo à máquina nove vezes.

A par desta, e intimamente ligada, com ela a Encadernação começou também os seus trabalhos, sendo na sua maioria trabalhos nosos; poucos eram os que saíam do Instituto.

Finalmente o ano passado conseguiu separar-se as duas oficinas, ficando independentes uma da outra.

Para a Tipografia foi uma máquina cilíndrica de grande formato, o que veio dar um grande incremento aos trabalhos para fora, em virtude dos quais dentro em breve, a máquina ficará indemnizada. Vários livros têm saído dali, sendo actualmente composto e impresso, além doutros trabalhos, *A alma feminina*, e o *Boletim da Administração Militar*. O nosso mensário é quasi só composto por alunos comerciais, o que nos acarreta enormes dificuldades para a sua saída mensal não havendo por isso como desejávamos, facilidade em imprimir os números esgotados.

A Encadernação agora está também mais ampla, sendo o seu material aumentado um pouco. Encontram-se ali uma guilhotina, duas cesárias, duas máquinas de coser a arame, uma prensa, e vários caracteres de cobre próprios para dourar.

Os livros da Biblioteca têm sido na sua maioria encadernados nesta oficina.

São em grande número os trabalhos que cotidianamente saem destas oficinas, mas não é ainda o que seria para desejar, se de algum lado proviesse um auxilio capaz de as fazer o ideal.

*Abílio Quadros*



Alfaiataria

## Novas oficinas

### Sapataria e Alfaiataria

Apareceram entre nós o ano passado. A princípio parece que em desprimor de tais officios, vários alunos se encontravam

Nem todos podem ser doutores, nem todos podem conseguir um lugar de destaque na sociedade, dada a grande diferença fisica e intellectual que existe entre os homens.

No entanto isto não é razão para que alguém se possa envergonhar do seu officio. Pelo contrário, é um estímulo ao trabalho, e todos nós devemos trabalhar para que salve-



Sapataria

desgostosos por pertencerem àquelas oficinas. Tolice, simplesmente tolice.

Se nos havemos de achar desgostosos por qualquer coisa que nos ultrage e que nos manche, não é, de-certo, pela nossa profissão, que podemos exercer com rectidão e honestidade.

O Instituto é pobre e nós somos todos pobres. Se em vez de imitar alguns colégios onde os alunos freqüentam um curso e são obrigados a sair sem futuro, dada a impossibilidade de o terminarem ou de o fazerem improduttivamente, não será melhor, como acontece connosco, êsses alunos freqüentarem uma officina?

De-certo que sim, sob todos os pontos de vista, porque além disso poucas seriam as nossas familias que conseguiriam obter a nossa educação noutro colégio com a orientação que êste possui, em virtude dos seus poucos haveres.

mos a nossa pátria do precipicio de que ela se aproxima.

É necessário evitar que ela se despenhe no imenso sorvedouro que a tenta arrastar; que a levantemos bem alto ao apogeu doutrora em que ela era grande e dominava o mundo. E para que isso consigamos é preciso que o nosso lema seja o trabalho, e que ao trabalho dediquemos tóda a nossa atenção e tóda a nossa boa vontade. E ela não se levanta, como disse, só com intellectuais, com filósofos e com politicos, levanta-se com elementos de trabalho, e só o trabalho evitará uma verdadeira derrocada.

Felizmente essa má impressão que a principio foi suscitada pela aparição destas officinas, vai-se desfazendo pouco a pouco, e os alunos que têm êstes officios já o exercem alegremente, como não poderia deixar de o ser, visto que todos sabem compreender o nobre fim que se tem em vista.

Ninguém se envergonhe, pois, de que o seu ofício seja sapateiro ou alfaiate, por que êsse sômente honrará quem o tiver; há grandes individualidades inglesas que concertam as suas botas.

No Instituto estas duas oficinas encontram-se ainda em comêço, preparando-se todavia ali, grande número de fatos, principalmente nosos, e sendo o nosso calçado todo lá concertado também.

E' provável contudo, que o seu desenvolvimento dentro em breve se faça sentir como acontece com tôdas as outras.

*Abílio Quadros*

6.º ano comercial



## A minha vida

Desculpai-me caros leitores, se vos agasto por vos contar a minha vida até à minha entrada no Instituto, mas ela é tão triste, tão triste... que certamente vos fará dispensar-lhe alguma benevolência.

Foi em Lisboa que os meus incautos anos da infância se passaram, alegres e descuidados mas cuja alegria não poderia durar muito. A morte arrebatou cruelmente meu pai, e eu, com minha irmãzinha fiquei protegido pelos cuidados da minha santa mãe.

Como me poderia ela sustentar sem haveres, se os nossos rendimentos não iam além dos poucos escudos, que constituam o ordenado de meu pai?

Tratou pois, de internar-me no Albergue das Crianças Abandonadas, até que conseguisse uma outra maneira de me educar.

Um dia, um pastor, precisado dum rapaz afim de lhe guardar os seus rebanhos, dirigiu-se ao Albergue e escolheu uma das muitas crianças que ali se encontravam. E a quem havia de caber a sorte! Fui eu o indigitado para êsse mister



*José Augusto de Sousa*  
(Pastor de ovelhas)

e lá me dirigi acompanhado do sujeito para uma pequenina aldeia chamada Serra da Neve, nas faldas de Montejunto.

O que a desgraça faz! Como ela faz sofrer os pequeninos, os pobres, os desprotegidos da sorte!

E eu, criança ainda, sem saber para onde ia, e a causa da partida, talvez alegremente, encontrei-me entre as serranias abruptas, cheias de neve.

A minha alimentação era quasi cotidianamente, um bocado de pão com azeitonas enquanto apascentava o rebanho; e à noute ao recolher a casa, podia saborear então uma refeiçãozinha melhor e mais agradável.

A minha cama era no palheiro, e aí passava as noutes lembrando com saudade a minha querida família, que se encontrava em Lisboa.

Acalentava-me a esperança de voltar ao seu seio, e por isso sofria mais resignadamente a minha vida atroz.

E se alguma vez desaparecia qualquer ovelha, pobre de mim, o meu corpo é que pagava.

Valeu-me neste transe angustioso um íntimo amigo de meu pai; informou-se do meu paradeiro e tirou-me de tão precária situação. Cumpriu assim a promessa que fizera ao meu pai nas agonias da morte de que faria de mim um homem de bem.

E entrei finalmente neste Instituto, nesta bela casa de educação. Minha mãe faleceu também, e eu ao sair daqui, poderei ganhar já o meu sustento e o de minha irmã.

*José Augusto de Sousa*

2.º ano oficial



*José Augusto de Sousa*  
(Pupilo do Exército)

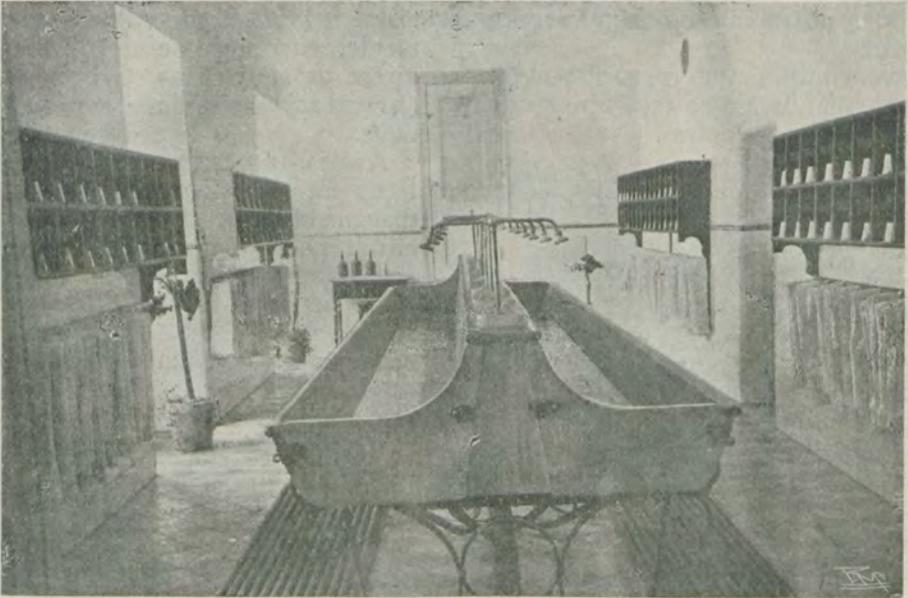
*N. R.* — Publicando êste artigo, inserimos conjuntamente os retratos do seu autor, quando entrou no Instituto e agora, que está prestes a concluir a aprendizagem do ofício de alfaiate, para salientar a bela obra do Instituto, transformando um misero analfabeto num profissional educado e disciplinado, com um futuro cheio de esperança e apto a servir a Pátria e a República.

## Impressões de visitantes ilustres

O Instituto dos Pupilos do Exército é uma das grandes obras educadoras da República. Através dela se

tría pode considerá-la uma das melhores oficinas de preparação do cidadão para o futuro.

Saio enternecido e se mais vezes eu pudesse visitar oficialmente este estabelecimento modelar, fa-lo hia com a consciência de cumprir um dever. Como cidadão não o esqueço; como republicano tê-lo hei sempre presente.



O Lavatório (1.ª Secção)

pode ver como que por intermédio de um dos seus expoentes mais altos, o valor e demais qualidades da Raça.

a) *Antônio José de Almeida*



Como as minhas saudações a quantos tanto se esmeram em dar a condigna educação, aos alunos d'êstos estabelecimento, felicito designadamente o seu zeloso e esclarecido Director pela acção de unidade que nêlo tão hábilmente tem sabido manter.

a) *José Estêvão Moraes de Sarmento*

General



De entre as belas obra da República, êste estabelecimento deve ser incluído no número das melhores.

Visitei demoradamente as suas instalações e fiquei maravilhado.

Saúdo por êste motivo o corpo docente do Instituto e todos aqueles que têm dado o seu esforço verdadeiramente patriótico para os seus progressos.

a) *Francisco Antônio Correia*

Director do Instituto Superior do Comércio



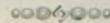
As impressões colhidas na Exposição dos trabalhos dos alunos d'êste estabelecimento, não se descrevem.

Sentem-se; comovem: encantam. Tudo quanto os poderes públicos possam dispensar para o desenvolvimento desta grande obra de educação não será nunca o suficiente. A República deve-lhe muito carinho. A Pá-

tria em nome de S. Ex.<sup>a</sup> o sr. Presidente da República e no meu faço os mais fervorosos votos pela prosperidade do Instituto Profissional do Exército.

a) *Domingos Pereira*

Presidente do Ministério

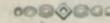


Felicito-me pela visita que acabo de fazer, e felicito sobretudo a República pela instituição que criou. É uma instituição modelar sob todos os pontos de vista, aliando à instrução a educação, e a ambas, o trabalho, filho da disciplina e da ordem.

Necessário se torna que êste estabelecimento se desenvolva, para servir de exemplo e para que o exemplo e a obra frutifiquem. É certo; ela frutificará aproveitando-se e escolhendo-se os homens para o desempenho de funções em que se especializaram, e bem se escolheram os competentes para nos mostrarem nesta escola modelo o muito que pode fazer o amor e a dedicação, se o Estado como lhe compete cooperar e há de cooperar numa obra como esta, de ressurgimento.

a) *Aresta Branco*

Ministro da Marinha



Honra a República o pensamento que presidiu à organização d'êste estabelecimento e que tão brilhantemente tem sido interpretado pelos seus executores que em tão curto praso de tempo realizaram uma obra modelar.

a) *Helder Ribeiro*

A disciplina, o asseio e os métodos de ensino d'este modelar estabelecimento de educação deixaram-me encantado.

É uma obra admirável e perfeita de assistência aos

ordem e disciplina que se observa nos seus mínimos detalhes.

.....  
Pode enfim orgulhar-se a República com a sua obra



Refeitório da 1.<sup>a</sup> secção

desprotegidos da fortuna, a qual eu a considero uma das mais belas instituições realizadas pela República.

O amor ao trabalho, à Pátria e à República, são aqui ministrados com um carinho que muito honra o corpo docente desta casa a quem felicito calorosamente.

a) *Joaquim Oliveira*

Ministro da Instrução

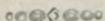


Sabia da existência d'este Instituto; ignorava, porém, a sua magnífica organização. Acabo a minha visita maravilhado do que vi e do que adivinho se faz com a inextinguível dedicação de quem superentende directa e praticamente no Instituto dos Pupilos do Exército. São precisos muito amor e muita devoção patriótica para fazer o que vejo feito.

Bem merecem da Pátria os que colaboram assim dedicadamente pelo futuro das gerações que não de nobilitar a sua Pátria pelo saber e pelo carácter.

a) *Carlos Maria Pereira*

Prof. da Escola Industrial Afonso Domingues



«Acabo de visitar o Instituto dos Pupilos. Se numa visita a um estabelecimento de ensino nos é permitido sentir uma gratíssima sensação de prazer, essa sensação sente-se em elevado grau neste estabelecimento verdadeiro filho da República, elle é bem uma obra republicana pelo espirito eminentemente pratico que presidiu à sua organização pelo asseio e limpeza escrupulosíssimos que se observa em tôdas as instalações, pela

e ella é bem um estímulo e que todos a ella se dediquem com amor e carinho.»

Lisboa, 14-10-917.

a) *Alfredo Fernandes*

Médico nas Caldas das Taipas



«Da rápida visita que fiz a este Estabelecimento levo a mais grata impressão. Tudo me parece ordenado com muita intelligência e dirigido com muito amor. Não deve ser necessário recomendar um tal Estabelecimento às atenções do Poder, e ousaria recomendá-lo aos homens do meu país, se não tivesse a anticipada certeza de que elles em geral, sofrem de incurável surdez para este género de recommendações. Pois dispensando alguma protecção a este Estabelecimento, tornariam simpático o seu dinheiro, porque fariam obra verdadeiramente patriótica.

a) *Brito Camacho*



Levo da minha visita a este modelar estabelecimento a mais agradável impressão, considerando que a instrução aqui ministrada aos alunos é excelente para a sua entrada nas escolas médias e superior. O ensino profissional ministrado nas oficinas excedeu toda a minha expectativa, assim como o ensino pratico ministrado nos escritórios.

Felicito calorosamente o seu director e o corpo docente, fazendo votos pelo continuo progresso do Instituto.

a) *Luís da Silva Viegas*

# POESIAS RECITADAS NA FESTA DE HOMENAGEM

Ao Ex.<sup>mo</sup> Regente da 2.<sup>a</sup> Secção

## Preito de homenagem

É hoje oh mocidade, alegre sem tristeza,  
Que a gratidão desperta na alma do estudante,  
É vem num gesto altivo cheio de grandeza  
Prestar seu justo preito ao nosso comandante;

Ao nosso comandante, ao nosso protector,  
Como êle é nosso amigo olhai p'ra êle, olhai...  
Por nós tanto trabalha, teu-nos tanto amor,  
Talvez mesmo igualado a um segundo pai;

Da armada portuguesa êle é oficial,  
Da armada de Dom Vasco e d'Alvares Cabral,  
Dessa de cujas naus o mar todo tremeu,  
A armada lusitana, a armada temerosa...  
Oh! Quem me dera ter aquêla farda honrosa  
Da terra o ideal, dos mares o apogeu;

E como lhe pagar um amor tão devotado,  
Êsse amor tão intenso quasi paternal,  
Que as faltas tôdas nos perdoa de bom grado  
P'ra nós sempre sorrindo, alegre e jovial?  
Poís para lhe pagarmos, além de trabalhar,  
Alunos dos Pupilos, sabe a pátria honrar.

João Pires Antas

## No sonho da vida

Como gota de orvalho suave, cristalina,  
Que scintila e sorri no casto seio da flor,  
Assim nos oferece a Natura divina,  
Mil encantos de infância de etéreo esplendor;

Os sonhos enganosos tão cheios de candura,  
A mística poesia que encanta e seduz,  
Que a Mocidade inflora de terna ventura,  
D'amor e de alegria, da vida que reluz...

E os passos nossos, inda tímidos incertos,  
Indecisos vagueiam num mar de ilusão  
Descerrando horizontes risonhos, abertos,  
Em busca da Velhice... da negra visão!

E quem nos vela o sonho que a rir vivemos  
Na sombra passageira, vã, do que sonhamos?...  
Um preceptor amante como outro não temos,  
Uma alma generosa que também amamos!

Um nosso amigo franco, dócil paternal,  
A quem mostramos nossa gratidão ardente  
Com um amor de filho, profundo, leal:  
Aquele dedicado e querido Regente.

E lá quando a sombra da campa se erguer  
Para nos envolver no manto da tristeza,  
Baixinho e a chorar havemos de dizer:  
Honrado foi seu trabalho, nobre a sua empresa!...

E a tal gota de orvalho suave, cristalina,  
Que scintila e sorri no casto seio da flor,  
Deixou morrer seu brilho... já não ilumina;  
Diz adeus à ventura num hino de amor...

Jaime de Mascarenhas

## O nosso preito

Num dos sonhos da alegre mocidade,  
Sonhos que brotam cheios de fulgor,  
Nós vimos hoje aqui com ansiedade,  
Depor a vossos pés o nosso amor.

A mocidade é bela e jovial,  
Repleta de paixões, enganos, mágoas;  
Qual frágil barco em grande temporal,  
Se conserva inconstante sôbre as águas.

Ilusões, fantasias, vis portentos  
Que nos arrastam por alguns momentos,  
São como a brisa leve, a doce aragem  
Perpassando suave sôbre nós.  
E os nossos sonhos, loucos, juvenis,  
São meras pulsações de almas febris,  
Qué a recordação bela dum a imagem  
Nos acalenta emmudecendo a voz.

É essa mocidade apaixonada,  
Um ser de vida errante sem ter norte,  
Que atenta, altiva, contra uma rajada  
Sem reparar sequer na negra morte;

É essa mocidade embevecida  
Que vem agora aqui, em devoção,  
Prestar uma homenagem merecida  
E entregar-vos assim seu coração.

Abilio Quadros

## Balada da mocidade

Nas almas juvenis existe um sentimento,  
Dos seus ternos carinhos e doces desvelos,  
E hoje a mocidade, neste áureo momento,  
Consagra-lhe o seu nome em amorosos elos.

Dos lares paternais saímos tristemente;  
Pela mão de nossas mães aqui viemos ter,  
Esperando da mãe Pátria, a luz onipotente  
De amor e de justiça, p'ra mais alto a erguer.

Faltava-nos alguém nesta missão insana,  
Deu-o a Providência. Ei-lo, ali, senhores,  
Figura magistral da armada lusitana,  
O ornamento sublime dos educadores.

De orgulho pátria querida, te debes sentir  
Gerando êsse teu filho, glória da nação.  
Estrêla rutilante de grande espargir,  
Que hoje contemplamos com veneração.

No perpassar da vida em que a infância ledã,  
Sente ecoar em si, um canto jovial,  
Vela ela por nós, e p'lo bem nos envereda,  
Formando os cidadãos, almas de Portugal.

E peço-vos agora, oh! queridos companheiros,  
Que aquele rosto amigo, sempre relembrai,  
Porque se encarna ali, a alma dos marinheiros,  
E a doce expressão, que caracteriza um pai.

Carlos Lopes Antunes

## Ecos

Deixou o cargo de professor de esgrima de florete, o nosso estimado e antigo professor sr. Pedro de Oliveira.

A sua despedida foi muito saudosa, tendo os seus alunos no último dia de aula, tirado com êle uma fotografia.

Veio substituí-lo o seu ilustre discípulo, que há pouco venceu o campeão do mundo em França, o sr. Cap. A. Oliveira.

zeram desinteressadamente alguns serões, somente pela sua dedicação ao trabalho, e amizade ao nosso mensário.

Aos alunos e mestres das artes gráficas, a Direcção em nome dos alunos, agradece reconhecida.



Reassumiu as funções do seu cargo, depois duma larga permanência em França, onde prestou relevantes serviços ao nosso país, o digno regente da 1.<sup>a</sup> Secção do Instituto Sr. Vitorino Guimarães.

A êle dirige *O Profissional* as mais sin-



Sala do 1.<sup>o</sup> ano (1.<sup>a</sup> secção)

Ao novo professor desejamos as boas vindas e que se conserve muito tempo no Instituto, para que possuamos mais um vulto a juntar à pléiade dos que tanto o honram.



A Direcção de *O Profissional*, manifesta o seu reconhecimento pelos seus camaradas tipógrafos, que durante a composição do presente mensário, se ofereceram para compor, nas horas do recreio, e depois do estudo, ficando por vezes a trabalhar até às 23 horas e mais.

Não devemos esquecer, e agradecer o trabalho dos mestres das artes gráficas, que fi-

ceras saudações, fazendo votos pela sua permanência no lugar que tanto tem honrado, prestando ao Instituto tóda a dedicação que sempre lhe mereceu e continua a merecer.



Realizou-se na noute de 2 do corrente, comemorando o 421.<sup>o</sup> aniversário do descobrimento do Brasil, uma pequena conferência a que assistiu o Ex.<sup>mo</sup> Director. O conferente, o aluno Fernando Corado, expôs com muita correcção o facto notável, dos nossos antepassados, salientando o seu alto significado patriótico.

Ao terminar foi muito aplaudido.

# AO LUAR...

Original de Jaime de Mascarenhas

(Continuado do número anterior)

Uma estrêla para mim, confiança em Deus? Como pode ser bondoso, se é denso, se é aterrador, se só há noite escura no céu da minha vida?!...

— Esperança, esperança, lhe aconselham as minhas cans, que nunca infelicidade viram. Diz-me uma voz íntima que o tornarei feliz...

— Mas não sei, não posso crer.

— Verá, verá. Prossiga a sua história, sim?

— Pois... e como anseio terminá-la!

Finalmente alheio à realidade caminhei numa certa direcção.

Muito não tinha andado, quando divisei lá adiante um vulto de mulher, banhado pelas brancuras do luar, e estuguei o passo. Não me enganara, era ela. Como estava só, junto dum caramanchão; dela me aproximei, sem que não me deitasse sempre o mesmo olhar despresivo.

Exprimir a dor que senti, não podem as minhas palavras, só o sangrar da minha alma dorida o poderá descrever.

É a viração que suave e tão mansa corria, tinha a ternura dos sonhos infantis.

Duas lágrimas me correram pelas faces, e eu, vi que ela ao palor melancólico da lua, as viu deslizar scintilantes e compassivas. Foi desde então que começou a minha dor eterna.

O mancebo choroso, deixara cair irresistivelmente a cabeça entre as mãos, e a seu lado o venerando, inclinava-se um pouco e com a bondade e com o amor de pai, pousava-lhe na testa dois beijos nascidos da infinda comoção; reconsiderando triste com sufocada voz: Porque não mostra a todos a felicidade suas carícias?.. Eu fui tão feliz nestes tempos, parece que sinto meu coração já frio envolto nas melancolias da velhice, pulsar jovial, aquecido pelas volvidas alegrias e venturas...

Por fim ficara absorto, afagando Leonardo com a sua mão bondosa. O rapaz cheio de reconhecimento, limpou as lágrimas e tomando a mão caritativa de Rui, depôs-lhe um beijo de respeito dizendo; há um sentimento que vai nascendo e me prende a vós, como se fôsseis meu pai. Enorme é a gratidão que eu sinto em vos ver sofrer por mim!

E ficaram momentos abraçados, como pai e filho.

Novamente o mancebo recomeçava.

— Ela esperou depois impaciente, que eu lhe dirigisse algumas palavras.

A sua fala iôra interrompida porque a porta da sala abriu-se e Joaquim appareceu no limiar, trazendo na mão direita uma salva com uma carta.

— O que é, Joaquim?

— Uma carta para V. Ex.<sup>a</sup>, e creio que é da menina...

Seu semblante tristonho, suavizara-se um pouco ao reconhecer com eieito a letra de sua filha, e ia collocá-la de lado, se o desditoso não insistisse em que a lesse, pois que primeiro do que êle estava o amor de filha.

Depois de a ler rapidamente, disse despreocupado: minha filha chega hoje ao sol posto. Seu companheiro alheio a tudo, fitava com olhar sonambólico o movimento isócrono da pêndula do relógio da sala; mas ouvindo as palavras de Sobral, volveu para êle a vista.

O criado antes de se ter retirado, não o fizera sem que com um fito de espanto tivesse fixado o hóspede.

— Prossigamos; mas por que não tentou deixar essa mulher?

— Eu poderia lá fazê-lo! impossível, impossível! Na sua frente senti-me o mais misero mortal. Era a sedução dos seus ademanos, era o aroma de encantos que parecia espargir tôda a sua beleza, que para ela me impeliava.

O ancião muito atento à narrativa alheio a tudo que o rodeava, tateava a mesinha que estava junto de si, collocou a carta em cima dela. O rapaz que acompanhara o movimento também despreocupado, vira por acaso a letra do sobrescrito. Leves contracções se desenharam no seu rosto, sem que tai notasse o Rui, pois que o estava ouvindo com os olhos fitos no chão.

Leonardo continuava com a dor na alma, tornando-se cada vez mais aflito ao embargar-se-lhe a voz na garganta.

Cheguei-me junto dela e descobrindo-me reverente com a voz sufocada, disse com êxtase e loucura:

Quere V. Ex.<sup>a</sup> acreditar que a amo até à loucura?

Vê-la e senti-la a vida da minha vida, foi como a rapidez dum segundo. O que é o amor nunca eu o sentira, mas êste vago anseio indefinível, êste alancear que me emmudece, êstes segredos misteriosos que sinto na alma que me parecem o prenúncio da felicidade eterna envolvendo-me num azul céu de venturas, que arde, que queima, que me consome, não será amor, não! E' adoração!.. Adoro-a!

Ai, senhor, a palavra Adoro-a, saiu do meu peito a arder, como o socôrro que pede um moribundo ao dizer um Adeus eterno à Vida, ou como o filho agonizante que numa agonia louca, lança a sua mãe o mais pungente olhar, que só se volve, quando se deixa o sono da Vida, para passar ao sono da Morte.

O infeliz, que até aqui acompanhava as suas palavras, com trémulos gestos, fê-los daquela vez, com sem lhante desaspero de agonia que causava horror. O venerando acalmava-o perplexo, boquiaberto, aflito, incitando-o a não continuar, porque não estava em estado de recordar o passado. Mas êle não atendia, parecia demente e assim continuava preturbado com uma voz sufocada que metia dô:

E ela que as minhas puras palavras ouvira, levantou por fim o seu nêvo braço, fazendo menção de que me levantasse, porque eu involuntariamente tinha caído de joelhos a seus pés; e disse-me: Desprezo o seu amor!.. sois muito humilde, não mereceis um único dos meus affectos; não me persiga mais, de contrário odiá-lo-ei.

Senhora, senhora, disse eu quasi louco, não me mate! Ela voltando-me as costas disse: afaste-se, afaste-se.

— Ah, ingrata sois, abandonai da alma, a vida que me roubastes.

E lá no céu a lua, semelhante a um disco dourado, parecia embalar as lindas canções de amor, osculando com os seus raios de prata a ramagem das árvores, que se desenhava na relva matizada dos canteiros, enquanto eu sentindo-me desfalecer caia inanimado.

(Continua)



MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

N.º 40-41 — 6.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Junho e Julho de 1921

Administrador  
Mário dos SantosCORPO DE REDACÇÃO  
Júlio Gonçalves, A. Quadros, redactor principal  
F. Corado, secretárioDirector  
Jaime de Mascarenhas

## É TEMPO

O periódico *O Colégio Militar* dos nossos colegas daquele colégio, inseria no n.º 3 da sua publicação um artigo de fundo no qual se reclamava uma estreita união que deve ligar de futuro os educandos da Obra Tutelar do Exército.

Não era atitude condigna dos alunos deste Instituto, recebermos êsse brado cheio de lealdade, sentido de gratidão, como se êle fôsse um eco perdido das frivolidades infantis; e por tal a nossa pênna hoje, movida pelos sentimentos mais puros, não poderia ficar imóvel e descuidada, alheando-se a um tal brado que hoje também públicamente secundamos.

Os nossos passos pressurosos, saltitantes, que acompanham o florir caprichoso da imaginação infantil, hão de um dia na sua incerteza, atingir a meta idealizada, mostrando não ser simples quimera tudo a que somos levados pelos anseios da nossa alma.

A sociedade é implacável, dizem, e nós ao sermos para ela lançados encontrar-nos hemos talvez presos nos dédalos da injustiça humana. Não mais volverão os sonhos descuidados... não!... Isso foi jardim florido por onde passou mão sarcástica e tudo queimou!...

Os nossos ideais tecidos durante a adolescência sorridente, sofrerão o embate da adversidade que será preciso vencer com uma vontade enérgica e persistente.

Começará a luta pela vida! Os mais fortes subirão, os mais fracos aniquilar-se hão. E será sempre a mesma luta, o homem a querer dominar o homem.

A amizade que é dela? Muitos a proclamam... e poucos a sentem! Amigos serão aqueles que o foram nos bancos da mesma escola, e oh! dêsses, mesmo dêsses, quantos não chegarão a perder a amizade cimentada!

Ficamos a olhar perplexos, a recordar com êsses amigos da escola os tempos volvidos, para amenizar as agruras da realidade, agruras cada vez mais doridas, logo, recordar cada vez mais ansiado. Entrando na vida real, francos e dóceis, a sociedade pretenderá afeiçoar-nos a seu modo desiludindo as nossas crenças; lutaremos, é o nosso dever.

São os amigos que encontramos na infância, disse, que podem suavizar mutuamente os abalos morais que nos pretendem consumir e é êsse o anseio que a alma da mocidade deve sentir no seu âmago, forte, imperecível, cheio de lealdade. Mas de lealdade, de desinteresse, de abnegação, notemos bem!

Que não sejam palavras soltas sem a rectidão das nossas consciências...

Êsse sentimento tão vivamente expresso nas saudações em que transparecia a lealdade mais sã, trocaram entre si os educandos do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, Colégio Militar e Instituto dos Pupilos do Exército, no teatro do Colégio Militar, quando do ensaio de canto coral ali realizado em comum.

Esse desejo foi também publicamente manifestado em *O Colégio Militar* no aludido artigo de fundo, desejo que igualmente hoje proclamamos nas colunas de *O Profissional*.

É altamente vantajoso sob todos os pontos de vista que se estreite a ligação entre os educandos da Obra Tutelar do Exército; quanto ao Instituto Feminino de Educação e Trabalho, bem o sabemos, ela será mais difícil, atenta a diversidade dos sexos, mas leal, sincera e correcta, pod e deve manter-se.

Além de tudo o mais, os alunos da Obra Tutelar do Exército, os futuros valiosos portugueses de amanhã, têm a obrigação moral, irrefragável, de começar a tecer em imorredouras crenças as auroras risonhas, que anunciem melhores dias para a nossa querida Pátria.

Pugnemos para que se desvançam, duma vez para sempre, porventura infundados sentimentos que entre nós existiam, sem causa positiva e conhecida. E com êsse fito alimentemos desde já, desde crianças, uma aspiração única influenciando-nos reciprocamente pelas nossos ideais que começam a nascer com o despedida da nossa infância.

Educandos da Obra Tutelar do Exército, juntos e unidos abramos com o coração, com o sentir da nossa alma patriótica, uma a uma, cada página dourada da nossa História e bebendo com avidez do nosso olhar cada feito heróico — cada pérola embutida nas suas páginas de ouro, sigamos os exemplos de Filipa de Vilhena, de Nuno Álvares Pereira, e do Marquês de Pombal em tudo quanto essas glórias nacionais representam os patrióticos ideais para as mães portuguesas, para os futuros defensores profissionais do nosso Portugal e para o seu engrandecimento político, económico e financeiro.

*Jaime de Mascarenhas*

7.º ano comercial



## A NOSSA FESTA

Realizou-se no dia 10 do corrente, a festa que estava marcada para o dia 25 de Maio, com o fim de comemorar o primeiro decénio do Instituto.

Honraram-nos com a sua presença o Ex.<sup>mo</sup> General Correia Barreto, fundador do Instituto, bem como os Ex.<sup>mos</sup> Ministros da Guerra, Instrução, Trabalho, Estrangeiros, Interior, Comércio e outras altas individualidades de destaque.

Inaugurou-se a Mutualidade *Pupilos do Exército*, estando nomeada já uma comissão instaladora presidida pelo major Sr. Vitorino Guimarães. Falaram nesse momento os Sr.<sup>s</sup> Director do Instituto, Ministro da Instrução e General Correia Barreto, agradecendo êste, as palavras de elogio que lhe foram dirigidas, pela obra grandiosa que empreendeu e que tão rapidamente se tem desenvolvido.

Dirigimo-nos ao teatro do Instituto, fazendo-se ouvir a nossa orquestra; a sessão comemoratória iniciou-se com o Hino Nacional.

Num brilhante e patriótico discurso, o professor Sr. João Soares, fez salientar a falta em Portugal de escolas como esta, pois só assim se acabará de vez o ensino jesuítico que de profundas raízes custa a desalojar-se desta terra bendita. Refere-se ao rasgo alevantado do fundador do Instituto e sentidamente recorda os três directores falecidos, Capitão Figueiredo, Coronel Ortigão Peres e Ten-Coronel Moura Mendes.

Pelo Sr. Ministro da Guerra é descerrado o retrato do fundador, entre ruidosos e sinceros aplausos da assistência. Os retratos daqueles directores, descerrados também, trazem a todos os que os conheceram infindas saudades de outrora. Seguem-se alguns momentos de profunda tristeza, continuando depois o orador em calorosas palavras, o seu discurso interrompido. *A Pátria é eterna e imortal*, a pátria de Portugal não poderia morrer, esta pátria cuja História é um passado glorioso, cheia de feitos heróicos e destemidos, rasgos de bravura só próprios do povo português. Nota desconsolado a tristeza da mocidade de hoje, e acha necessária uma rápida remodelação dos cursos escolares.

Quando o orador terminou, muitos dos assistentes encontravam-se comovidos por algumas passagens do discurso.

Seguiram-se alguns números do orfeão sob a regência do professor Sr. Costa Brás.

Pouco depois efectuou-se a merenda entre alunos e quasi todos os ex-alunos do Instituto, reunidos numa perfeita confraternização de camaradas de ontem.

Nessa breve reunião relembram-se aqueles tempos em que sentados á mesma banca de estudo, sentiram as mesmas comoções e as mesmas vaidades. Em fraternais abraços vêm á memória todos êsses momentos felizes e o vácuo deixado pela despedidacruel preenche-se, gosa-se mais vida e em todos os corações rebrilha a alegria.

Terminada esta pequena e modesta merenda, corremos a armar-nos e fomos assistir á imposição das medalhas de valor militar letra

C aos tenentes Sr.<sup>s</sup> Henrique Perestrelo e Baltazar Ferreira.

Sucederam-se jogos e saltos que a assistência aplaudiu, terminando assim a nossa festa diurna.

Aos Ex.<sup>mos</sup> Ministros e visitas officiaes que os acompanhavam, foi ofertado pelos alunos, um chá, na sala da Biblioteca em que S. Ex.<sup>as</sup> tomaram parte jubilosamente.

Um pelotão de alunos armados fazia a guarda de honra à entrada e saída das altas individualidades do país.

Depois do jantar realizou-se a festa nocturna num palco improvisado na parada do Instituto, visto que o nosso teatro era insufficiente para acomodar o grande numero de pessoas que acorreu à nossa festa e que em maior numero seria ainda, se os eléctricos não estivessem em parede.

E' nosso dever agradecermos a comparência do Instituto Feminino de Educação e Trabalho e do Colégio Militar que acederam ao nosso convite enviando cada estabelecimento uma deputação dos seus educandos. Este facto que muito nos honrou vem estreitar mais as relações entre as três casas de educação da Obra Tutelar do Exército.

A récita decorreu muito animada e às 24 horas e 20 minutos terminava a nossa festa deixando indeléveis recordações dêsse dia.

A absoluta falta de espaço inibe-nos de a relatarminhos minuciosamente e por isso pedimos desculpa aos nossos amáveis leitores.

*Abílio Quadros*

6.<sup>o</sup> ano comercial

## Uma Festa Militar

Para cooperarem numa benemérita e simpática festa, que almas nobres e devotadas se lembraram de organizar a favor dos filhos dos soldados e cabos da Guarda Nacional Republicana, na noite de 24 de Abril, foram convidados, o Instituto Feminino de Educação e Trabalho, o Colégio Militar e nós, os Pupilos do Exército.

Como é natural, ficámos extremamente satisfeitos com o convite que nos dirigiram, tanto mais, que sempre ardentemente desejamos aproveitar tôdas as ocasiões que se nos proporcionam, para levantar bem alto o nome do Instituto, lá fora, onde já começamos a ser conhecidos e olhados como quem somos e como realmente merecemos.

Não me permite a falta de espaço, nem é

meu intento, fazer aqui uma narração ampla e completa do programa a que esta festa obedeceu; e, referindo-me a ela, apenas viso deixar registrado nas colunas de *O Profissional* a participação dos estabelecimentos de ensino da Obra Tutelar do Exército, uma outra obra nobre e altruísta, plenamente conforme com os principios daquela a que nos acolhemos.

O vasto recinto do Coliseu estava concorridíssimo. Quási todos os lugares se encontravam tomados, vendo-se apenas algumas cadeiras e um ou dois camarotes desocupados, enquanto que na geral um mar de cabeças se agitava freneticamente, sucedendo-se os empurrões seguidos de surdas pragas soltadas involuntariamente por aquela multidão impaciente, que em furiosa sanha se acotovelava, com vigor pouco natural, buscando e disputando lugares donde melhor pudesse ver e observar.

Encontrava-me eu, no meio desta multidão insofrida e impenetrável, que me mimoseava de quando em quando com amáveis pisadelas e encontrões, quando de súbito a orquestra executando um dos seus números, fêz pairar sôbre o ambiente um silêncio e sossego momentâneos, que eu aproveitei para me dirigir ao local, onde os meus camaradas já armados e equipados como os soldados da Grande Guerra, se preparavam para entrar na pista.

Ao Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, foi distribuído o 1.<sup>o</sup> número do espectáculo, honrosa distinção a que procurámos corresponder esmerando-nos na realização do manejo de arma, de vários exercicios de esgrima de baioneta, alguns dêles com a máscara anti-gás, e na demonstração de desarmamento em combate singular. Os aplausos com que, logo de entrada, fomos acolhidos e aqueles não menos calorosos com que vimos coroados o nosso número, encheram-nos de satisfação, pois foram o melhor testemunho da forma como cumprimos o nosso dever.

Ainda 15 minutos não seriam passados quando Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Presidente da República chegou, não podendo com bastante mágoa nossa assistir aos exercicios por nós já executados.

Os nossos camaradas do Colégio Militar executaram vários números de ginástica com extrema correcção, mostrando bem claramente as suas aptidões para o desporto, pelo que foram muito applaudidos.

Não devemos porém esquecer a parte activa que as nossas colegas do Instituto Feminino de Educação e Trabalho desempenharam, sen-

do por assim dizer as heroínas da festa, chamando a atenção de todos os presentes para a forma primorosa como executaram os seus trabalhos de ginástica sueca, jogos, canto coral e principalmente as suas danças regionais, com que, vestidas à maneira do Minho, durante algum tempo deleitaram a assistência. Como era serena e encantadora a sua alegria e como eu me sentia bem ouvindo aquelas canções, que me traziam saudosamente à memória, os tempos que eu julgava para sempre envoltos nas dobras do esquecimento!

E nestes momentos de recordações, pela primeira vez, senti saudades de alguns felizes e ridentes dias da minha triste vida, que apenas tinham deixado no meu espirito uma vaga e melancólica recordação daqueles tempos que não mais vivemos.

Tudo decorreu o melhor possível, não havendo número algum que não prendesse a atenção do público, que teve ocasião de admirar combates de esgrima, demonstração de sôco, ginástica sueca e aplicada, equitação, música, jogos, canto coral, danças, etc.

*Graciano de Matos Vilarigues*

6.º ano comercial

## A 1.ª SECÇÃO

No antigo convento de S. Domingos de Benfica acha-se instalada, há cerca de 10 anos, a 1.ª Secção do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército.

O velho edificio, antes da fundação do Instituto, não reunia as condições necessárias para internato de crianças. Desde 1911, porém, tem sofrido tão profundas transformações que o velho casarão se pode considerar hoje um estabelecimento modelar, tanto sob o ponto de vista da hygiene como de ensino.

As acanhadas celas desapareceram para dar lugar a amplas camaratas e aulas cheias de ar e luz, as casas de banho e lavatório satisfazem os mais exigentes, e finalmente o refeitório e os recreios são alegres e dispõem bem os alunos durante as suas refeições e folgues. A vida destes é como convém a crianças da nossa idade, muito simples e regrada. Nas suas linhas gerais consiste em levantar cedo e tomar banho todos os dias. Entre o 1.º e o 2.º almôço lições de ginástica e aulas teóricas. O periodo que vai do almôço ao jantar é consagrado a trabalhos manuais, desenho, modelação, música, etc. Depois de jantar, recreio e estudo até à hora de deitar.

Os nomes dos professores a quem está con-

fiada a espinhosa e delicada missão de guiar os alunos nos seus primeiros estudos são garantia suficiente de que essa missão se cumpre com todo o zêlo e competência. A disciplina assentando sobre os principios da mais sã moral e da justiça, não exclui o carinho tão necessário às crianças apartadas de suas familias e que todos os educadores desta casa são pródigos em dispensar aos alunos, que assim quasi não sentem a transição da familia para o regimen de internato escolar a que estão sujeitos.

São estes resumidamente os característicos da vida intima da 1.ª Secção que, como se vê, se baseia na ordem, na disciplina e no trabalho e que certamente faz das crianças de hoje, homens prestáveis à Pátria e à República.

*F. J. Figueiredo e A. J. F. Fonseca.*

2.º ano preparatório

## A despedida

E' este o último numero publicado no presente ano lectivo, e por isso, como Director deste modesto mensário, tão modesto como nós, eu apresento as minhas despedidas e as de todos os membros da Direcção e em especial dos que comigo deixam este ano o Instituto — os camaradas Júlio Gonçalves e Fernando Corado —, aos nossos respeitáveis assinantes.

Estou conscio de que cumprimos o nosso dever, e que dentro dos limites da nossa experiência, empregámos o melhor do nosso esforço em prol do nosso querido periódico.

Estou certo também de que os seus futuros dirigentes, saberão melhor do que nós continuar o seu esforço tendente a torná-lo ano para ano o mais correcto possível.

No próximo ano lectivo, será apresentado aos nossos assinantes o movimento de Caixa, que apresenta um saldo muito razoável, não obstante termos dispendido 18\$00 no aluguer de um camarote de 2.ª ordem, na festa de benefício do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, o qual foi ocupado por 5 dos órfãos mais pobres do nosso Instituto, e 10\$00 numa subscrição caritativa a favor do nosso ex-camarada Carlos Ribeiro dos Santos, que foi abatido ao efectivo do Instituto para dar entrada no Sanatório do Lumiar, um órfão de pai e mãe que se encontra em precária situação.

E ao fazermos a nossa despedida, convencidos de que empregámos todo o nosso ca-

rinho pelo *Professional*, eu não posso deixar de salientar os nomes do tesoureiro, Mário dos Santos e redactor principal, Abilio Quadros, como zelosos e incansáveis que se tornaram nas suas missões.

*Jaime de Mascarenhas*

7.º ano comercial

## SECÇÃO SCIENTÍFICA

### O Comércio

O comércio pode definir-se pela troca de produtos por uma mercadoria comum, a moeda.

Praticam-se *actos de comércio*, quando um indivíduo *comerciante* que está sujeito ao código comercial, compra para vender.

Existem partidários bolchevistas de ouvido, que asseguram não ser o comércio uma indústria, mantendo-se na caturrice de dizer que não produz. Além destas doutrinas, ainda se apregoa uma outra, que diz ser devido ao comércio que hoje nos encontramos em circunstâncias realmente péssimas, e que desapparecendo êle, de-certo que o estado de coisas se modificaria tornando uma fase mais aprazível.

Assentemos em que appareceu desde os tempos mais remotos mas sem ser estudado e acontecia que uma tribu possuía grande quantidade de feijão mas crise de batatas, e que a tribu vizinha tinha abundância dêste e falta do primeiro, de sorte que trocavam os géneros de que tinham mais abundância.

A indústria agrícola foi-se desenvolvendo e adaptando-se outras, de forma que a troca tinha que dar-se em muito maior escala; appareceram então as feiras. Acontecia por vezes que os géneros dum certo comerciante não eram vendidos da banca, ou perdiam no negócio, e então a banca ficava *rôta*. Dai a origem do termo comercial cuja significação é hoje bem conhecida.

Mas a troca ainda se dava por meio de géneros, e com a evolução dos povos foram-se adoptando unidades de permuta conforme as regiões: o sal, o arroz, e finalmente a moeda. Foi com ella que o comércio se desenvolveu, alcançando o enorme incremento actual.

Há quem afirme poder viver-se sem comércio. Mas isto não é assim, pois que o comércio tem que realizar-se pelo menos na matéria prima, e além disso a concorrência que existe e sempre existirá é um derivado do comércio.

Assim: Um determinado commerciante comprou a um explorador de petróleo, uma certa quantidade dêste produto por \$20, ao passo que um outro commerciante comprou por \$18.

Ambos levaram os seus productos ao mercado dando-se em virtude da differença de preços a concorrência.

Suponhamos que um industrial comprou esse petróleo que se encontrava no estado bruto para o transformar collocando-o depois no mercado.

Em virtude da definição de commerciante, êle não o é, de forma que necessita dum intermediário que não é nem mais nem menos que um commerciante, que depois põe em circulação, chegando finalmente ao consumo usual.

Daqui se conclui que o comércio está intimamente ligado com a indústria.

Na época em que os géneros se trocavam por géneros, e em que a indústria se encontrava num estado de atraso, o comércio tornava-se indispensável; hoje que o desenvolvimento da indústria é colossal, muito mais necessário se torna a existência do ramo commercial.

*Renato de Brito*

5.º ano comercial

### Determinação do poder calorífico dum carvão

(Método prático)

Desculpai-me, caros leitores, se vos vou massar com êste meu artigo, pois que só a alguns de vós poderá interessar um pouco; mas, sendo o nosso mensário um órgão professional, e pertencendo eu ao curso de indústria, de-certo deveria escolher um artigo que pudesse interessar os meus colegas, o que faço por meio dum assunto prático e útil.

É muito importante conhecer o poder calorífico dum combustível, porque nos calculos do rendimento duma máquina, dum alto forno, e de tantas outras cousas onde êle tem parte activa, somos forçados a intercalá-lo. Por isso, todo o bom industrial deve saber, ao menos, o processo prático de o adquirir, porque com relativa facilidade o obtém.

Berthier, depois de alguns ensaios, e baseado na regra de Welter, que diz ser o poder calorífico dum combustível proporcional à quantidade de oxigénio que é necessário fornecer-lhe para que êle se combuste, pôde-nos indicar, duma maneira bem prática, a forma de encontrar esse número que desejamos obter, para darmos a uma hulha, a uma le-

nhte, e em geral a qualquer carvão, o seu justo valor.

Pelo processo Berthier, deita-se num cadinho de barro refractário, um grama de combustível reduzido a pó, misturado com 40 grammas de litargirio, cobrindo se esta mistura com mais 20 grammas do mesmo óxido; depois, o cadinho é levado, ou a um forninho ou ao calor da forja, onde deve ser aquecido progressivamente. Decorrido algum tempo — o preciso para se dar a redução do litargirio — deixa-se arrefecer o cadinho, e parte-se. No fundo encontra-se um pequeno bloco de chumbo, que se martela para se fazer sair alguma escória que contenha, e pesa-se com todo rigor.

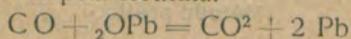
Esta operação é repetida tantas vezes, quantas sejam necessárias para que a diferença entre dois blocos de metal, seja inferior ou igual a um decigrama.

Então, para se obter o poder calorífico do combustível que queremos empregar comprar, vender ou analisar, basta multiplicar o *pêso* de chumbo libertado na redução do litargirio, por 234,2.

Mas por que será que multiplicamos esse *pêso* de chumbo por 234,2?

Eis como se mostra esse número, ou por outra, eis o que fez Berthier para achar este método a que elle deu o nome.

Depois de ter recorrido à regra de Welter, viu por análises, que uma parte de carvão reduzia 34,5 partes de chumbo, o que se pode ver também pela fórmula:



ou pela relação deduzida da fórmula anterior:

$$\frac{C}{20Pb} = \frac{12}{414} = \frac{1}{34,5}$$

Designou por P, o *pêso* de chumbo obtido, pela redução, e disse, que a quantidade de carvão correspondente a esse *pêso* de chumbo seria: P:34,5. Como as experiências feitas no calorímetro lhe mostraram que 1 grama de carvão de madeira fornecia 8.080 calorías, achou que o poder calorífico do combustível que reduziu P grammas de metal seria dado pela expressão:

$$\frac{P}{34,5} \times 8,080 = P \times 234,2 \text{ calorías}$$

E aqui está a razão, por que nós multiplicamos o *pêso* de chumbo reduzido por 234,2 para obtermos o poder calorífico dum carvão.

Fica, pois, exposto um método prático que na maior parte das nossas oficinas e fábricas é desconhecido, mas que, de facto, é bastante preciso.

*José Branco Gomes Barata*

7.º ano industrial

## Contabilidade Industrial

### Lucros

Na Contabilidade Comercial o lucro salta imediatamente à vista; o comerciante não opera nenhuma transformação na mercadoria, serve unicamente de intermediário entre o produtor e o consumidor. A diferença entre os preços por que comprou e vendeu, dá-lhe o seu lucro.

Numa fábrica, o lucro do industrial é mais difícil de ver-se.

As matérias primas sofrem várias transformações. Estas dão lugar a despezas que devem ser rigorosamente repartidas pelas diversas fases do produto e só assim se determinará com o máximo rigor o custo de produção.

É em tórno d'ele que giram as atenções do industrial, visto ser a base do preço de venda, que pode variar ainda com o preço da concorrência similar.

O desenvolvimento duma indústria depende não só dum grande amor ao trabalho por parte do operário, mas ainda duma maior persistência activa por parte do gerente da casa. Quantas vezes as indústrias sucumbem por uma má orientação, como pode succeder com uma desproporcional distribuição das despezas, sobre os diversos produtos manufacturados.

Exemplifiquemos: Uma fábrica de gás illuminante. Suponhamos em primeiro lugar, que os sub-produtos, como alcatrão, coque, águas amoniacais, etc., eram desprezados. O produto principal, — gás —, vinha, fatalmente, muito carregado, e o industrial não o poderia pôr no mercado em concorrência com outro mais previdente. Dai a sua ruína.

Se, como o seu fim é obter o gás, somente lança sobre esse as despezas de fabrico, os outros produtos aparecem, naturalmente de graça, ou então sobrecarregados apenas com as despezas de armazenagem, relativamente pequenas.

Acontece que esse industrial não consegue pôr no mercado o gás sem prejuizo, ao passo que os sub-produtos os poderá vender muito baratos. Os concorrentes ver-se hão na necessidade de baixar os seus, e o industrial começará a sentir os efeitos da sua má orientação.

Caso não se precate é arrastado nas lutas da concorrência, a falência da indústria será inevitável.

Alguns industriais consideram lucro toda a diferença entre o débito e o crédito.

Não é bem assim, pois que, embora o industrial em pessoa não produza trabalho manual como qualquer operário, realiza, no en-

tanto, um grande esforço intelectual para bem dirigir e ordenar o seu ramo de actividade. Tem, pois, direito a uma remuneração que não é bem salário, mas que não deve ser também incluída no lucro, para uma racional determinação d'êste.

Além disso deve incluir ainda o juro do capital com que realiza as suas operações, mesmo quando êsse capital seja seu, e só assim o seu lucro será determinado rigorosamente.

É necessária uma laboriosa acção por parte dum dirigente para que uma indústria progrida; só um esforço activo e inteligente poderá levar a cabo um d'esses empreendimentos e fazer prosperar a produção.

Abílio Quadros

6.º ano comercial



## Micróbios da Linguagem

É a nós estudantes de hoje, além de que somos amantes da literatura, que nos cabe a missão importantíssima, de banir da nossa lingua tão rica e duma pujança que outra a não iguala, os imensos estrangeirismos que a corrompem e danificam.

A nossa preciosa lingua êsse canteiro de variadas plantas de diverso matiz, é hoje mais que nunca adulterado, por os estrangeirismos, essas plantas daninhas, que lhe roubam a sua lídima seiva.

É a nós, a Mocidade escolar de hoje, talvez os pequenos escritores do porvir, que compete pelo amor que devemos à lingua exuberante de Camões, escorraçar essa multidão de palavras tão inúteis, fazendo uma campanha tremenda, àqueles que a aplicam intencionalmente pensando conquistar fumos de importância, porque sabem dizer cinco ou seis palavras em Francês ou Inglês...

Infelizmente notamos que assim succede! Quantas meninas do nosso Escol, não pensam que mimoseiam os seus lábios puros, dúzias de galicismos que pronunciam incorrecta e vaidosamente?...

Pedantismo... pedantismo. Que quantidade de casas de comércio principalmente de modas de senhoras, não as enlabetam com nomes franceses pensando que assim levantam a importância e os créditos da sua loja?...

Pensais acaso que as meninas das altas rodas de França ou de Londres, empregam vocábulos portugueses com vaidosa intenção? Nem por descuido!

Porque não teremos nós ao menos o capri-

cho de vestirmos à portuguesa, pelo menos aqueles vocábulos estrangeiros que nos são indispensáveis?... Gastemos da nossa roupa, que bem rica a possuímos e não andemos a pedi-la emprestada com foros de necessitados, porque a pobresa fingida, só merece ódio e repugnância.

Como é triste presenciarmos que se pedirmos numa Casa de Pasto a Ementa do dia, o criado nos fixa boqueabertos! Mas porque não ficaram *Les menus aux restaurants de Paris*?... Será pela mesma razão que o nosso chá das cinco é alcunhado de *Five o'clock tea*, ou porque o *Tea* dos *beefs* tem mais açúcar que o nosso chá?...

Os vocábulos: *Élite* e *High-life* andam sempre saltitando nas bocas risonhas daqueles e daquelas que se prezam de pertencer ao beijinho, à flor, à nata, ao escol, da sociedade, talvez sem saberem que temos cá estas palavrinhas, e que eu aposto, que podiam fazer a *Élite* e o *High-life* saltarem rapidamente os Pireneus, para se esconderem em Paris e em Londres, donde não deveriam ter saído...

Declaremos guerra aos *Galiciparlas*, como lhes chamou Filinto Elisio. Limpemos o nosso formoso canteiro ortopédico com o ancinho do brio e do capricho... e como os amigos das francesias escurris já caducos no apêgo que a elas têm, de má vontade o manejarão, dêmos-lhes nós o exemplo, os pequeninos escrevedores, porque êles bem precisam! Entre um neologismo e um estrangeirismo, não vacilemos em preferir aquele. Sigamos o que fazem os brasileiros, a quem emprestamos um rebento da nossa linguagem e que felizmente não lhe fazem enxertias exóticas. Êles têm grande aversão pelos estrangeirismos, a ponto de aceitarem por vezes um neologismo dispareado, para expulsar um estrangeirismo que conseguisse introduzir-se na lingua!

O Brasil tem dado alguns valiosos caturras da pureza da lingua portuguesa, destacando-se entre vários, o grande filólogo e Dr. Castro Lopes, cuja sua obra tão interessante quanto útil, *As Palestras com o Povo*, dedicada aos ex-príncipes portugueses Luis Filipe e Duque de Bragança, nos mostra uma parcela do grande esforço do notável pugnador.

Entretanto nem todos os estrangeirismos são dispensáveis; alguns têm já cabelos brancos... e revestidos com a índole da nossa lingua, são necessários e não mais dela sairão, tanto mais, que pela sua apresentação ninguém dirá que são estranhos à nossa terra...

E para terminar vou transcrever, o que sobre êste último parágrafo nos diz o grande mestre da lingua Cândido de Figueiredo:

«Há estrangeirismos de estrangeirismos. Uns são imprescindíveis e fazem parte do idioma nacional; outros convenientes, e do seu discreto emprêgo podem advir vantagens; outros ainda, são apenas toleráveis e procede louvavelmente quem os dispensa, há, muitíssimos até, que só se empregam por indesculpável ignorância, ou condenável desafecto à pureza da língua.»

Tomem destas os *galiciparlas*, e quando se forem deitar, matutem bem se não vale mais acordarem no dia seguinte dispostos a expurgarem os vermes daninhos que nós sabemos e que êles muito acariciam. . .

Jaime de Mascarenhas

7.º ano comercial

## SECÇÃO LITERÁRIA

### Consagrando os Heróis

Descançam já no Mosteiro da Batalha, dormindo o sono da Glória ao lado de grandes heróis, os dois soldados que incôgnitamente deram o sangue pela honra de Portugal.

Foi generosa a ideia do Governô, de os colocar naquele magestoso templo; e o País, — como não podia deixar, — aceitou do melhor agrado, êsse alvitre, para que se glorificassem aqueles que nos areais africanos e nos campos heróicos da Flandres, tanto lutaram pela causa do Direito e da Justiça.

Mas, se essa ideia foi nobre, não menos altruista foi a obra que o seu sangue produziu: êles afirmaram categoricamente, que Portugal é livre por que o deve ser, por que os seus filhos preferem morrer para que êle viva eternamente.

Que nobreza de procedimento, que grandeza de alma, que sublimidade de crença!

Que legado tão belo para esta mocidade de hoje, obcecada pelos princípios pouco patrióticos das ideias modernas.

Êsses dois Heróis, da Moderna História, dignos dum Virgílio ou dum Camões, merecedores do respeito e veneração dos bons portugueses, são hoje o mais forte esteio desta lidima Pátria que *deu mundos novos ao mundo*, a prova mais cabal do vigor da raça.

Em Lisboa, no Pôrto, em Coimbra, na Batalha, por todo o País se celebraram festas para consagrar os *Soldados Desconhecidos* festas estas na maioria humildes mas grandes no pensamento que as dominava.

Elas foram do Povo, e como tal, nelas se glorificaram os bons portugueses que perderam a vida, longe dos seus pais, dos seus encantos, distante dêste vergel florido e inebriante onde tudo é belo e encantador.

Morreram, é certo; e lá bem longe deixaram seus frios esqueletos, como que a perpetuarem-lhe a passagem; mas viverão eternamente no coração dos seus amigos, e no de todos os patriotas!

A sua obra, página inolvidável da nossa Bíblia, límpido clarão da nossa existência, deu-nos mais coragem, mais vida, mais amor, e um não sei quê de novo, que nos tornou mais fortes, mais convictos e esperançosos!

A nobre França, a bélica Itália a poderosa Inglaterra, enfim todos os países aliados, prestaram Homenagem aos nossos Heróis, enviando como seus representantes os mais ilustres militares dos seus exércitos.

Perante a imponência dessa consagração, que foi da Pátria, de todos nós, o Povo Português, como sempre dedicado a quem por êle se sacrifica, correu pressuroso a saudar os seus irmãos, quer incorporando-se nesses festejos, quer assistindo impeçável ao desfile em Lisboa e na Batalha!

E ousou afirmar que se na Capital a Homenagem foi grandiosa, naquela vila atingiu proporções enormes.

Descrever o que foram essas horas de apoteose, de delírio mesmo, em que o cortêjo percorreu St.º Antão, Batalha, é tarefa difícil para aqueles, que, como eu, não possuem os dotes de bem exprimir o motivo que os inspira, sem lhe roubar a pujança, o colorido, o belo que o distingue! Entre uma massa impenetrável de povo, que por vezes cobria extensões enormes; entre os beijos saudosos das mulheres, — que quem sabe seriam suas mães, — e o troar glorificador do canhão, os dois soldados deram a sua entrada solene no Mosteiro, na tarde de 10 de Abril.

E lá ficaram naqueles sítios solitários e quasi ermos, os bravos que trouxeram a felicidade à nossa terra!

Cumpre-nos agora a nós mocidade de hoje trabalharmos para um Portugal maior, mais belo e poderoso, para que êle seja o modelo a seguir por todos os povos civilizados!

E vós outros, militares de Portugal, tendo sempre na memória o rasgo de patriotismo dêsses vossos antigos companheiros, que morreram pela Justiça: *Honrai a Pátria, que a Pátria vos contêmpla.*

Mário dos Santos

6.º ano comercial

# AO LUAR...

Original de Jaime de Mascarenhas

(Continuado do número anterior)

O que se passou desde então, contou-mo minha boa mãe. O que é facto, é que era tal o desvario da minha paixão imensa, que estive no leito durante meses. Era visitado pelo médico amiudadas vezes. A elle e sobretudo a minha mãe, occultei sempre o que tanto me fazia sofrer.

— Meu caro amigo, não pensava que uma mulher fosse tão maldosa e capaz de o fazer sofrer assim! Ai, mulheres... mulheres...

— Não! Pois se eu tinha vivido até então com um coração tão puro, onde muito tarde vegetaram os singelos affectos de amor, pensando que a vida fôsse um campo de ventura... mas hoje, oh tristeza! se há agonia na terra, se existe o manto escuro da noite presagiosa envolvendo a treva, ela existe no meu coração.

Se você calculasse quantos prazeres e folguedos, se entreabrem sorrindo-nos, na Mocidade!...

Esses tempos que eu recordo com infunda saúde, compõem o painel mais deleitante da quadra da nossa vida. Essas horas felizes que correndo velozes me balearam como brisa de encantos misteriosos a minha fronte, quando descuidado a recostava sobre a mão, perpassava, breve, suave e ia enternecer com um canto ameno, o horizonte dos meus ideais.

Mas essa brisa estonteante, passou, correu e não mais voltou, porque ela vinha levar para longe consigo os murmúrios secretos e inexplicáveis duma alma que debrocha aos 21 anos...

— Mas poderá haver ventura, sem um riso de mulher, a brilhar no céu da nossa vida? Assim como eu vivo, a mocidade é para mim, como florido caminho, ladeado de vergeis preenhe dos encantos perfumados das flores, admirando a luz pálida e triste dum céu sem luz. Tantos encantamentos leva-os ela no seu rosto meigo...

Pois também eu sinto no meu coração, a tristeza duma alma que não tem outra gémea da sua!... Confrange o meu peito, um choro delirante que me faz aborrecer a vida.

O bondoso ancião atento e condoído atagava a cabeleira anelada de Leonardo, enquanto a expressão dolorosa do seu rosto, mostrava sem dúvida a comoção mais forte que sentira na sua vida.

— Oh! como foi ingrata essa mulher, que para sempre revestiu de luto a sua alma!

Depois murmurou baixinho, quasi meditando: elle amava-a com uma paixão incalculável... Se outra amar pudesse...

E continuava a murmurar, se não fôra interrompido por Leonardo, que erguendo a cabeça e fitando-o com lágrimas nos olhos lhe disse: estou vendo que o faço sofrer também! Não quero de forma alguma perturbar-lhe a felicidade de sua venturosa velhice, e por isso resumio-lhe rapidamente a parte final desta amargurada confissão.

Ao restabelecer-me da minha doença, ainda escrevi áquella que me roubou o fulgor na vida. A resposta além de demorada foi escarnecedora. Foi então que as nuvens espessas, feias, trágicas da desventura, escureceram para sempre, o horizonte já apagado, duma esperança ainda illusiva. E como pensasse, que só na terra húmida e fria, onde há o descanso eterno, encontrasse o esquecimento daquella mulher, ia atirar-me, vivo fisicamente,

mas morto já no meu sentir, para ella, quando me apareceram as vossas mãos a tolher-me da morte.

— Infeliz amigo, escusa de continuar a sua confissão, que dá por diante já eu a conheço. Escreveu uma carta a sua mãe antes de se querer suicidar. E tirando-a da algibeira ajuntou: aqui está ella; é bem triste a sua narração... Guarde-a. Apanhei-a no quarto enquanto o meu amigo dormia.

Leonardo melancólico e abatido deixou descair a cabeça nos braços do seu amigo.

Nisto a porta da sala girou nos gonzos suavemente, e entreabrindo-se appareceu o criado informando de que o almôço estava na mesa. Já lá vamos, disse Sobral, voltando a cara para a porta, sem abandonar a cabeça do mancebo.

Eram 15 horas. Os dois amigos levantaram-se; Sobral conduziu a custo Leonardo para a sala de jantar. O rapaz estava incomodado, e por isso comera pouco. Sobral consternado também não comeu com a frugalidade habitual.

Ao terminar a refeição Leonardo sentia-se um pouco melhor, e como não inspirasse cuidados, o seu protector foi sentar-se á secretária tratando de negócios particulares. Leonardo sentado a seu lado revolvia nas suas mãos um álbum de retratos, desviando d'elle o seu olhar, fitava por vezes o bondoso com uma expressão grata e humilde.

E assim estiveram até ás 17 horas; o mancebo dormira um pouco comodamente recostado.

Não sei o que sinto, disse o desventurado, ao acordar um pouco sobressaltado, tenho na cabeça um peso estranho, parece que pressinto qualquer comoção.

Meu bom mocetão; isso deve ser vontade de aspirar o ar puro. Tenho um amplo e lindo jardim e uma almada, para onde o levo a distrair-se um pouco. Eu continuarei aqui a trabalhar. Quando vier minha irmã e minha filha, desejo apresentá-las, para ver se esquece a sua amargura, e penso que o senhor há de ficar aqui uns dias como nosso amigo, sim? Ah! mas é verdade oh! céus, onde julgará sua mãe que está o senhor? Não fugiu de casa, deixando lá qualquer bilhete, avisando-a do terrível passo que ia dar?!

— Não senhor, querido Sobral, permita-me que assim o trate.

— Muito prazer me dá!

— Disse a minha mãe que ia passar uns dias a casa dum meu amigo que mora na Vivenda Saúde.

— Bem então esses dias que disse ir passar á Vivenda Saúde, passá-los há na Vivenda Alegre, sim?

— Pois fico e agradeço-lhe tão inexcusable amabilidade

— Amabilidade? Nenhuma! Venha ali á janela, para lhe mostrar o jardim e uma linda paisagem.

E levantaram-se os dois, dirigindo-se á janela.

— Sim senhor linda paisagem e formoso jardim. Parece que só de o ver, se aliviaram mais as minhas dores.

— Então vá passear para lá, vá.

E acompanhando-o pelo braço, saiu a porta, atravessou o corredouro e levou-o até ao patamar duma escada de pedra.

(Continua)

## Hum!?....

Como em revólto mar de vaga irada,  
Andasse em frágil nau e sem ter norte  
Entre as ondas de mil p'rigos cercada,  
Assim eu vou buscando a minha sorte

No mar feroz da vida atormentada.  
E vou seguindo até palpar a Morte,  
Até se desfazer em pó, em Nada!  
Minh'alma em sangue só na dor consorte...

E quando ao longe a barca sossobrar  
Não mais verei que a noite triste, escura,  
Sem ver a luz d'amor dum terno olhar!

Irei viver na paz da sepultura,  
Que importa que ninguém me queira amar  
Se além da campa então terei ventura!...

Jagimas

◆ — ◆

### Horas de Tristeza

Tudo em repouso, tóda a insinidade  
Está em silêncio, sem nada se ouvir,  
Tão triste é tudo, tamanha orfandade  
Sentimos nós pensando no porvir...

Pensando no porvir, ó que desdita,  
Uma voz há que me domina e grita:  
Tu no mundo feliz jamais serás;  
E ao longe no azul do infinito  
O sábio mocho me agoira co'o seu grito,  
O' que tristeza, qu'em minha alma faz;

Mas porque fico eu tão pensativo?  
Porque é tão grande esta melancolia?  
Porque me sinto, qual ente nocivo,  
Sem mesmo ter um pouco de alegria?

Não sei; mas sinto um grande abatimento  
Quando de noite, cheias de esplendor  
Vejo as estrélas lá no firmamento,  
Scintilantes aos pés do Criador.

João Pires Antas  
3.º ano industrial

◆ — ◆

### Ho Soldado Desconhecido

Ninguém sabe quem é, mas quem é que não sente  
Pulsar o coração duma maneira estranha?  
Em vão tentam saber num êxtase fremente  
Quem é aquele herói que feneceu na sanha.

A mãe chora seu filho em triste dor pungente  
Desde a planície extensa ao cume da montanha;  
E diz fitando o Céu: meu coração não mente,  
É aquele o meu filho morto em campanha.

Ante o seu ataúde tudo se descobre.  
O sino vai soando o derradeiro dobre,  
Tangendo, mavioso, como nunca igual.

E há alguém que pergunta muito comovido  
Ajoelhando, ao passar o herói desconhecido:  
Quem vai ali?

— Ninguém. É Portugal!...

Abílio Quadros

6.º ano comercial

### A Boneca da minha irmãzinha

No seu pequenino berço, a boneca dormia  
plácidamente o sono matinal.

Os argênteos raios de sol, atravessando a  
janela entreaberta vinham bafejar-lhe as suas  
faces mimosas.

E a boneca de corpo celulóidico, ao acor-  
dar, parecia sorrir de contente. Ia ser bap-  
tizada... Nesse dia vestiria o seu vestido de  
gala, uns sapatinhos novos resguardariam os  
seus pezinhos imaculados e a touca fôra man-  
dada fazer a uma das afamadas modistas de  
Lisboa. Sorria, de-certo, jovialmente, que para  
menos não era o caso.

Mas os raios do sol a principio frouxos e  
suaves, tornavam-se pouco a pouco imperti-  
nentes e enfadonhos. A boneca começava a  
impacientar-se desejosa de sair dali onde se  
encontrava encerrada, às vezes dias inteiros,  
sem ninguém se lembrar dela. Era triste, mui-  
to triste, a sua vida!...

Mas naquele dia não ia suceder o mesmo.  
Ao vê-la tão bonita e tão formosa, penden-  
do-lhe ao pescoço o seu colar de pérolas e ru-  
bis, com certeza se agradavam dela e nas suas  
faces, rosadas pelo carmin, seriam meigamen-  
te depositados, amorosos beijos de criança.

Por isso, esperava silenciosamente sem um  
único gemido êsse momento tão delicioso co-  
mo ainda não tinha conhecido na sua vida de  
boneca, e que jamais se apagaria do seu âma-  
go sem alma.

Nesse dia os órgãos fariam ouvir as melo-  
dias suaves como nunca, dum célebre compo-  
sitor; os gorgeios das avezinhas seriam mais  
ternos e mais doces abençoando o dia do seu  
baptismo.

Tudo lhe sorria ventura. Os momentos de  
inclémência e de despotismo começavam a es-  
maecer-se com a esperança de que dentro em  
breve seria abraçada pela sua ama e simultâ-  
nea mãã.

Acabava de ouvir a sua voz diamantina; em  
breves instantes abandonaria o berço e salti-  
taria nos braços da sua amiga.

E assim foi. Acabada de vestir, o seu pen-  
teado cuidadosamente disposto, deixando cair  
lânguidamente a cabeleira artificial sobre os  
ombros, perfumada, com todos os requintes  
da última moda, dirigiram-se à igreja onde se  
celebrou com magnitude nunca vista, o infan-  
til sacramento.

E assim passava o tempo alegremente para  
os convidados. Não faltava na cerimônia o  
pequenho Tareco, naturalmente escolhido  
para padrinho.

Mas todo êsse idílio, trabalho de tantos

dias, sonhos continuos de continuas noites, se desfaz num momento e as suas famosas pompas desmoram-se num momento também.

Uma inesperada birra de que a boneca não tinha culpa, traz uma completa desilusão. Tal foi a pancada imprevista que a cabeça rolou a um canto; os braços e o tronco tudo desfeito... Pobre boneca!

Seguiu-se o arrependimento. Quantas noites perdidas, quantas noites velando, com um único pensamento fito na boneca em bocados, desmantelada, destruída!

Quantas vertigens, quantas lágrimas derramadas!

Há males que vêm por bens. Os bocados da boneca desfeita provocaram uma grande lição no espirito duma criança.

*Abílio Quadros*

6.º ano comercial

## Ho Crepúsculo

Vai-se ofuscando o sol para o Ocidente,  
Despedindo agora, uns fracos fulgores,

Após o seu trabalho persistente,  
Pela estrada vêm os trabalhadores.

Ferpassam aldeãs suavemente,  
Cantando ao desafio lindas canções,

E lá em baixo o rio airoosamente,  
Saltita descuidado entre chorões.

Com o rebanho, pela planície agreste,  
O grave pastor passa conduzindo-o,

E lá na extensa abóbada celeste,  
Grupos de estrêlas vão tremeluzindo.

*Carlos Lopes Antunes*

5.º ano comercial

## Ecos

### Um louvor

Tendo o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército realizado em 10 do corrente, com a assistência de representantes do Governo, a comemoração festiva do primeiro decénio da sua fundação;

Havendo-se evidenciado o esforço inteligente e patriótico da direcção, corpo docente e alunos:

Na prática e moderna orientação dada ao ensino, quer teórico, quer profissional, revelada tanto nas provas escolares como nos trabalhos manufacturados nas oficinas do Instituto;

Na patriótica obra de ressurgimento das futuras gerações, tendente a criar verdadeiros homens úteis á socie-

dade, como valores que nela irão ingressar, impulsionando o comércio e a indústria pelo trabalho consciente e probo e pelo exemplo duma forte disciplina que levarão para os estabelecimentos ou oficinas em que se empregarem;

Nos incessantes progressos manifestados que, honrando aquela casa de educação, são legítimo título de orgulho, principalmente para a Pátria e para a República, sob cuja égide se criou e tem desenvolvido o Instituto;

Manda o Governo da República Portuguesa, pelos Ministros do Guerra e da Instrução, significar publicamente o seu aprêço pelo alto nível educativo a que foi elevado o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, louvando o director, pessoal docente e alunos pela obra construtiva verdadeiramente modelar que realizaram e que é dignificadora da Pátria e da República.

Da *Ordem do Exército* de 18 de Junho.

Portaria do dia 13.

## No Coliseu dos Recreios

Glorifiquemos os heróis. E' este um dever que impera sobre todos os portugueses, para que aqueles bravos, defensores da Liberdade e do Direito, não sejam votados ao esquecimento. Com esse fim, um grupo de oficiais da Guarda Nacional Republicana promoveu no dia 1 do corrente uma festa que se realizou no Coliseu dos Recreios, cujo produto reverteu a favor do Monumento a crigir a esses gloriosos soldados.

O programa constava de vários números de esgrima de florete, assaltos de sabre, esgrima de baioneta, vãos, saltos, etc.

O Instituto tomou parte nessa festa também, executando um grupo de alunos da 1.ª Secção um número de ginástica sueca e jogos, que, pela correcção com que foram executados, mereceram da assistência um grande interesse e uma carinhosa ovação.

Um orfeão composto por alunas do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, alunos do Colégio Militar, Escola Militar e Pupilos do Exército, sob a regência do maestro Fão e acompanhados pela banda da G. N. R. na totalidade de 600 vozes, constituiu um dos números que mais agradaram aos espectadores.

Ao Sarau assistiram S. Ex.ªs o Chefe do Estado, Presidente do Ministério, Ministro da Guerra e demais individualidades de destaque.

O Coliseu estava literalmente cheio, e oxalá, aquelas almas generosas colhessem bons resultados no rasgo alevantado que tiveram, para que a geração de amanhã, possa recordar no monumento que se vai erguer o esforço e valentia dos seus antepassados.

## “O Profissional” e a Imprensa

Sendo deveras honroso para nós, publicamos aqui as referências feitas peia Imprensa de Lisboa ao nosso número ilustrado comemorativo do 10.º aniversário do Instituto.

Do *Diário de Notícias*. «Recebemos e agradecemos um exemplar de *O Profissional* ilustrado, número especial comemorativo do primeiro decénio da existência do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército.

«Este periódico é dirigido, redigido, composto e impresso pelos próprios alunos, nas suas oficinas de artes gráficas, merecendo os maiores elogios o número que temos presente e que bem pode servir de modelo às publicações do género».

De *O Século*. «O Instituto Profissional dos Pupilos do Exército comemorou o 1.º decénio da sua fundação com um número especial ilustrado da revista *O Profissional*. Esta publicação é dirigida, redigida, composta e impressa pelos alunos do Instituto na sua oficina de artes gráficas, apresentando-se o número a que nos referimos muito interessante e excelentemente elaborado tanto na parte redactorial como na parte material».

Agradecemos penhorados estas referências que nos vêm colocar num nível muito superior ao que julgávamos ter, incitando-nos assim a continuarmos a nossa tarefa literária em prol do nosso Instituto.

*A Taquigrafia sem mestre*. Pelo nosso Ex.º professor de taquigrafia foi-nos ofertado o seu livro *A Taquigrafia sem mestre* (1.ª e 2.ª partes). Sem desejarmos fazer reclamo, por que não é norma nossa, podemos, todavia, affiançá-lo a quem quiser aprender taquigrafia. É por êsse método que os alunos do nosso Instituto vão colhendo ótimos resultados no estudo desta disciplina, saindo aptos a entrar em qualquer escritório comercial.

«Este livro que acabamos de receber deita por terra todos êsses processos rotineiros que por aí aparecem à venda, simplesmente gananciosos e sem proveito algum.

Agradecemos gratos a valiosa oferta e fazemos votos para aquele grande propagandista da taquigrafia em Portugal, colha os melhores resultados do fim que tem em vista.

*Ecos do Instituto*. Após cinco anos de completo mutismo, reapareceu por ocasião da Festa das Flores, êste órgão literário das alu-

nas do Instituto Feminino de Educação e Trabalho. Apresenta-se com boa disposição sendo mais ou menos orientado conforme os números anteriores.

Oxalá que não esmoreçam desta vez na sua publicação.

*O Colégio Militar*. Começou há pouco a sua publicação sob êste titulo, um órgão de alunos e ex-alunos do Colégio Militar. Apresenta-se bem redigido e de interessante colaboração.

Embora a sua publicação seja eventual, é fácil prever-lhe uma comprida existência, bastando para isso uma boa vontade como aquela que lhe deu vida.

É com satisfação que permutamos com o novo periódico.

*O S. João*. Realizou-se na 1.ª Secção do Instituto uma pequena festa bem interessante, para comemorar o tradicional dia de S. João, cujo produto reverteu a favor da Mutualidade do Instituto.

Visitou-nos por ocasião da festa do S. João no Instituto, o nosso ex-condiscipulo Mendonça, que acaba de ser promovido a tenente. É o primeiro oficial com esta patente de entre os ex-alunos do Instituto, promovido em virtude de partir brevemente para S. Tomé.

A êe as nossas mais sinceras felicitações.

Acompanhados pelo professor Sr. ten. coronel Silveira e Castro e regente da 2.ª secção Sr. cap. ten. António Ferreira de Sousa, visitaram a Exposição da Feira do Pôrto, os alunos do 7.º ano do Instituto.

Aproveitaram a ocasião para visitar a cidade, donde trouxeram excelentes recordações.

No dia 11 do corrente efectou-se um passeio militar a Carenque, bivacando os alunos da 2.ª Secção na noute dêsse dia, junto à ponte do mesmo local.

Ao amanhecer do dia seguinte, estabeleceu-se um piquete nos moinhos da Tenenta, terminando com descargas de bala simulada.

Ao jantar servido ao ar livre, assistiram os alunos da 1.ª Secção numa perfeita confraternização de camaradagem.

No próximo número elucidaremos mais concisamente os nossos leitores sobre êste passeio.

*A Direcção*



MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

REDACTOR PRINCIPAL

Mário dos Santos

DIRECTOR

Abílio Quadros

CORPO DE REDACÇÃO

J. M. Guimarães, M. D. Sacavém

e Rodolfo J. Ló

SECRETARIO

Domingos L. Agostinho

ADMINISTRADOR

A. B. da Costa

N.º 42 — 6.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Outubro de 1921

## AO COMEÇAR...

Depois de um prolongado periodo de férias, mais uma vez o nosso Instituto nos abriu as suas portas; mais um ano de trabalho se lhe seguirá.

Ao tentarmos manifestar publicamente a alegria que encerram os muitos corações que têm abrigo na nossa escola, trememos, vacilamos, e quasi com sacrificio prosseguimos, cõscios como estamos de que apenas expressaremos um ligeiro esboço d'este nosso sentir.

Mas sejam as nossas humildes palavras, um leve esbatido da satisfação que nos vai dentro da alma; qualifiquem-se de inexpressivas, de sem nexo, as orações que a nossa pena isenta de valor aqui deixar gravadas, porque serão essas imperfeições, o incentivo mais poderoso para continuarmos a trilhar o caminho que nos propusemos seguir, o maior estímulo para manifestações futuras.

Assim como o fresco aroma que as flôres exalam, nos deleita, e nos trás nas suas virações balsâmicas o infindo prazer que tantas vezes experimentamos, também as auras que dimanam de nossos puros corações, nos perfumam de misteriosa fragância, fazendo-nos esquecer o que de triste por vezes nos apouenta, para só pensarmos no que de belo então se nos depara.

É por isso que nós, afastando para bem longe amarguras porventura passadas, apenas vimos no dia de hoje, como que uma aurora risonha e bela, iluminando com o seu arrebol dourado o verde da selva, e que nos abriu seus braços para nos apertar a todos, para nos unir mais intimamente, se mais íntimos podem ser os laços de amizade que unem entre si os alunos do Instituto.

Somos crianças, é certo! Estamos na quadra em que se sonham quimeras, em que as fantasias pululam como a bonina nos campos, em que tudo é riso, meiguice e amor; mas neste devaneio que nos extasia, não esquecermos o que à Pátria devemos, o que por nós ela se sacrifica, antes o recordamos com um sorriso que brota expontâneo de nossos lábios, sorriso cheio de enternecimento e gratidão.

Não seria portanto justo, que nós, conhecedores de quanto a República se interessa pelo nosso futuro lhe não manifestássemos o nosso reconhecimento pela protecção que nos dispensa.

É como havemos de compensar o carinho e dedicação que nos têm sido votados, desde que, pelas mãos de nossos pais enfileirámos no já numeroso grupo Pupilos, até hoje, dia para nós de festa, em que nos reunimos para partilhar das mesmas alegrias, dos mesmos afectos e em que nos sentimos rejuvenescer mais intimamente?

Só trabalhando, trabalhando muito, porque além de ser o trabalho um dos deveres sociais do homem, a Pátria que nos acolhe, arrostando para isso com as maiores dificuldades financeiras, pretende — e é forçoso que se realize — criar vontades firmes, corações bem formados, para que amanhã, já homens, possamos saber governar; deseja que a nossa educação seja de futuro o mais forte esteio da sua existência, como que um padrão imorredeiro a atestar a vitalidade da nossa raça.

Recordemos as palavras vibrantes, cheias de calor, repassadas de patriotismo, que o nosso estimado prof. Sr. João Soares, proferiu o ano passado, na festa comemorativa da fundação do Instituto, e nelas podemos ver o muito que a Nação precisa do esforço dos seus filhos! Elas não foram um fraseado vulgar, não! foram uma oração divina inspirada nos feitos dos nossos antigos, uma sublime exortação, ao trabalho, para os novos, para os adolescentes!

Meditemos; e meditemos bem! Sigamo-las piamente, para glória de nós todos, para que possamos vencer na tremenda luta em que nos envolvemos!

E nós, camaradas e amigos, nós que por felicidade ainda nos encontramos debaixo das asas carinhosas do Instituto, trabalhemos também, para honra da nossa escola e para que os nossos vindouros, seguindo os nossos passos o possam fazer também.

M. Martins dos Santos

1.º ano médio de comércio



## DESINTELIGÊNCIAS?

Esta hora que atravessamos é uma hora de ressurgimento nacional. As variadas classes, guiadas tôdas por um único pensamento — o de vencer —, tentam unir-se, procuram fortalecer-se, esforçam-se por coordenar as suas energias, para resistirem melhor ao terrível flagelo da luta pela vida.

Reconhecem-se os erros do passado, e procuram emendar-se, minorar-se, suprimir-se, para que essas classes se elevem, se imponham e consigam fazer frutificar os seus intentos.

Só uma estreita união entre as massas as conseguirá colocar ao nível das suas ambições, só um trabalho profícuo, uma energia indomável e uma perfeita compreensão do dever, as pode fazer triunfar na concorrência da vida.

Pois assim como tôdas as classes, nós, alu-

nos do Instituto, precisamos unirmo-nos, mais que nunca, para nos conseguirmos impor, mostrar o nosso esforço, o nosso trabalho, a nossa vida escolar, que é bem árdua. E ao sairmos daqui, ao sermos impelidos pela brisa fagueira que nos acalenta ainda os sonhos infantis, se não formos unidos, conglobados num ideal, dificilmente poderemos saciar as nossas aspirações.

Costumemo-nos a triunfar. Deixemos as mesquinhas dissidências que a dentro as portas dum colégio se notam, ponhamos de parte, esqueçamos as birras de momentos, e, unidos fraternalmente, enraizemos mais os nossos laços de amizade, que parecem estar frouxos, para não sermos arrastados no temporal das paixões.

Neste momento aponta-se como necessária uma maior aproximação entre os três colégios da Obra Tutelar. Muito justo; muito racional.

E' realmemnte louvável que estas três casas de educação, quasi irmãs, dependentes do mesmo Ministério, e com orientação mais ou menos semelhante sob o regime militar, se reunam, se aproximem, estreitando os laços de amizade entre os educandos, tanto mais que um grande número de alunos duma são irmãos de alunos das outras.

Mas, sem divagarmos, olhemos nós para mais perto. Observemos êste quilómetro que separa as duas secções dos Pupilos. E que vemos?

Parece que uma barreira se eleva assustadoramente dividindo completamente o Instituto. Parece que as secções são duas casas de educação independentes, e que os alunos duma não são irmãos dos alunos da outra.

Realiza-se uma festa, uma festa íntima entre camaradas e aparecem nos programas, as partes completamente distintas: por alunos da 1.ª e por alunos da 2.ª Secção.

A que atribuir isto? Não são todos alunos do Instituto? Que importa que entre as duas secções nos separe umas centenas de metros?

Outro dia leva-se a cabo na 1.ª um pequeno festejo do S. João e como se não pertencêssemos ao mesmo colégio, os programas marcam em grandes letras redondas: *abrilhanta a festa a esplêndida orquestra dos alunos da 2.ª Secção.*

Não sei a que atribuir esta pequena discordância. A orquestra não é monopólio da 2.ª Secção, pertence aos alunos do Instituto, e, portanto, também aos da 1.ª. Porque se faz, pois, aquela distinção? Creio não ter nenhuma razão de existir.

Se na orquestra não existem elementos da

1.ª Secção, é, em grande parte, devido aos horários que não permitem no mesmo dia a co-opeção de todos nós na aula de música. Mas isto não importa. Este facto não deve dar lugar a que se chame à orquestra, orquestra da 2.ª Secção. O aluno entra no Instituto, frequenta cronològicamente as duas secções.

Se na 1.ª lhe é impossivel conseguir entrar na orquestra, quando chegue à 2.ª, se der provas de ter aptidões musicais, o Sr. professor de música não lhe oporá qualqer obstáculo, pelo contrário, terá muito gôsto em que êle ponha em prática essas aptidões.

Mas o que dá lugar a todos êstes obstáculos é exactamente as duas secções estarem desligadas uma da outra; torna-se conveniente, é mesmo indispensável que se ponha cõbro a estas pequenas desinteligências para não se depreciar o nome do Instituto.

E, ao mesmo tempo que tôdas as classes tentam tornar-se fortes, ao mesmo tempo que os colégios da Obra Tutelar procuram aproximar-se em cordiais relações, se repararmos no intimo do nosso meio vemos um afastamento entre nós que nos separa uns dos outros.

Façamos desaparecer êsse pequenino vácuo que nos envolve, desfaçamos as pequenas distincções que se tentem impor, e só assim sere-mos fortes, só assim elevaremos o nome dos Pupilos do Exército e só assim honraremos a Pátria e a República a quem tanto devemos.

*Abílio Quadros*

1.º ano médio de comércio

## A FESTA FINAL

Como nos demais anos, realizou-se no passado dia 17 de Julho no edificio da 2.ª secção a festa final dos alunos. É pois, dela que me vou ocupar, embora não possua os dotes de escritor, pelo que caros leitores espero me relevem as deficiências.

Eram cêrca das 14 horas quando chegou S. Ex.ª o Sr. General Bernardo de Faria commandante da G. N. R., acompanhado do Ex.º director dêste Instituto e corpo docente.

Prestada a continência na parada pelas duas companhias de alunos, dirigimo-nos para o teatro preparando-se a orquestra para executar os seus trechos de música, enquanto os illustres visitantes realizavam a visita oficial aos diversos trabalhos que se encontravam expostos numa sala para êsse fim improvisada.

À entrada estavam expostas as provas de caligrafia, dactilografia, taquigrafia e escritu-

ração comercial, deparando-se logo com o lema do Instituto «Querer é Poder». Por debaixo estava o busto da República, envolto na bandeira nacional.

As paredes encontravam-se também ornamentadas.

Notavam-se também alguns belos trabalhos de modelação, executados por alunos da 1.ª secção.

Entrando na parte do ensino industrial aqui ministrado, destacavam-se os trabalhos de cer-alharia, carpintaria, forja e fundição, pela maneira como estavam executados bem como os de encadernação, tipografia, sapataria e alfaiataria.

E dêste modo terminou esta rápida visita, que causou a admiração dos Ex.ºs visitantes pela correcção que em todos os objectos apresentados se notava.

Em seguida todo o elemento oficial se dirigiu para a galeria do teatro, a qual se encontrava já repleta de assistentes, predominando aí o elemento feminino.

Então a orquestra sob a regência do Ex.º Sr. professor Costa Brás, executou alguns trechos de música.

O orfeão fêz-se também ouvir com vários números, merecendo especial referência o «Hino do Instituto» que pela primeira vez se fêz ouvir.

E, devo pois, prestar justa homenagem ao seu autor, e nosso camarada aluno A. Quadros, que pelo seu brado jornalístico em *O Profissional* conseguiu levar àvante as suas idéas vendo coroados de bom êxito os seus esforços.

Foi ainda no teatro, que vários alunos, recitaram algumas poesais.

Acto continuo, deu-se inicio na parada, aos exercicios fisicos.

Um grupo de alunos da 2.ª Secção, executou uns saltos com trampolim.

Os alunos da 1.ª secção, alguns números de ginástica sueca e jogos desportivos, que mereceram da assistência assaz numerosa, rasgados aplausos.

Organizou-se também um torneio de esgrima de florete entre alunos do 7.º ano, do qual saiu proclamado vencedor após uma luta um tanto renhida, o aluno Júlio Gonçalves, cuja vitória foi bem ovacionada.

Entram depois os alunos da 2.ª companhia que executam com garbo um exercicio de táctica de infantaria, tendo feito um pelotão uma demonstração de esgrima de sabre-baioneta, que causou a admiração de todos os presentes. E assim com êste número findou a parte diurna da festa.

S. Ex.<sup>as</sup> retiraram-se belamente impressionados, deixando no livro de visitantes as suas honrosas impressões, que teremos ensejo de publicar em *O Profissional*.

Abrihantou a festa, a banda de Sapadores dos Caminhos de Ferro.

## Festa nocturna

1.<sup>a</sup> parte — Cêrca das 21 horas principiou a festa nocturna que consistiu na recitação de algumas poesias, sonetos, monólogos etc. que foram òtímadamente recitados e por isso calorosamente aplaudidos. Levou-se também à scena a peça «Quando a vontade é forte» original do Ex.<sup>mo</sup> Sr. tenente-coronel Frederico Simas.

Seja-nos permitido exarar em poucas linhas o nosso agradecimento, pela simpática oferta do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Tenente-Coronel Simas, e que jubilosamente folgaremos ter ocasião de desempenhar mais algumas das suas apreciadas criações.

Finalmente, cantou-se o fado de despedida pelos alunos dos cursos finais.

A 2.<sup>a</sup> parte constou duma sessão animatógráfrica, que pôs têrmo a uma tão simpática e modesta festa.

A iluminação foi feita com baldes e lâmpadas de côres suspensas nas nespereiras dando no conjunto um belo aspecto.

Honraram-nos com a sua visita os Ex.<sup>mos</sup> Senhores Major General da Armada, General Bernardo de Faria comandante da G. N. R., coronel Eduardo de Almeida director do Colégio Militar, tenente coronel Dias sub-director do mesmo, ten.-coronel Frederico de Simas director do Instituto Feminino e os ex-ministros da Guerra Srs. coronel Estêvão Águas actual comandante da G. Fiscal e ten. coronel Hélder Ribeiro, além de outras individualidades em destaque.

*António B. da Costa*

1.<sup>o</sup> ano médio de comércio



## O TRABALHO

Na vida nada se consegue sem o trabalho.

Foi à custa do trabalho que se fizeram as grandes nações, e com êle se impõem e se dilatam.

Foi à custa do trabalho que nós conseguimos possuir o enorme poderio colonial, que no século XVI abraçávamos.

Muito sangue se derramou e muitas vidas se perderam para conseguirmos impor-nos.

Foi trabalhando que as nossas frágeis caravelas venceram tôdas as intempéries e abor-daram às praias da Índia, passando o Cabo Tormentoso debaixo de temporais desfeitos, no meio do concêrto horrendo do aterrador e lúgubre marulhar das vagas que se quebravam no casco do navio e corriam a coberta de proa à popa, arrastando no turbilhão tudo o que encontravam, do vento que bramia ameaçador, da chuva que inundava, tudo lançado pela forte natureza revoltada, acompanhada ainda pelos mortíferos raios que caíndo da imensidade etérea, vinham espalhar o terror pelos corações confrangidos dos marinheiros.

Mas o inflexível patriotismo dos moços lusitanos e a inquebrantável força de trabalhar, levou-os à vitória.

Mas depois dêste trabalho insano, colhemos os doces frutos. Já não eram os povos do Mediterrâneo que tinham o negócio do Oriente. Era a formosa Lisboa o maior centro comercial do Mundo.

Quási dia a dia chegavam caravelas que transportavam ouro, pedrarias, pimenta e todos aqueles produtos exóticos que enchiam de prazer o baixo espirito dos esbanjadores de dinheiro.

Por outro lado a côrte cobria-se de jóias. Todos eram suficientemente ricos para que não necessitassem de trabalhar.

E enquanto nós nos embrenhávamos na orgia, a Inglaterra, a França e a Holanda que viam de perto o nosso descuido, apossavam-se das nossas colónias, enquanto nós caminhávamos apressadamente para a decadência.

Tínhamos deixado de trabalhar!... Eis a perdição...

E em 1580 os espanhóis entravam em Portugal sem dificuldade. Não houve um pulso forte que fizesse reviver as altas qualidades de ontem. Perdemos a independência!...

Passados 60 anos de sofrimento, 60 anos de aprendizagem, em que os portugueses reconheceram a necessidade remodelada de trabalhar na manhã do 1.<sup>o</sup> de Dezembro de 1640, reviveu a alma dêste heróico povo, tendo depois de sustentar durante 25 anos uma guerra conseguindo finalmente com o trabalho, o asseguramento da independência.

Trabalhemos para que a Pátria se erga dêste lamaçal em que está metida, para que depois possamos cantar vitória.

Trabalhemos, e com afinco para que dêmos honra ao Instituto, e contribuamos com a nossa cota parte para o ressurgimento desta

Pátria, retribuindo-lhe assim o esforço colossal que ela faz para nos educar.

QUERER E' PODER.

*Renato de Brito*

2.º ano geral de comércio

## UM HINO

II

Às vezes a mocidade, tão cheia de ilusões e fantasias desmedidas, tem arroubamentos de valor e que podem trazer vantagens ao meio onde vicejam os seus incautos pensamentos infantis. Nem sempre os seus sonhos constam de meras visões indistintas e incompreensíveis; nem sempre são banalidades os seus pensamentos brotando a esmo dos peitos onde ainda não existem desenganos.

E assim, nós também não fazendo excepção a essa regra, sentimos da mesma maneira, como todos os novos, vontade de reagir e de vencer.

Num dêesses momentos de reacção, julgámos conveniente, sentimos necessidade de ter um hino, e imediatamente o primeiro brado se evolou das nossas bocas virgens ainda de ideais concretos, sòmente costumadas a fantasiar quimeras.

O nosso grito, embora não fôssemos nós os primeiros a ter essa aspiração, encontrou eco, e agora o hino do Instituto é já um facto.

Numas breves linhas, sob esta mesma epigrafe, dizíamos com muita justiça que cá dentro do Instituto havia quem tivesse competência para fazer o nosso hino, mas longe estávamos de prever o resultado do nosso alardo. Tínhamos, realmente, professores capazes de levar a cabo, e com muita pericia, o nosso fim, se uma das pessoas que nos coadjuvou valiosamente, não quisesse que os nossos desejos fôssem postos em prática, mas divergindo um pouco da plataforma em que assentavam as nossas modestas palavras.

Essa pessoa foi o nosso Ex.<sup>mo</sup> Director Sr. Coronel Freiria. Enquanto nós visávamos para o nosso fito um dos Srs. professores, incumbia-nos êle de que fôssemos nós os próprios autores do hino «para que ficasse indissolúvelmente ligado ao Instituto».

Titubeámos? Talvez não. Tentámos, embora duma maneira indecisa, opor a nossa resistência e levar até ao fim o que primitivamente germinara na nossa mente.

Por fim acedemos, como não podia deixar de ser, ao pedido que superiormente nos foi feito.

Procurámos satisfazê-lo; esforçámo-nos e eis o que surgiu, o que apareceu depois de algum trabalho empregado. Modesto, simples, banal; foi o fruto que conseguimos obter, mas em compensação a música suprime estas deficiências da nossa incapacidade.

Cada um dá o que tem: foi o que nós fizemos. Existe um hino no Instituto como desejávamos, como precisávamos, e amanhã, quando aparecer outro mais perfeito e mais correcto, imediatamente, com tôda a boa vontade, sem fundo de recordação pelo que foi nosso, suprimiremos o que nós pertenceu e outro ocupará o lugar que de direito lhe compete.

E o nosso esforço, de que resultou um produto trivial, esquece-lo hemos, fazendo justiça a outro de maior quilate, tanto mais que se trata de engrandecer o Instituto. Foi uma disposição que propusemos a nós mesmos e que poremos em prática logo que surja a ocasião propicia.

*Abilio Quadros*

1.º ano médio de comércio

---



---

## SECÇÃO SCIENTÍFICA

---



---

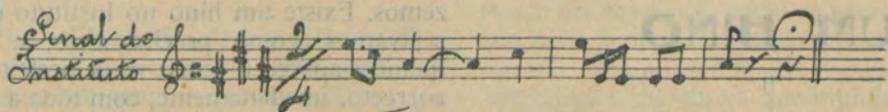
### A Batalha

Dos monumentos nacionais de que Portugal se ufana, tanto pelas suas recordações históricas como pela beleza architectónica, figura em primeiro plano, o magestoso Monumento da Batalha.

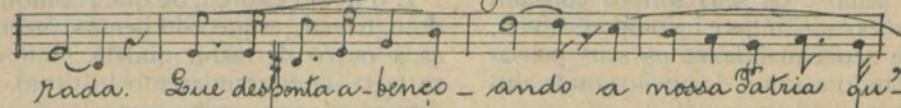
Ali se podem admirar as mais preciosas produções de arte do lusitano.

A primeira coisa que se admira ao entrar, é a capela do fundador, onde, no meio está o túmulo do rei D. João e de D. Filipa de Lencastre; à volta estão os infantes, o duque de Coimbra, etc., em belos mausoléus. Junto ao pórtico da capela do fundador, está o heróico soldado que na Batalha de Aljubarrota, salvou a vida de D. João I. Logo, se nota, pela sua ordem, a capela-mor, que é o que há de mais encantador, onde se vêem alguns túmulos, como por exemplo o do infante D. Afonso, todos êles de bastante valor, os quais foram quasi completamente danificados por ocasião das invasões francesas, e outras preciosidades inimitáveis, em esplêndido mármore de Carrara (Itália), em que foram praticados os mesmos vandalismos.

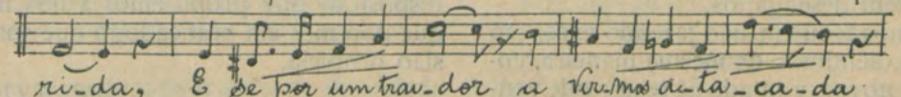
# HINO-MARCHA



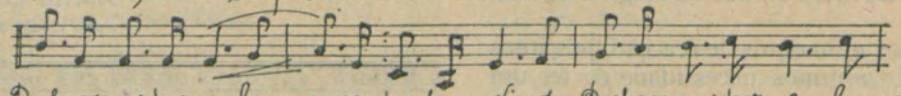
Filhos de Por-tu-gal, . Saude-mos a ab-to-



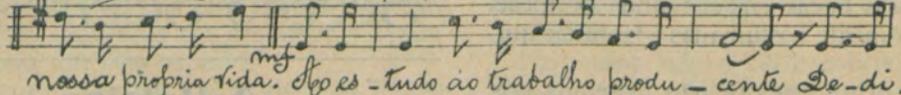
rada. Que desponta a-benço - ando a nossa Patria qu'



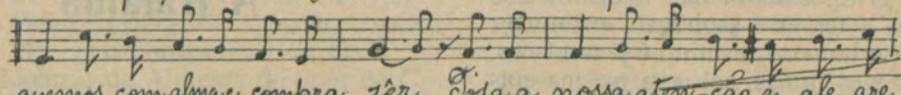
ri-da, E se por um tra- dor a vir-mos a ta-ca-da



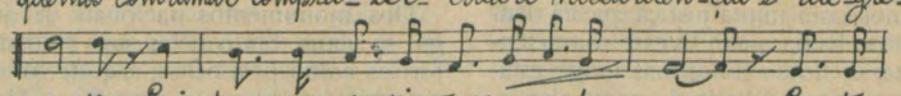
Desprezemos por e-la a nossa propria ri-da Desprezemos por e-la a



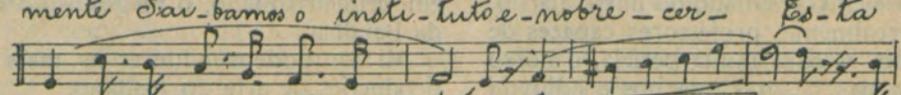
nossa propria vida. Ho es - tudo ao trabalho produ - cente De-di-



quemos com alma e compra - ter. Toda a nossa aten-ção e ale-gre-



mente Sai-bamos o insti-tuto e-nobre - cer - Es-ta



ca-sa tão bela e tão ru - dente Que tem por lema seu: Qu'



rer é Or - der - Qu' rer é Or - der.

# HINO DO INSTITUTO

Música do Prof. C. Brás

Letra do aluno A. Quadros

Filhos de Portugal, saüdemos a alvorada  
Que desponta abençoando a nossa Pátria qu'rida,  
E se por um traidor a virmos atacada  
Desprezemos por ela a nossa própria vida. (*rep.*)

Ao estudo, ao trabalho producente  
Dediquemos com alma e com prazer  
Tôda a nossa atenção, e alegremente  
Saibamos o Instituto ennobrecer,  
Esta casa tão bela e tão ridente  
Que tem por lema seu:  
«Qu'rer é Poder». (*rep.*)

Se por acaso um dia a hoste esmagadora  
A tentar arrastar, sorvê-la na voragem,  
Que caia sôbre nós a morte redentora  
E os corpos dos heróis lhe sirvam de passagem. (*rep.*)

Ao estudo, ao trabalho producente, *etc.*

Façamo-la altiva e grande como outrora,  
Ergamo-la bem alto, em todo o apogeu,  
Mostremos com afan, rápido, sem demora  
Que existe gente ainda; a Pátria não morreu. (*rep.*)

Ao estudo, ao trabalho producente, *etc.*

E ao lembrarmos com mágoa o tempo que passou,  
Ao passarmos da vida o sôpro de incerteza,  
Recordemos a casa que nos educou,  
Por que honramos assim a Pátria portuguesa. (*rep.*)

Ao estudo, ao trabalho producente, *etc.*

Depois é digno de especial menção o Claustro Real que nos dá a impressão de ter sido trabalhado em uma qualquer matéria plástica, susceptível de com facilidade receber os mais complicados rendilhados, tal a variedade e perfeição dos que neste claustro se encontram.

Junto dêste existe a maravilhosa Sala do Capitulo que é sem dúvida uma das melhores da Europa. Foi onde ficaram repousando eternamente os restos mortais dos bravos soldados desconhecidos portugueses.

Esta sala tem uma vasta e esplêndida abóbada, talvez única na Europa, que foi edificada por Afonso Domingues, o qual está a um canto numa estatuetta, (é o que apenas resta dêle). Depois encontramos o Claustro do Infante D. Afonso, e logo em seguida as Capelas Imperfeitas que não têm rival na Europa.

Vejamos como lhe foi dado o epíteto de Capelas Imperfeitas :

Tendo D. Manuel I mandado vir da Itália, um architecto de afamada reputação, (D. João Coutinho), para proceder à continuação dessas capelas, começadas no tempo do fundador, mandou primeiramente fazer uma janela de estilo «Renascença». A janela foi-se construindo, quando a certa altura el-rei tencionou visitar as obras, e vendo que estas não iam como o seu gôsto queria, disse-lhe logo: — isto está imperfeito.

Eis rapidamente explicado o motivo por que ainda hoje têm êsse nome.

Foi assim que estacionaram as obras de tal maneira que nunca mais se continuaram, motivo por que as vemos ainda hoje assim «imperfeitas», ou melhor, incompletas.

As mesmas capelas eram destinadas a guardar os restos mortais dos reis e homens célebres de Portugal, tanto que se vêem os túmulos à volta. O pórtico, uma verdadeira maravilha que todos devem ver, não pode ser mais bonito e belo, do que é. A architectura das capelas, ao que parece, é Manuelina.

Aí é que sem dúvida, meditamos e recordamos bem, o que foi o nosso belo passado!

Por cima estão as magníficas tôrres, às quais dão acesso, as «escadas de caracol».

Na maior tôrre é onde está o relógio. Sobre o mosteiro pode-se andar perfeitamente, pois é coberto de pedra imitando as telhas de um telhado. Dali disfrutam-se panoramas lindíssimos.

Dentro do mosteiro existem moedas de ouro, prata e cobre e certos berloques e contas que os frades tinham por costume deitar dentro dos túmulos, a seguir a alguma festa religiosa importante, os quais já para os devidos efeitos tinham uma abertura.

A 14 quilómetros do mosteiro fica o campo (hoje cultivado), onde se travou a célebre batalha de Aljubarrota contra os castelhanos, que sem dúvida maravilhou o mundo civilizado, e sendo então para os portugueses duma fama imortal.

António da Silva Carvalho

2.º ano de instrução primária superior



## Indústria da Cerâmica

A Indústria da Cerâmica desempenha um papel importantissimo nas construções, porque a boa qualidade dos seus produtos influi muito na solidez das mesmas: tem ella como fim especial a fabricação de tijolos, telhas, manilhas e ainda muitos outros objectos de grande importância.

A Empresa Cerâmica de Lisboa é sem dúvida uma das mais importantes fábricas do nosso país, não só pela quantidade de máquinas que possui, mas também pelo grande numero e excelente qualidade dos productos fabricados.

O barro consumido nesta fábrica é trazido das suas imediações e disposto em barreiras onde fica apodrecendo, isto é, exposto à acção dos agentes atmosféricos; as chuvas vão arrastando as substancias extranhas, purificando o barro que fica em condições de ser empregado.

Um dos processos para preparar o barro consiste em trazê-lo para junto dum recinto que tem uma abertura por onde êle é lançado. Dentro dêste recinto há duas galgas animadas do movimento de rotação, triturando-o assim. Depois é levado por uns alcatruzes e passado por um crivo. O barro que ficou mal triturado torna a cair e sofre de novo a acção das galgas; o que passou o crivo é lançado num amassador, que é um reservatório dentro do qual há um cilindro animado do movimento de rotação e que tem uma espécie de navalhas destinadas a amassar o barro.

Sobre êste amassador, há uma torneira que fornece a água, regulando um operário a sua quantidade. A água empregada para molhar a argila não deve ser pura porque se assim fôr tem difficuldade em penetrar na argila sêca. Deve conter argila em suspensão, e para isso faz-se o que se chama a *caldoça* que se obtém num tanque circular no qual gira um veio vertical, tendo na parte inferior umas grandes de ferro muito pesadas, que o acompanham no seu movimento; se o tanque estiver

cheio de água contendo alguma argila, o movimento das grades e do eixo revolve violentamente a água, tornando-a barrenta de uma maneira homogênea.

E' pois com esta água que se molha o barro introduzido no amassador.

O barro depois de amassado cai para um laminador, máquina cuja parte superior é um tégão tendo por baixo 2 cilindros animados de movimento de rotação, em sentidos contrários. Passando por estes cilindros o barro fica reduzido a lâminas de maior ou menor espessura, conforme a distância entre os mesmos cilindros.

O laminador tem por fim esmagar quaisquer corpos que o barro ainda contenha e que lhe possam ser prejudiciais.

Este, depois de sofrer a acção do laminador dá ingresso na máquina de moldar que tem um cilindro oco no qual o barro é comprimido; o tópo deste cilindro chama-se foco e é nêle que se fixa a fieira que é o molde que dá ao tijolo a forma desejada.

Depois o tijolo avança sobre uns carretos e é cortado por um serrote composto de várias lâminas igualmente afastadas, ficando assim os tijolos todos com igual tamanho, sendo então polvilhados de areia fina para não aderirem uns aos outros e colocados sobre os carros que os levam ao local destinado à secagem.

Depois de secos sofrem a cosedura final que é feita num forno.

*Carlos Alberto da Silva*

1.º ano geral de indústria



## Pesca do bacalhau

Um país é tanto mais rico quanto mais desenvolvida for a sua indústria e aperfeiçoados os seus processos de fabrico.

Não falando agora na indústria mineira, de lanifícios, agrícola, etc. que são juntamente com o comércio causa do progresso de uma nação, refiro-me unicamente à da pesca que tantas riquezas nos traz, já pelos géneros alimentícios, já pela extracção de pérolas, algas, moluscos e outros produtos de tão variadas applicações.

A pesca é realizada entre nós nos rios e no mar. Dos rios se tiram os apetitosos peixes como sáveis, vogas, lampreias e outros; do mar tiramos produtos de maior valia como o atum, a sardinha e o bacalhau, produtos que

convenientemente explorados podem concorrer muitissimo para a salvação económica do nosso país. Ocupar-me hei agora somente do último destes. A sua pesca tem de se realizar longe de Portugal, em virtude de não o existir na nossa costa. Faz-se principalmente no Norte da Europa, onde vão os navios de muitas nações, tais como portugueses, americanos, ingleses e outros mais.

O direito da pesca no banco da Terra-Nova é, sem dúvida, um triunfo diplomático para o nosso país.

Até à data de 1905 o comércio e a indústria do bacalhau estiveram atrasados em vista dum regime proibitivo que condenou até àquella data a sua pesca.

Efectivamente até ai não era permitido a um nacional armar um barco para aquella pesca. O número de embarcações portuguesas que podiam ir à Terra-Nova era apenas de 12.

A Liga Naval Portuguesa, instituição fundada em 1902, tinha por principal objecto o levantamento da nossa marinha de guerra, auxiliando além disso o desenvolvimento da marinha mercante.

Viram os seus fundadores, o atrazo em que estava a pesca do bacalhau por parte dos nacionais, e sabendo qual a causa desse atrazo, devido à lei que limitava a 12 o número de embarcações portuguesas que podiam pescar o bacalhau na Terra-Nova, trataram da remodelação da dita lei, colhendo os melhores resultados que se podiam obter a tal respeito.

A lei foi revogada como disse, mas ao mesmo tempo foi lançado o imposto de 12 rs. em cada quilo de bacalhau pescado por navios portugueses, no estado fresco e com a necessária quantidade de sal para a sua conserva.

Actualmente Portugal apresenta uma frota de 40 navios com a tripulação de 5000 homens, incluindo o pessoal da pesca, seca, descarga, etc. Mas ainda assim só 30% do bacalhau consumido no país é pescado por navios portugueses, e só com um prodigioso aumento da nossa frota poderemos deixar de importar esse género, solvendo assim uma grande corrente de ouro que vai para o estrangeiro.

O comércio do bacalhau faz-se em grande escala com a Noruega, Inglaterra, Estados Unidos, etc, e representa para esses países uma riqueza das mais preciosas.

Alarguemos, portanto, essa indústria em Portugal, que em comum com as outras trará um próspero futuro à nossa Pátria.

*Sebastião dos Santos*

3.º ano de 1. P. S.

## Lei de Titins ou de Bode

Titins descobriu uma lei, mais conhecida com o nome de lei de Bode, por meio da qual se determinam facilmente as distâncias dos planetas ao Sol.

Para achar estas distâncias, escreve-se uma série de nove números, dos quais o primeiro é zero e os seguintes são os termos de uma progressão geométrica, que começa por 3 e cuja razão é 2.

0. 3. 6. 12. 24. 48. 96. 192. 384, junta-se 4 a cada termo, e divide-se o resultado por 10: 0,4 0,7 1, 1,6 2,8 5,2 10 19,6 38,8.

Os números obtidos representam aproximadamente as distâncias dos planetas ao Sol, tomando para unidade a distância da Terra.

Antigamente o termo 2,8 não correspondia a planeta algum conhecido. Titins concluiu desta lacuna que entre Marte e Júpiter existia um planeta ainda desconhecido, conjectura que foi verificada pelos factos. É com efeito na região que corresponde à distância 2,8 que existem os pequenos planetas.

A descoberta de Urano veio ainda confirmar a lei; mas a distância de Neptuno afastase muito. Devemos portanto considerar aquela lei como um simples processo menemónico para achar facilmente as distâncias médias dos planetas ao Sol.

Do Tratado Elementar de Cosmografia.

*Nota.* Tomando para unidade a distância média do Sol à Terra, isto é, o semi-eixo maior da órbita terrestre, as distâncias médias dos planetas ao Sol, são:

Mercúrio . . . . .	0,387	Júpiter . . . . .	5,204
Vénus . . . . .	0,723	Saturno . . . . .	9,533
Terra . . . . .	1	Urano . . . . .	19,183
Marte . . . . .	1,524	Neptuno . . . . .	30,037
Peq. planeta . . . . .	2,4		

Ao tomar posse, a nova direcção de *O Profissional* saúda o corpo docente do Instituto, assinantes e seus presados camaradas, e vai procurar cumprir o mais acertadamente possível o seu dever, esforçando-se por melhorar o nosso modesto mensario, dentro da sua limitada competência.

### A Direcção

*A oficina eleva o homem porque representa o triunfo da razão sobre a matéria.*

## SECÇÃO LITERÁRIA

### M. R.

Tinha previsto há muito o teu fatal destino.  
Consumou-se de Deus a última vontade.  
Tua vida pediu-ta um sorriso divino  
E abandonaste leda a tua mocidade.

Subiu ao céu azul teu corpo alabastrino  
Deixando atrás de si um rasto de saúde;  
Desfez-se pouco a pouco um sonho diamantino,  
Que veio a terminar na muda eternidade.

E agora resta só um manto de tristeza  
Dessa alma juvenil, risonha, apaixonada...  
Como tudo fenece... A última balada

É como a viração da múrmura deveza  
Esvai-se de mansinho cheia de candura  
E quando se termina existe a sepultura!

Abilio Quadros  
1.º ano médio de comércio

### Sorrisos

São os sorrisos fontes das paixões  
Que encantam, extasiam corações  
Nos angustiados,

Basta um sorriso meigo com ternura,  
P'ra que brote o amor, essa ventura  
Para os namorados.

Depara-se uma jovem lascivante,  
Dá-se um sorriso terno, provocante,  
Com galantaria,

Palpita a nossa alma embriagada,  
P'ro um febritante idílio extasiada,  
Que há muito sentia!

Carlos L. Antunes  
2.º ano geral de comércio

### Ho desfraldar da bandeira

Clarins vibram, palpita o coração,  
A companhia, imóvel, em sentido,  
Vê erguer-se no ar o pavilhão  
De Portugal, heróico, destemido;

O vento vem beijar-lhe as sacras quinas  
Fazendo-a tóda ufana tremular,  
Depois em 'sbeltas curvas pequeninas  
Volta-se e fica imóvel, a sonhar;

Mas novamente a vem beijar a brisa  
E desfraldada em linhas sinuosas  
Parece que ao longe inda divisa  
As épocas passadas, gloriosas...

E a sagrada bandeira lusitana  
Ondulando qual leve serpentina  
Lá fica tóda alegre e tóda ufana  
A tremular na névoa matutina.

João Pires Antas  
3.º ano de instrução primária superior

# AO LUAR...

Original de Jaime de Mascarenhas

(Continuado do número anterior)

— Distraia-se e não tente nenhuma imprudência.

— Oh! não, juro-o. Desde a primeira hora que uma das minhas palavras de confidência se perdeu no seu coração, parece-me que minhas agruras se amortecem. Será sugestão?... Não sei. Mas o que é certo é que já há alguns momentos, parece-me que sinto a tontura embriagante dum tesouro para mim escondido! E julgo que minha alma, busca as flores, a vida que se vive entre o aroma perfumado de boninas! Não sei que sinto, cada vez mais fortemente. Não sei... Meus passos conduzem-me involuntariamente para o jardim!

— Então vá meu amigo, mas veja o que faz.

— O moço despediu-se dêle; agarrando irresistivelmente na mão magra do bondoso velho, depôs-lhe um beijo prolongado e de reconhecimento. Duas lágrimas frias da velhice, correram pelo rosto de Sobral e foram reluzir na pedra lisa do patamar.

Dir-se-ia que no seu scintilar suave, se ligavam duas existências, uma que começava a viver, e outra que ia vendo terminar a vida. Eram assim Leonardo e Sobral!..

Leonardo desceu a escadaria, e embrenhou-se nas ruas do jardim, por entre a copagem das árvores. Sobral seguiu-o sempre com a vista até êle se encobrir completamente.

Já o ofegante Apolo ia quebrando os seus raios fulvos de ouro, inundando a face da terra, obscurecido na linha do horizonte. Era a hora sorridente, em que os bondosos campônios deixam a lide do campo, e recolhem aos seus lares com a soma satisfação de terem cumprido um dever. Era a hora tão poética, e que mais do que nenhuma outra nos sabe seduzir, extasiar, per ante tão belos encantamentos da Natureza; e onde parece que no murmúrio dum regato, no canto dum ave, ou no desabrochar dum flor que se entreabre e sorri, há um côro de melodias estranhas, cujo eco que nos emmudece, vem de regiões infinitas. São acordes, suaves, distantes, como que entoados numa harpa invisível nos enredos do mistério.

E o sol lá ia fingindo tão manso, tão manso, a beijar languidamente as verdes campinas; enquanto o crepúsculo vespertino, vinha com o seu lusco-fusco, para receber no seu seio melancólico, o bulício do dia.

Transportai-vos leitores, a esta hora para o jardim de Sobral, levando na vossa alma a nitida impressão de tantos encantos, que eu só consigo amesquinhá-los ao descrevê-los. Enveredai por entre os renques de árvores, tão altas, lindas e copadas, orgulhosas do seu porte altivo, deliciando o olhar aqui e além nos contornados canteiros, cobertos de mimosas flores de variada côr e diferente aroma. Imaginai amplos talhões tapetados de exuberante verdura, movendo-se ao compasso ligeiro da brisa suave, um lindo caramanchão ornado de densas trepadeiras onde mesmo em dias dum intenso sol, entra somente um palor esbatido da luz do dia; e com tudo isto fazendo um côro tão terno e melódico, o sussuro saltitante das gotas de água que dum fonte caíam no lagado debaixo da verdura.

Tal era o esplendor que gosava Leonardo, sentado num banco absorto e pensativo.

A lua, a eterna confidente dos namorados e que Leonardo julgara não mais ver, tentava já conquistar o seu domínio na noite.

E aíra os doces trinados dos pássaros que se ouviam de vez em quando só o rumor da folhagem, tinha a ousadia de quebrar o silêncio tão aprazível daquele local. De uma vez, um chilrear mavioso se ouviu por entre a folhagem dum pequena árvore, situada junto do banco onde se sentara o rapaz. Esse gorgoejo curtiu com certeza o seu pensamento que logo se levantou não pouco indeciso, enquanto tirava um lenço da algibeira e com êle limpava o suor que lhe corria da testa. Seguidamente e com um passo vacilante começou a andar ao acaso.

E a noite aproximava-se; e com a sua vinda deixou de se ouvir nos ninhos o pipilar dos passarinhos no seio de suas mães.

A escuridade era já completa. A Lua já beijava os campos com seus dólcidos raios, e nas fôlhas verdes pequeninas havia scintilações de prata; eis se não quando um eco forte dum as palavras doridas, até veio meter terror à monotonia cadenciada e doce, que ali se gosava: A voz dizia assim:

Oh! sombras feitas pela brancura do luar, que de recordações me trazeis dum noite desditosa! Seria aqui?... Que vejo? Oh não era, não foi, não! E foste tu lua saudosa, a testemunha de tantas inélices falas de amor?

Como isto me confunde... parecem-me as mesmas árvores, as mesmas flores, o mesmo aroma, um céu igual, a lua com o mesmo rosto complacente...

Entretanto qualquer coisa se passava; facto talvez de pouca importância para Leonardo.

Era que uma carruagem parava junto do portão das trazeiras do jardim, chamando bruscamente a atenção do mancebo.

Acompanhe-me o leitor benévolo até ao portão para inquirirmos dos passageiros que se apeavam naquele momento do trem.

A primeira figura que descera, era de linda mulher jovem ainda, daquelas belezas pouco vulgares e tão raras quanto grande é o número dos seus admiradores. Vinha envolta em tão alvas roupagens, que mais parecia uma personagem dum sonho de idílio dos 20 anos, do que uma deusa de amor no mundo dos enganos triviais da realidade.

Atraz de si, descera uma senhora já idosa, ao mesmo tempo que dirigia algumas palavras num tom fraternal e amigo.

E a menina fitava-a, com uma expressão respeitosa. As suas formas belas, verdadeiramente impecáveis, o seu rosto encantador, teriam sido a mais alta inspiração para a lira dum poeta ou para o pincel dum pintor. O primeiro um canto repassado de harmonias, desenharia as suas formas belas na tela rica e criadora da sua imaginação, que nós depois nas modalidades artísticas dos seus versos ao lê-los, saberíamos idealizar no nosso espirito, o tesouro tão fértil onde o poeta buscara aquela inspiração embriagante.

(Continua)

# Ecos

## Exames

Realizaram-se em Julho e Agosto últimos o exame dos alunos julgados habilitados pelo Conselho Escolar.

Deixaram o Instituto levando o curso complementar de Comércio, os alunos Mascarenhas, Coelho, Corado e Guilherme, os três primeiros com o curso de 1.<sup>os</sup> sargentos e o último como civil. À excepção do último frequentam actualmente o Instituto Superior de Comércio.

— Com o curso complementar de Indústria e o de 1.<sup>os</sup> Sargentos, saíram também os alunos Gonçalves e Barata, que, ao abrigo da nova reforma, frequentam no Instituto o 1.<sup>o</sup> ano do curso de máquinas.

A todos êles, *O Profissional* apresenta as suas despedidas ou as suas boas vindas.

## A nova reforma

Por decreto de 17 de Setembro próximo passado, foi o Instituto elevado à categoria de escola média de Comércio e Indústria.

Devido aos aturados esforços dos nossos dirigentes, conseguiu-se finalmente esta justa aspiração, que vem colocar o nosso Instituto num grau muito superior ao que até aqui possuía.

Em virtude de tão grande melhoramento que o Governo da República nos concedeu, já êste ano foi enorme a afluência de civis procurando internar os seus filhos no Instituto, embora pagando uma certa pensão.

## A Taquigrafia

Recebemos do nosso Ex.<sup>mo</sup> professor de Taquigrafia Sr. Manuel Joaquim da Costa, um exemplar de *A Taquigrafia* (sem mestre), 3.<sup>a</sup> parte.

Conquanto nos julguemos incompetentes para desempenhar o espinhoso cargo do crítico, — cargo êsse a que nem por sombras nos queremos comparar —, ousamos no entanto, deixar aqui exaradas as nossas rápidas apreciações, embora a nossa pena não faça mais do que empalidecer o seu grande valor.

E' sem dúvida nenhuma, o melhor livro da

especialidade que temos em português, de onde qualquer curso comercial tirará certamente os mais proficuos resultados.

A 3.<sup>a</sup> parte de *A Taquigrafia* que temos presente consta de abreviaturas, fraseografia e muitos exercicios práticos com adaptação taquigráfica aos idiomas espanhol, francês, inglês, esperanto, latim, italiano e alemão. Contém além disso, diferentes textos de correspondência comercial portuguesa, com emprego de abreviaturas, fraseogramas e supressões, a que se dá o nome de taquigrafia telegráfica. Enfim, é um livro de verdadeira utilidade prática para todos aqueles que desejem fazer um estudo completo desta cadeira, e os que uma vez seguem êste método ficam imediatamente convencidos de que é um trabalho consciencioso e útil o do nosso professor, em virtude dos rápidos conhecimentos que adquirem com um diminuto esforço.

Mas, como dissemos, em virtude da nossa grande incompetência no assunto de que tratamos, ouçamos, de entre as muitas apreciações criteriosas, algumas palavras abalisadas de Rafael Cardona, Presidente da Associação de Taquigrafia de Barcelona, que na sua simplicidade definem o valor da obra: ... *o seu livro guardá-lo hei em lugar preferente da minha modesta biblioteca.*

Agradecendo ao nosso estimado professor a sua valiosa oferta, fazemos votos por que colha os resultados que deseja da sua activa propaganda taquigráfica em Portugal.

Encontra-se doente no seu domicilio o Ex.<sup>mo</sup> Capitão da Administração Militar, Sá da Costa, Dig.<sup>mo</sup> tescoureiro do Instituto.

Os nossos votos vão para o seu rápido restabelecimento.

*A Direcção*

Vítimado por uma tuberculose finou-se no dia 17 do corrente depois de uma grande permanência no Sanatório do Lumiar, o nosso ex-camarada Carlos Ribeiro.

O extinto frequentava a oficina de Encadernação e era considerado por todos os alunos, devido aos seus excelentes dotes de carácter.

Foi mais um dos muitos que a morte tem arrebatado cruelmente do nosso meio escolar.

Uma lágrima sôbre a sua campa!...  
A' familia enlutada enviamos a' expressão dolorosa dos nossos sentidos pêsames.

*A Direcção*

Preço \$20



MENSÁRIO DOS PUILOS DO EXÉRCITO

REDACTOR PRINCIPAL  
Mário dos Santos  
DIRECTOR  
Abílio Quadros

CORPO DE REDACÇÃO  
J. M. Guimarães, M. D. Sacavém  
e Rodolfo J. Ló

SECRETARIO  
Domingos L. Agostinho  
ADMINISTRADOR  
A. B. da Costa

N.ºs 43-44 — 6.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Novembro de 1921



O aluno Mário dos Santos, lendo a alocução aos alunos novos

# ALOCUÇÃO

Acabam de entrar para o nosso Instituto, algumas dezenas de crianças, que a patriótica obra republicana chamada o Conselho Tutelar dos Exércitos de Terra e Mar, julgou merecedoras de auxilio.

Descrever a alegria que sinto neste momento, que sentimos todos nós, os antigos alunos dêste vergel florido da nossa querida República; gravar bem nitidamente nos vossos corações o contentamento que nos vai na alma, por vermos socorridos por essa altruista instituição, êste grupo de desafortunados, é tentativa deveras espinhosa, mesmo infrutífera, tamanha é a emoção de regosijo que hoje experimentamos.

Mas oh! como o Destino manda! Enquanto que nós assim nos encontramos, risonhos, satisfeitos, vós, modernos camaradas, sentis-vos cheios de espanto e tão embaraçosos, que julgais perdido para todo o sempre êsse vosso prazer de brincar — que eu e os meus colegas ainda conservamos — por vos verdes distantes do lar paterno.

Mas enganai-vos! Dissipai essa sombra negra que eu sei vos atormenta; aqui, no Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, trabalha-se, estuda-se, mas também se brinca. A-par do trabalho e do progresso está o divertimento; encontram-se aqui como em vossas casas, o carinho e a afabilidade tão necessários aos individuos que como nós, ainda estão sujeitos ao sôpro forte da Infância, àqueles que julgam a Vida como sendo um caminho matizado de venturas!

E são os esclarecidos professores e dig.<sup>mos</sup> oficiais, que desinteressadamente dispendem as suas energias no levantamento desta escola, quem nos proporeciona êsses momentos de prazer, de alegria, por nós tão bastas e divertidas vezes experimentados!

O ar de sombria severidade, que aqui julgais ver, desvanecer-se-à — estou certo — durante a vossa permanência, como que por encanto; essa pretensa dureza, converter-se-à em carinho e mostrar-se-à capaz duma expressão de afabilidade e brandura.

Contudo, é preciso que não seja só brincar; é necessário que aprendam connosco a ser estudiosos e disciplinados porque foi e continuará a ser a disciplina o principal motivo, dos louvores que temos grangeado, da parte dos poderes públicos; e foi pela disciplina que o nosso Instituto sofreu últimamen-

te a transformação pedagógica que todos nós conhecemos e de que vamos tirar proveito.

Assim o nosso Instituto, apenas com onze anos de existência, galgou sôbre êsse sem número de escolas e passou rapidamente a ocupar um lugar de destaque entre elas; hoje, o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, é uma escola de ensino médio e portanto com as vantagens das outras suas congêneres.

Mas isto conseguiu-se não sem esforço, foi preciso que nos impuséssemos pela nossa conduta, pelo nosso trabalho, por uma exagerada dedicação ao estudo e sobretudo por grandes e irrefutáveis provas de disciplina.

Trabalhai, trabalhemos pois, porque assim provaremos que somos dignos da protecção que nos é dispensada e para que o dizer-se aluno dos Pupilos do Exército seja prova suficiente para sermos olhados como disciplinados e estudiosos.

E agora, meus antigos camaradas, convicto de que as minhas humildes palavras serão piamente seguidas, acompanhai-me nestes braços, porque êles são a recepção mais carinhosa que podemos fazer a estas crianças que hoje vieram enfileirar no já numeroso grupo de alunos.

Vivam os alunos novos.

Viva o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército.

*Mário dos Santos*  
1.º ano médio de comércio

## Abertura do ano escolar

Realizou-se mais uma vez, revestida de grande brilhantismo, a sessão solene da abertura do novo ano lectivo.

Eram 13 horas aproximadamente, quando da 2.ª secção partiu em direcção à 1.ª, a 2.ª companhia de alunos com um pelotão armado e acompanhada da Banda de Sapadores dos Caminhos de Ferro, afim de prestar a guarda de honra a S. Ex.<sup>ª</sup> o Snr. Presidente da República.

Após a chegada, foi-nos comunicado pelo telefónio que S. Ex.<sup>ª</sup> não podia assistir ao acto.

Foi prestada então a continência ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro da Guerra, dig.<sup>mo</sup> tenente coronel Freitas Soares, junto do edificio, tendo S. Ex.<sup>ª</sup> sido recebido pelo Ex.<sup>mo</sup> Director dêste Instituto Sr. Coronel Fernando Freiria, regentes capitão-tenente António Ferreira de Sousa

e major Vitorino Guimarães e corpo docente do Instituto.

O Ex.<sup>mo</sup> Ministro, visita o estabelecimento dirigindo-se em seguida para o claustro, onde era aguardado pelo batalhão de antigos e novos alunos.

Concedida a palavra, fala então o distinto colega, aluno Mário Martins dos Santos que em breves e singelas palavras, mostra o já tão grande progresso alcançado pelo Instituto, pondo em destaque o esforço alevantado que nesse sentido têm feito desinteressadamente todos os Srs. Officiais.

Seguidamente saúda essas dezenas de rapazes que pela primeira vez transpõem as portas do Instituto, para os quais tem palavras de carinho.

Usa da palavra em seguida, o ilustre Director, que num entusiástico discurso apresenta os alunos.

Enaltece ainda as qualidades do Ex.<sup>mo</sup> Ministro da Guerra, terminando por pedir-lhe a sua comparência neste Instituto, tôdas as vezes que lhe seja possível, pois com a sua presença, êle se orgulhará ao ver presente um tão devotado republicano e militar brioso.

Terminadas estas palavras, o batalhão de alunos entoou a «Portuguesa» e o hino do Instituto, sendo em seguida servidos dum almôço de confraternização, findo o qual todos os presentes se retiram para a 2.<sup>a</sup> secção.

Após a marcha que decorre com garbo, S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro passa revista ao pelotão armado que se encontrava, perto da 2.<sup>a</sup> secção.

Então, no rodar rápido dos automóveis, vê-se chegar o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente do Ministério Dr. António Granjo, Generais Correia Barreto, Bernardo de Faria, Abel Hipólito etc., etc.

Estes senhores são recebidos pelo corpo docente visitando depois o estabelecimento.

Decorridos alguns momentos a orquestra sob a regência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. professor Costa Brás, ao entrarem no teatro os membros do governo, executa a «Portuguesa».

Aberta a sessão à qual preside o Sr. Presidente do Ministério é dada a palavra ao nosso distinto professor Sr. major Castro Gonçalves, que pronuncia uma vibrante alocação a qual merece por parte da numerosa assistência uma ruidosa salva de palmas.

Distribuíram-se em seguida os prémios e diplomas aos alunos mais classificados no decorrido ano lectivo.

José B. Gomes Barata (7.<sup>o</sup> ano industrial) Júlio Gonçalves (idem, idem), Jaime Gil de Mascarenhas (idem comercial), Mário Loureiro,

(5.<sup>o</sup> ano comercial) e José Coelho da Fonseca (idem, idem).

Ofereceu também um prémio ao aluno Leonel Faria, o ilustre professor Sr. Júlio Larcher.

Seguidamente o Sr. Dr. António Granjo dá por finda a sessão, tendo-se retirado S. Ex.<sup>as</sup> bem impressionados.

No teatro, repleto de convidados, predominava nas galerias o elemento feminino honrando-nos com a sua presença, uma deputação de alunas do Instituto Feminino de Educação e Trabalho e alunos do Colégio Militar.

Terminada esta tão modesta cerimónia, ficou o estabelecimento patente ao público.

António Baptista da Costa

1.<sup>o</sup> ano médio de comércio

## A Nova Redacção

Realizou-se no dia 29, como é da praxe, a eleição para a nova redacção de *O Profissional*, o nosso órgão escolar.

Pelas 19 horas, os alunos das duas secções reuniram-se no teatro, sendo aberta a sessão por uma vibrante homenagem proferida pelo nosso director, que no fervor do seu entusiasmo e movido pela sincera amizade que nos dedica, disse com maravilhosa demonstração da sua paixão, por a seguinte frase:— o nosso *Profissional*, asseverando-nos a sinceridade das suas affectuosas palavras.

Bem tem mostrado a sua afeição pelo nosso órgão, facilitando-nos por todos os meios a propagação do bom nome de *O Profissional* velando pelo seu aperfeiçoamento, tanto na parte literária como na parte artística, fazendo dêle um órgão de forma a rivalizar com seus colegas *Ecos do Instituto*, *Colégio Militar*. Assim dos jornais convidados a assistir à festa final, publicaram nas suas colunas largos elogios ao nosso modesto periódico.

Nas oito páginas que se publicam, estão encerrados muitos esforços, tanto da parte da redacção, como dos alunos que para êle escrevem e que apenas na insuficiente hora de recreio se podem dedicar à escrita, como dos alunos tipógrafos que por vezes têm sacrificado o seu repouso, para *O Profissional* sair com regularidade, e para confirmar a quem porventura ainda o duvide que o Instituto é útil, e não são baldados os esforços da Pátria por êle, que os alunos retribuirão com gratidão o seu esforço, contribuindo com a sua cota parte para o progresso da nacionalidade portuguesa.

Terminada a palestra do Sr. Director que encheu de júbilo os nossos corações, o nosso regente cap. ten. Ferreira de Sousa, convidou o aluno Loureiro da 2.ª Secção a tomar a presidência, o qual agradeceu a deferência e a gentileza do convite, nomeando para seus secretários os alunos Fonseca da 2.ª secção, e Sacavém da 1.ª, dando como aberta a sessão.

A convite do presidente da mesa, o aluno Santos apresentou o relatório das contas da última direcção que a assembleia aprovou e por unanimidade reconheceu o seu muito zêlo e competência, comprovados pelo saldo de 104\$43 que tiveram a altruista iniciativa de ofertar à *Mutualidade do Instituto*.

O garbo, disciplina e ordem com que esta cerimónia foi realizada, em contraste com o que por vezes aconteceu nos anos anteriores, são o melhor e incontestável prenúncio da boa vontade de nos elevarmos pelo trabalho.

Como ninguém tivesse observações a fazer sobre o relatório, procedeu-se à votação, que foi feita com ordem e consciência.

Os escrutinadores Domingos e Costa chegaram ao seguinte resultado:

Abilio Quadros com 124 votos, conseguiu o lugar de director; Santos obteve 114 votos, indo ocupar o lugar de redactor principal; Costa conseguiu 42 votos: eleito administrador; Agostinho, com 41 votos sobraçou o cargo de secretário.

Segundo o alvitre do Sr. Director e punhando pelos mais insignificantes princípios de igualdade, foram eleitos três alunos da 1.ª Secção, começando a gosar de um direito que até hoje não sei porquê, não se tem concedido.

E assim, o aluno Sacavém com 105 votos, Guimarães com 100 e Rodolfo Ló com 77, ficaram formando o corpo de redacção.

Terminando, faço os mais sinceros votos para o progresso de *O Profissional*, pois que êle faz parte integrante da nossa vida de trabalho.

*Renato de Brito*

2.º ano geral de comércio

## RELATÓRIO DE CONTAS

Em nome da ex-direcção de *O Profissional* à qual tive a honra de pertencer, desempenhando o lugar, não digo de maior responsabilidade, mas o de mais difficil execução, tesoureiro, apresso-me a apresentar o relatório da sua gerência, afirmando-vos antecipadamente que procurámos cumprir o nosso mandatô pela forma mais correcta e que nos

parecia a melhor, pondo para isso ao dispor do mensário, tôda a nossa dedicação, tôda a nossa boa vontade.

Não foi excelente a Direcção que findou em Julho do ano lectivo passado, não! mas posso assegurar-vos, e ousou dizê-lo, porque, a acção que nela exerci foi quasi nula, que foi boa o que aliás se pode verificar pela regularidade das tiragens, pela excelente apresentação do mensário, e mais ainda, pelo saldo que hoje vou apresentar, como disse, em nome da Direcção.

Já por vezes se tem feito publicamente a apresentação das contas das diferentes direcções e como podemos ver, elas apresentavam em geral, uns saldos reduzidissimos o que mostrava o pouco interêsse que o periódico merecia da parte de quantos o liam e sobretudo daqueles que lhe deviam a cooperação, dos que lhe deviam ser mais carinhosos — os alunos.

Felizmente, já hoje a maioria de nós, compreende a grande utilidade de *O Profissional* como órgão dos Pupilos, o que se vê pelas enormes tiragens que se fizeram em 1920-1921, as quais excederam as dos anos anteriores e que quasi se exgotaram por completo.

É justo também confessar, que êste ano, mais do que em qualquer outro, recebemos da parte dos nossos superiores a sua valiosa cooperação e entre os quais é nosso dever destacar o nosso esclarecido Director, que hoje nos dá a honra da sua presença e a quem eu, representando os alunos, sinceramente agradeço.

Feitas estas considerações começemos o assunto que me forçou a vir a êste lugar.

O livro Caixa apresenta o seguinte resultado:

De 7 de Novembro a 14 de Julho de 1921:

### Deve

Saldo anterior .....	47\$72
Assinantes .....	76\$30
Profissional .....	88\$70
Subscrições .....	10\$20
	<u>222\$92</u>

### Haver

Cofre da 2.ª Comp.ª .....	52\$41
Despesas Gerais .....	86\$25
Conselho Administrativo .....	69\$76
Subscrições .....	10\$20
Saldo a n/f .....	4\$30
	<u>222\$92</u>

O livro de c/ de depósitos dá-nos um saldo no total de 100\$13, o que com os 4\$30 perfaz o saldo a n/f de 104\$43.

## A nova reforma

Justifiquemos agora algumas destas contas: A conta «Conselho Administrativo» está creditada na importância de 48\$70, quantia esta que empregámos no pagamento do papel de vários números, que os nossos anteriores ainda não haviam satisfeito (vidé documentos de despesa), e ainda no total de 21\$06, com que pagámos a diferença do custo de papel dos números 35 a 39 o que podemos provar com os respectivos documentos de despesa.

Apareceu-nos também a conta «Despesas Gerais» com grandes importâncias no total de 86\$25 causado por diferentes assuntos que passo a expor:

11\$70 com que nos subscrevemos para a compra da moldura e retrato que os alunos ofereceram ao Dig<sup>mo</sup> Comandante, quando do sarau em sua homenagem; 10\$00 que enviámos ao nosso desditoso ex-colega Ribeiro, quando internado no Sanatório do Lumiar; 18\$00 que dispendemos no aluguer dum camarote no Teatro Nacional, quando da festa que o Instituto Feminino de Educação e Trabalho ali promoveu e 40\$00 para a compra do cartão em que foram impressos os quadros conhecidos pela designação de «Páginas de Saúde».

Creio pois, ter frisado bem os pontos principais da nossa administração, para boa compreensão de todos.

Resta-nos agora saber que aplicação havemos de dar a êsses 104\$43 que constituem o saldo a nosso favor.

Evidentemente que se não precisássemos dêles os não esbanjariámos; contudo não tem o *Profissional* despesas assim tão extraordinárias que o forcem a ter sempre em Caixa uma tão relativa quantia.

Atendendo pois a êsse facto e conforme desejos manifestados pelos nossos superiores a ex-direcção resolve oferecer êsse dinheiro à Mutualidade dos alunos, os quais estou certo lhe darão o seu franco apoio.

Termino, pois, a minha exposição, pondo ao dispor de todos a escrita do mensário, prontificando-me como é meu dever esclarecer a quem por acaso tenham suscitado dúvidas e desejando que a nova direcção tenha um feliz desempenho, para sua honra e de  
*O Profissional.*

Mário dos Santos

1.º ano médio de comércio



O conhecimento da Pátria é o fundamento da verdadeira instrução cívica.

G. Bruno.

Mal raiavam ainda os primeiros alvôres da Madrugada e uma escola surgia de entre a fumarada espessa e lancinante da revolução. Calara-se o troar horrendo dos canhões e a metralha varrera por completo os déspotas, os interesseiros dum regime baixo, sem fôrça, sem autoridade, sem salvação possível.

Surgiu, enfim, a República, tão cheia de ideais nobres, concretos, tão repleta de justas aspirações. E da República saiu imediatamente, quando ela oscilava ainda mal garantida ao povo português, uma escola onde os pobres, os modestos filhos dos soldados pudessem aprender a conhecer e a amar a sua terra. Essa escola era o Instituto dos Pupilos.

Os filhos daqueles que morreram na Ronda, batendo-se pela Pátria em defesa de um ideal sagrado -a República- já tinham onde internar-se, onde aprender uma educação esmerada para depois poderem entrar na sociedade. Fechavam, portanto, assim, as suas portas às conseqüências horríveis da miséria...

Entraram os primeiros alunos. Mal organizado a principio, o Instituto dos Pupilos, conseguiu, no entanto, resistir a tôdas as vicissitudes, e, graças à boa vontade de alguém, foi progredindo pouco a pouco.

Devido a muitos esforços de alguns dedicadíssimos amigos desta escola, é que ela começou a mostrar os seus benélicos resultados e que o esforço do Estado para sustentar aqui os seus alunos não era um gasto fútil e sem proveito algum. Ao mesmo tempo o número de amigos do Instituto ia aumentando consideravelmente.

O Instituto impunha-se, mas o seu desenvolvimento, nesse tempo tão diminuto, assumiu nestes últimos anos proporções acentuadamente progressivas. Tem sofrido, realmente, uma transformação completa. Só um verdadeiro amor e um dedicado carinho por esta obra, a poderia tornar tal qual ela está agora.

Já lá vão quasi 11 anos em que essa aurora bendita raiou, 11 anos de constante trabalho activo e fatigante, mas do qual se colhem agora preciosos frutos, que bem necessários se tornaram. Nesse pequeno espaço de tempo de existência, deu o Instituto sargentos que foram à África e à França bater-se pelo Direito e pela Liberdade. Os seus alunos entraram primitivamente na Escola do Exército ainda com o curso incompleto, porque nessa



As alunas do I. F. E. T. que nos honraram  
com a sua visita

altura só existia no Instituto o 6.º ano, e obtiveram lá as primeiras classificações. Foram ao Instituto Superior de Comércio onde têm feito uma brilhante figura. Espalharam-se por todo o Portugal, e em qualquer parte onde se encontrem, mostram bem os conhecimentos práticos e a disciplina que nesta casa lhes foram ministrados.

Mas isso tudo, ainda não era nada. Não estava ainda satisfeita a ambição dos nossos dirigentes; faltava acabar, ou, por outra, aperfeiçoar ainda mais a obra que se esboçara após os primeiros dias da República. Imediatamente se puseram mãos à obra e depois de muitos trabalhos e canceiras, depois de muitas decepções e desenganos, conseguiu-se por fim elevar o Instituto à categoria de escola de ensino médio.

Havia quem se opusesse. Não admira. As boas causas em Portugal encontram sempre obstáculos à sua realização. Quando se trata de uma aspiração justa, de uma necessidade inadiável sem prejuízo do bem geral, enfim, de qualquer coisa indispensável e útil, é fatal,

é já da praxe que alguém apareça opondo-se a esse fim, apelando às vezes para absurdos desde que se prestem à opposição.

Mas desta vez, felizmente, não sucedeu assim. O Governo da República, usando do direito que lhe confere o decreto que criou o ensino primário superior e do que organizou o ensino comercial e industrial, aprovou, sem ser necessário ir ao Parlamento, a reforma há tanto desejada por nós.

Os antigos cursos professados no Instituto foram abolidos. Era racional que isto sucedesse pois que não equivalendo ao curso dos liceus por não termos o latim, nem ao curso comercial e industrial por nos faltarem outras cadeiras, vinham colocar-nos em sérios embaraços ao sermos lançados na vida prática.

Actualmente os cursos do Instituto são exactamente os dos Institutos Comercial e Industrial de Lisboa, ficando na 1.ª Secção a Instrução Primária Superior, correspondente ao 5.º ano dos liceus, e constitui habilitação suficiente e indispensável para a matrícula nos cursos comercial e industrial.

Os alunos com o curso geral podem sair 2.ºs sargentos com habilitação para estudos, constituindo habilitação para os cursos especializados. Estas habilitações são suficientes para o desempenho dos lugares de administração pública, correspondentes ao curso complementar dos liceus (sciências).

Os alunos com o curso especializado podem sair aspirantes maquinistas navais, aspirantes da Administração Naval, 1.ºs sargentos com licença especial para estudos, ou então contabilistas, auxiliares de comércio, agentes comerciais, guardas-livros, auxiliares de engenheiros, chefes de indústria e condutores de trabalhos, habilitação legal para a matrícula nos Institutos Superior de Comércio e Superior Técnico, etc.

Foi portanto, um grande progresso que o nosso estabelecimento de ensino conseguiu e atesta-o o grande número de candidatos a alunos no ano corrente.

Passaram 11 anos após a fundação do Instituto que é hoje uma escola média. Basta conhecer a sua pequena existência e os resul-

tados obtidos, para se notar o seu considerável progresso.

Glória, pois, ao seu fundador.

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio

## Concurso de tiro

Iniciou-se este ano um concurso de tiro para disputar a Taça Fraternidade Militar, sendo os alunos deste Estabelecimento convidados a concorrer pelo Ginásio Club Português, atenção que muito agradecemos.

Ganhará a taça, o grupo que durante 3 anos consecutivos consiga ficar primeiro classificado.

Houve para isso da parte dos nossos superiores o cuidado de nos prepararem para podermos competir com outras escolas que porventura concorrêssem também. E assim, os alunos que mais vontade mostraram em concorrer, num número aproximado de 35, tiveram umas lições de fogo com bala simulada, no Instituto, para que depois na Carreira de Tiro de Pedrouços onde a taça é disputada, tivessem já uma certa experiência.

Dos 35 voluntários foram seleccionados os 3 alunos que formaram a equipa, tomando por base o maior número de pontos, alcançados nos ensaios, os quais são contados da seguinte maneira:

O atirador numa das 3 posições de fogo: *deitado, de joelhos e de pé*, depois de ter introduzido um cartucho na câmara de espingarda, levanta-a para uma posição horizontal, de maneira que fique bem encostada ao ombro direito. Em seguida, numa posição cómoda, desliza a arma para um ou outro lado, de maneira a fazer a pontaria, isto é, que um raio visual passe pelo meio da linha imaginária que une os bordos da ranhura da alça, vértice do ponto de mira e base da *mucha*.

Após isto, tira a folga ao gatilho puxando-o com cuidado até se sentir uma pequena pressão, e depois de ter visado melhor o alvo pela base da *mucha*, sustém a respiração e descarrega.

O alvo feito de pano é coberto com um papel branco onde se traçaram 9 circunferências concêntricas, *zonas*, tendo no centro, um círculo pintado de preto que constitui a *mucha*.

Este alvo, está colocado sobre uma trincheira onde um soldado observa os pontos de empate e por meio de duas bandeirolas, comunica a um outro soldado que se encontra junto ao atirador qual a zona atingida; a cada circunferência corresponde um certo valor a que se dá o nome de *ponto*. Assim, a circunferência exterior tem o valor de um ponto, a 9.ª de nove, e a *mucha* correspondem 10 pontos. Quando o projectil não atravessa o alvo em qualquer destas zonas marca-se zero.

Terminado o concurso por este ano, coube-nos a honra de ganhar a Taça, e verdade seja, se a alcançámos foi talvez devido a mais nenhuma outra escola ter concorrido.

Para os devidos efeitos, o Ex.º Director do Ginásio Club Português enviou o seguinte officio



Os alunos premiados

ao Ex.<sup>mo</sup> Director do Instituto, o qual transcrevemos:

«Cumpre-me agradecer a V. Ex.<sup>a</sup> a inscrição da Escola que tão proficientemente dirige, no Concurso Escolar de Tiro, realizado em Julho p. p., e no qual se disputou a Taça Fraternidade Militar ganha pela equipo do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército a quem em nome do Ginásio Club Português cumprimento.

O resultado dos pontos foi o seguinte:

Humberto dos Santos Pereira ...	122
Mário Ferreira dos Santos .....	94
Domingos Lopes Agostinho .....	79
	<u>295</u>

O dia da entrega da Taça e medalhas será oportunamente indicado a V. Ex.<sup>a</sup>.

Embora os resultados fôsem muito diferentes daqueles obtidos nos ensaios, bem nos podemos orgulhar de trazer para o Instituto, a primeira taça dum concurso de tiro inter-escolar.

*Domingos Lopes Agostinho*

1.<sup>o</sup> ano médio do comércio

## SECÇÃO SCIENTÍFICA

### Episódio dos dōze de Inglaterra

(Lus, canto VI est, XLIII-LXIX)

Navegando a armada de Vasco da Gama no caminho da Índia quiseram os marinheiros contar histórias para se divertirem. Depois de várias opiniões, começou Fernão Veloso a contar o episódio dos dōze de Inglaterra:

Reinando em Portugal D. João I, levantou-se grande discórdia na Inglaterra, entre as damas da cōrte e alguns nobres, os quais diziam que provariam que a fama das damas não era tão pura que merecessem aquele título, e, que se houvesse alguém que, com lança e espada quisesse sustentar a causa delas, êles em campo de batalha lhe dariam morte crua.

As damas, então, despeitadas de tais ofensas pediram a protecção dos seus parentes e amigos; mas como fôsem poderosos os inimigos, não se atreveram a defender as damas, as quais com bastantes lágrimas foram pedir auxilio ao Duque de Lencastre, João de Gaunt filho do rei Eduardo III de Inglaterra, e cuja filha D. Filipa foi esposa de D. João I.

Mas o duque para não causar desavenças internas, negou-se e disse-lhes que quando pretendia a coroa de Castela, nos lusitanos tinha visto tal primor, tanta ousadia e coragem que êles sós, podiam sustentar a sua causa a ferro e fogo, e que se elas desejassem, êle mandaria embaixadores com cartas para os fazer sabedores de tudo, e que podiam contar com um forte auxilio.

Dêste modo as aconselhou o Duque e nomeou-lhe 12 dos mais fortes sôbre os quais lançaram sortes; depois disto, escreveram cada uma àquele que lhe coubera em sorte, ao rei, e o Duque a todos.

Chegando a Portugal o mensageiro do Duque inglês, tôda a cōrte se alvoroçou com a noticia, tudo queria partir, mas só fica feliz aquele que já vinha nomeado.

No Pôrto, a que Camões chama a leal cidade por ser aí que teve origem o nome de Portugal, mandam preparar uma embarcação para levar à Inglaterra os dōze combatentes que se preparavam o mais depressa possível armando-se de cavalos, armas, roupas e elmos.

Depois de terem a competente licença do rei, partiram do Douro e um dêles, chamado Magriço, disse aos companheiros que desejando há muito tempo ver terras, gentes, leis e costumes, pedia por isso licença para ir sozinho por terra, que quando êles chegassem ao seu destino também êle chegaria. E se por acaso fôsse detido e não pudesse estar na sua companhia pouca falta lhes faria a dêle.

Dito isto, abraçou os companheiros e com licença, partiu. Passou Leão, Castela, Navarra, França e depois de ter atravessado esta, foi parar a Bruges. Chegado aí, fôsse por que fôsse, demorou-se alguns dias enquanto que os 11 companheiros iam cortando o frio Mar do Norte e chegados a Inglaterra, em Londres foram agasalhados pelas damas e pelo Duque.

Chegou, enfim, o dia do combate! Armam-se de elmos, grevas e arnêses. As damas confiadas no Marte dos portugueses vestiram-se de sedas, côres, jóias e ouro. Mas aquela a quem coubera em sorte Magriço, que ainda não tinha chegado, vestiu-se de luto por não ter quem a defendesse.

Num teatro para o combate já destinado, se assentou o rei Inglês com a cōrte. Os cavalos escavavam o chão com ferocidade. Reluzia o sol nas armas como num cristal! Olhava tudo para os grupos desiguais quando se alvoroçaram com um grande reboliço; tinha entrado Magriço, montando um cavalo e devidamente armado; depois de ter falado ao rei e às damas, abraçou os companheiros efusivamente. Uma dama quando ouviu dizer que o recenhegado

era o seu defensor, com um vestido de brocado de ouro se adornou.

Dado o sinal de combate, impelem os cavalos que inspiram terror, despedem golpes mortais, vibram estocadas, ferem a terra que parece tremer debaixo dos pés dos cavalos. Já alguns ingleses caem dos corséis, outros gemem e outros soltam o último suspiro. Vêem-se correr cavalos sem cavaleiros, cavaleiros sem cavalos e 2 ou 3 ingleses já fora do combate.

Recolhidos pelo Duque os 12 vencedores lusitanos, houve nos seus palácios festas, alegrias, e delírio infernal se notava nas damas que reconhecidas festejavam os heróis.

Contou ainda Fernão Veloso algumas fanhanhas de Magriço que não quisera partir para Portugal, quando os marinheiros começaram a fazer muito barulho atemorizados pela tempestade que se aproximava.

*Sebastião dos Santos Pereira*

3.º ano da I. P. S.



## Contabilidade Industrial

### SALÁRIOS

Na Contabilidade Industrial, a maior preocupação do gerente é, sem dúvida alguma, determinar com rigor o custo de produção.

Os seus esforços incidem, portanto, em conseguir o fabrico dum produto por um preço baixo, pois só assim poderá pô-lo no mercado em concorrência com os outros industriais, de modo que o seu trabalho seja coroado de êxito.

Para isso tem que atender fatalmente ao salário do trabalhador, que é êle por assim dizer, quem regula o custo de produção. Só obtém uma produção intensa se o operário estiver animado da vontade de produzir, isto é, deve desenvolver-lhe o estímulo ao trabalho, proporcionando-lhe ao mesmo tempo, o conforto e higiene necessários à vida.

São essas, as principais reclamações operárias da actualidade, reclamações de justa satisfação e em torno das quais se aglomeram as atenções de quasi todos os legisladores do mundo. No entanto essas medidas de protecção ao operário não devem ser exageradas, pois vêm sobrecarregar a produção e podem até criar sérias dificuldades na vida interna dos povos, como acontece actualmente conosco e de que estamos sofrendo as atrozes consequências.

Como levantar a indústria decadente e aumentar a produção, de maneira a resistir à onda arrasadora da falsa interpretação socialista?

Naturalmente só provocando o estímulo ao operário por meio de remunerações que o façam activar a produção.

Há várias espécies de salário que favorecem ao mesmo tempo o trabalhador e o industrial. Às vezes o operário é ao mesmo tempo patrão em relação a outros, como acontece em indústrias que não necessitam de grandes máquinas e que o operário pode ter sob a sua chefia outros empregados transformando uma matéria prima, que êle apresenta depois na fábrica onde trabalha.

Neste caso o salário não é a remuneração do seu trabalho, por que êle pode não ter empregado a sua actividade na transformação da matéria prima; não se pode dizer industrial, por que êste, vende os produtos e aquele não o pode fazer visto a matéria prima transformada não ser dêle. Sòmente vende o valor da transformação que realizou.

Um dos salários que mais vantagens traz ao operário, é o «salário a prémios», embora seja condenado por que o proletário considera humilhante para si ser tratado como meninos da escola.

Há fábricas americanas que estabelecem prémios conforme as ideias sugeridas pelos seus empregados, ou mesmo inventos que redundem em proveito da casa; mas segundo a teoria mais seguida, os prémios dão-se conforme o avanço de tempo em que o operário produz uma obra e o que ela exigiria normalmente.

Êste processo intensifica a produção por que o trabalhador desenvolverá o seu esforço beneficiando o seu salário, e o industrial poderá, em virtude de um aumento de produção, baixar o custo de venda do produto. Representa, por assim dizer, um processo de repartir entre os dois os lucros duma indústria.

O prémio não deve ser tão baixo que não estimule o operário, nem tão elevado que seja necessário aumentar o preço do produto.

Outro processo com vantagens simultâneas, é a coordenação do trabalho por tarefas, com uma gratificação sobre o preço da venda.

A percentagem que o operário recebe leva-o a interessar-se pela indústria e a aperfeiçoar-se na produção, dando assim resultados benéficos para a indústria, e para o proletário. Esta percentagem é um prémio e não uma participação nos lucros como muitas vezes se supõe.

Êste processo a principio contava um

grande número de adeptos, as em breve se conheceu a sua ineficácia resultante da sua má aplicação à prática.

Umás casas repartiam de tempos a tempos os seus prémios, mas se o operário não tinha encarnados os hábitos de ser económico e previdente, às vezes esbanjava a sua cota-parte ainda antes de a receber. Para evitar isso, outras casas tornavam a previdência forçada e só mediante umas certas condições especiais o operário podia receber a sua parte.

Este processo ainda não satisfazia, pois tornava vexatória a posição do operário.

Experimentaram fazê-lo seu accionista ficando assim duas vezes interessado na indústria, mas isto dava lugar a injustiças confundindo todos com o mesmo benefício, tanto os que trabalhavam como os preguiçosos.

Há ainda outros processos que determinam o aumento de produção como por exemplo, o «sistema Taylor», aplicado aos alfaiates, modistas, etc., que tem por fim decompor os movimentos do trabalho em tempos, desprezando os movimentos inúteis.

Está provado que este sistema dá resultados satisfatórios. Os seus detractores criticam-no dizendo que embrutece o operário devido ao seu automatismo, fazendo dêle uma perfeita máquina.

Tendo o gerente duma fábrica determinado o salário e escolhido o processo que mais vantagens lhe acarreta, facilmente determinará o custo de produção e qual o lucro da empresa que vai explorar.

O industrial deve determinar com o máximo rigor o custo de produção, para saber em que condições pode fazer a concorrência e assim diminuir o custo de venda do seu produto. Se na sua indústria, aparecem produtos subsidiários, repartirá proporcionalmente as despesas por todos e não sobreregará somente o principal. Essa má orientação pode trazer até a falência da própria casa.

*Abílio Quadros*

1.º ano médio de comércio

## SECÇÃO LITERÁRIA

### Recorda-te...

I

Recorda-te. Quimera! Porque é belo  
Recordar êsse tempo que passou,  
Êsse amor jovial e tão singelo  
Que se partiu e nunca mais voltou;

Êsses dias alegres que da vida  
São ecos roucos, já enrouquecidos;  
Laços que se desatam à partida  
Mas que jamais por nós são esquecidos.

Recorda-te. Quimera! O nosso amor  
Perpassou de repente e ficou mudo;  
Dêle só resta agora apenas dor,  
E o resto evaporou-se: morreu tudo.

*Abílio Quadros*

1.º ano médio de comércio

### A Alguém

Tua alma é pura, é grande e generosa,  
Clara como a lua em noite linda;  
Como um anjo do céu és caridosa  
E como Vênus tens beleza infinda;

Êsse teu rosto meigo e sorridente,  
O teu cabelo loiro encantador  
Parece o despontar do sol nascente,  
Espargindo luz, felicidade, amor;

Teu sorriso que tanto me seduz,  
A pureza que brota o teu olhar,  
Fizeram no meu peito eterna luz;

Se pulsasse por mim teu coração...  
Oh! dize-me depressa, sê leal,  
P'ra depois te adorar com devoção.

*João Pires Antas*

3.º ano da I. P. S.

### Sombras do Passado

Começa anoitecendo. E pelo firmamento  
Um soberbo arrebol, celeste, inebriante  
Explende iluminando.

Estua o Oceano. Ouve-se um lamento  
• Horriçono, cruel, nas trevas do levante,  
Dum ente suspirando.

Miriades de estrêlas, scintilam com fulgor,  
No lindo e imenso azul. Noite silenciosa,  
Dum vago misticismo.

Encapela-se o mar. E súbito o fragor  
Duma voz infernal, horrível, cavernosa,  
Perdeu-se no abismo.

Repousa o ente humano. Dorme a humanidade  
Num sonho de ventura. Falaz esperança  
Duma pátria imortal!

Das fragas solitárias, entre a tempestade  
Uma figura horrenda, vacilante, avança  
Chamando Portugal.

*Carlos L. Antunes*

2.º ano geral de comércio

# AO LUAR...

Original de **Jaime de Mascarenhas**

(Continuado do número anterior)

E o pintor, artista da alma, o artista do pensamento, inflamado numa inspiração embriagante, quasi etérea, espirito enlevado por tanta beleza, julgaria logo Prometeu a dar o fôgo da vida ao quadro que tínhamos na nossa frente. Quem sabe mesmo se o próprio pintor não se apaixonaria pela sua obra?... Se seria como Pigmalião perdido de amôres; êsse soberano escultor fantástico que se enamorou da estátua de Galateia, a qual tinha sido a sua obra prima inspirada na fé da sua alma e na arte do seu coração.

Momentos depois o trem partia, e a senhora idosa, adiantando-se mais para o portão, tirou a chave duma malinha com a qual o abriu.

E o portão pesado e já velho, girou ruídosamente sobre os gonços, com ruído arripiante quasi agoirento.

Os leitores já calculam quem eram os personagens que entravam no jardim de Sobral. Eram a sua irmã e a filha, conforme esta tinha avisado.

Logo que Leonardo ouviu passos dentro do jardim, distarçou a custo a sua exaltação, e caminhou descompassadamente, indo-se sentar num local próximo àquele donde vinha o ruído das pisadas. E' que sem dúvida lhe ocorrera a ideia de que chegara a filha do seu grande amigo.

Mas a seu coração batia ainda fortemente, em desatino, com um anseio estranho.

A rua principal por onde as senhoras caminhavam, corria por detrás do banco onde sentara Leonardo; mas como na bermã da estradazinha do lado do banco, havia uma sebe de pequenos mas ramosos arbustos, quem passava por ali não o via.

Entretanto, iam andando e quando passavam por detrás do banco onde Leonardo estava sentado, a jovem disse a sua tia: admira-me que o papá não nos viesse esperar para aqui, como costumava!

Naturalmente tem visitas, retorquiu a tia num tom cheio de convicção.

Estranho acaso! A voz sonora e linda da jovem, que numa harmonia doce, tinha percorrido a gama tónica das sensações feminis, fôra encher de espanto, de desvairamento o cérebro de Leonardo, que empalidecendo sentia perderem-se-lhe as forças.

E ao cair desanimado, um lamento triste e piedoso foi o epilogo da sua aflicção.

As recém-chegdas que ouviram a quele lamento ali, tão perto, encheram-se duma mistura de medo e dô, e tendo-lhes saltado à imaginação a ideia de o ter soldado Sobral, apressadas descerraram com os braços a pequena sebe e defrontaram-se com um rapaz, caído no chão inerte e desfigurado. O mancebo perdera os sentidos; mas momentaneamente, abriu os olhos pouco a pouco e fitou a filha do seu salvador, enquanto ella recuava espantada como que se o seu olhar a tivesse fulminado: sua tia já de si admirada de ver o rapaz que ia a levantar-se e observar a comocão e o silêncio da sobrinha, deu um passo atrás, apoderada dum espanto invulgar.

Um choro sufocante atacou o mancebo, e levantando-se convulsivamente com grande temor da jovem, fo cair de joelhos a seus pés, fitando a lua que nessa noite parecia chorar também...

— É Ela! é Ela!

Foram as palavras que saíram da sua garganta, misturadas com soluços.

A filha de Sobral era a mulher que Leonardo amava loucamente!

Leonardo tomou alento, e ainda de joelhos agarrou-lhe os braços niveos e semi-nus, com aquela força própria da paixão e fitando a meigamente, perdidamente, disse-lhe: Adoro-a! Já por sua causa a Morte busquei! Se sou vivo, devo-o a seu bondoso pai. Dizei que correspondeis ao meu affecto, ou matai-me por vossas mãos. De vós alguma coisa quero receber: Amor ou Morte!

A irmã de Sobral, boquiaberta, muda e atônita, observava-os como se tivesse perdido a fala. Naquele momento ouviu-se a voz de Sobral que no jardim chamava por Leonardo, que ali tinha vindo admirado da demora da sua irmã e filha e do seu próprio amigo.

— Papá! papá! foram as palavras convulsivas dadas como resposta pela filha ao brado do pai. Leonardo ficou silencioso e com as suas mãos agarrava ainda os pulsos daquela mulher sedutora.

Rapidamente o pai chegou aflito ao local de tão comovente acontecimento.

Que vejo? Disse êle num tom de espanto quasi de idiota; Leonardo ajoelhado para minha filha?!

O mancebo impellido misteriosamente, correu para o seu salvador dizendo-lhe com os olhos afoguetados, a voz soturna, os cabelos desgrenhados: foi a sua filha que eu ameii... Por ela busquei a Morte. Tôda a dor do mancebo naquele momento passou pela sua alma. Aquela noite de desventura, contada minuciosamente por êle, passou-se, desenrolou-se com tôda a sua mágoa, com tôda a sua dor, pelo espirito daquele bondoso pai.

Clara e Leonardo estavam neste momento silenciosos agarrados aos braços de Sobral.

Ela estava branca e fria; êle como demente olhava o céu com uma avidez, como que se de lá ouvisse uma linguagem consoladora!

— Minha filha querida, disse o pai beijando-a soíre gamente. Tôda a minha vida fui feliz! quando vejo alguém que sofre, parece que vejo a infelicidade a esprietar à nossa porta!... Eu nunca padeci com o Amor, mas acredito; olha que é sofrer mais atro! Na minha mocidade fui como todos os jovens são: ternos sonhadores, com a alma cheia de poesia, construindo castelos encantados na nossa imaginação, em que só moravam, as Fadas, as Quimeras, as Ilusões!... Eu formei dêsses castelos como o fizeram os rapazes da minha idade!... mas oh a adversidade achava demais, os nossos sonhos lindos, poéticos e tão meninos...

No dia em que o Sonho acabou, cada um de nós, sonhadores, foi à procura do seu Castelo... povoado de Fadas, de Quimeras de Ilusões!... Dos que eram meus amigos mais íntimos, sei eu a sua sorte!... Andaram, andaram, em busca do que sonharam, por êsse campo de luta desigual, desumano, terrível, assustador, e depois de muito andar, de muito sofrer, não encontraram o Castelo dos seus Sonhos cheios de Fadas, de Quimeras de Ilusões... Só viram o ermo deserto e triste onde

## Ecos

Por lapso, não mencionámos no nosso último número, a saída dos nossos camaradas Diamantino, Travassos, Carvalho, Ferreira e Máximo, com o 3.º ano Oficial, assim como do aluno Nogueira que deixou o Instituto levando o 4.º ano Industrial.

A todos êles apresentamos as nossas desculpas.

E' nosso dever agradecermos ao nosso Ex.<sup>mo</sup> professor de Caligrafia, Sr. Júlio de Sousa Larcher, a sua oferta anual de 20\$00, ao aluno que naquela disciplina mostrar melhores aptiões.

O rasgo generoso daquele nosso professor, mostra bem o amor e a dedicação que êle vota ao estudo, e vem provar mais uma vez quanto S. Ex.<sup>a</sup> é amigo dos seus alunos.

«O Profissional» em nome de todos nós mais uma vez agradece reconhecido, saudando ao mesmo tempo o Sr. Larcher, pelo louvor que o Governo lhe conferiu na última Ordem do Exército.

Encontra-se doente no Hospital o nosso presado colega Leonel de Faria, esperando dar entrada num Sanatório.

O nosso companheiro, que pelas suas excelentes qualidades morais, é merecedor de tôda a nossa dedicação, certamente se encontra desgostoso por se ver tão distante da nossa vida escolar, arredado dos seus bons amigos, mas bem se pode orgulhar, porque também entre nós se faz sentir a sua falta.

Em nome de todos os alunos *O Profissional* deseja as suas rápidas melhoras, fazendo

habita a desgraça, com as suas horas de sangue, com as suas desilusões!! Acharam-se no caminho escabroso da Vida, diferente para cada um, ao princípio ornado de venturas na infância, e depois à maneira que nos indica onde se encontra o repouso eterno, coberto dos escolhos, que só as almas fortes sabem arrostar!

Ai... eu só, eu só... achei o meu Ideal, o meu castelo. Fui feliz! Sou feliz!... mas de futuro a minha felicidade depende de ti! Os meus últimos dias têm-los tu neste momento presos no teu coração!

— Mas papá...

— Deixa-me acabar... deixa-me acabar filha.

— Ai papá, não fale mais que me tortura! Se acaso para lhe dar a Ventura dos últimos dias terei que fazer o maior sacrifício, eu até darei a vida!

Não minha filha, não meu amor... não quero a tua vida; Deus ta conserve por muitos anos! Hoje a tua

votos para que dentro dum curto espaço de tempo êle possa ingressar no nosso convívio escolar.

Ao abrigo da nova reforma, freqüentam o Instituto, os ex-alunos: Simões, Graça, Barata e Gonçalves, cursando o 1.º ano de Máquinas e Serra no 1.º ano de Comércio, todos êles 1.ºs Sargentos.

Igualmente se encontra entre nós o ex-aluno do Colégio Militar, 2.º Sargento de Inf.<sup>a</sup> José Faria que freqüenta o 1.º ano geral.

## Permutas

Foi-nos enviado *O Observador* mensário dedicado à educação e ensino que gentilmente aceitou ao nosso convite. Temos presente o último número que, como todos os outros, se encontra maravilhosamente redigido.

Agradecemos a gentileza.

*Flor do Liz*. Também êste simpático quinzenário de Leiria nos deu a honra da sua permuta remetendo-nos imediatamente um exemplar.

Sem desdouro para qualquer outro, é um periódico digno de tôda a nossa consideração.

Reconhecidamente agradecemos.

— Satisfazendo o nosso pedido, também as nossas colegas do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, resolveram permutar connosco.

Agradecemos desde já e aguardamos a saída do *Ecos do Instituto* para depois nos pronunciarmos.

*A Direcção*

vida é mais preciosa que nunca! Quero sim o teu amor para o entregar a quem te adora!!!

O mancebo irresistivelmente caiu de joelhos, junto dos dois e ao mesmo tempo Clara depois de ter fitado o pai, com os olhos marejados de lágrimas, num desses olhares que só os pais compreendem, escondeu seu rosto agora banhado em cheio pelo Luar, contra o peito do bondoso velho.

E com a timidez de donzela, da sua boca delicada, feita para a música dos beijos, saiu compassiva e embriagante, a confissão: Amo-o!

Sóbral, sentiu-se mais feliz de que nunca.

Leonardo quasi que endoidecia de alegria. E em seguida Clara e Leonardo, ajoelhados aos pés de seu pai, unidos boca a boca, davam o beijo mais puro, mais santo que une dois corações.

(Conclui)



MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

REDACITOR PRINCIPAL

Mário dos Santos

DIRECTOR

Abílio Quadros

CORPO DE REDACÇÃO

J. M. Guimarães, M. D. Sacavém  
e Rodolfo J. Lô

SECRETARIO

Domingos L. Agostinho

ADMINISTRADOR

A. B. da Costa

N.º 45 — 6.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Dezembro de 1921

## O 1.º DE DEZEMBRO

1 de Dezembro!

Estas simples palavras, encerram em si o feito mais brilhante da nossa História, assaz abundante de assombros.

Assinalam por assim dizer o rejuvenescimento da alma Nacional, o desafoço dum povo inteiro que vivia oprimido, na escuridão, vergado ao pêso do letargo, sem forças para proferir embora que num gemido, o nome que fôra proferido frenética e galhardamente na carnificina dos combates e no fervor e entusiasmo das vitórias, e que, depois de sofrimentos e vexames, surgiu incomparavelmente mais belo com o semblante da independência.

Portugal é um dos países que possui uma história maravilhosa, imorredoura.

Contudo, não é irreprensível. Teve como tôdas, crises, desavenças, ódios, e por fim, cedeu diante da enorme percentagem de ignorantes que desconheciam os seus deveres de cidadãos portugueses.

O povo português, elevou o nome de Portugal ao apogeu. Este período resplandecente de glória, estendeu-se pelos séculos XIV e XV, principalmente, e ainda pelo século XVI em que os filhos dêsse Portugal ridente, mostraram bem distintamente o amor pátrio que lhes refulgia na alma, e que foi o único e incon-

testável motivo do alargamento dos seus territórios.

O mar Tenebroso, erguia-se diante dos nossos olhos, magestoso e severo.

O mistério envolvia fantásticamente o horizonte: era preciso desvendá-lo. E os heróicos defensores da Lusitânia, os denodados combatentes de Aljubarrota, embarcaram auxiliados pela comprovada inteligência dos filhos de D. João I, nas frágeis caravelas em demanda dos novos mundos, lutando contra a fúria da Natureza, resistindo por vezes às mais terríveis tempestades, com um fim único: engrandecer a sua Pátria.

E foi a custa dêsses bravos, que o mundo económico se desenvolveu, tomando um incremento assombroso.

Os descobrimentos dos portugueses, foram o desprestígio das repúblicas italianas. Mudaram o eixo comercial para o Atlântico, fazendo-se do admirável pôrto de Lisboa a chave do tráfico entre a Europa e a Índia.

A riqueza era freqüente, trazendo consigo o vício, a degeneração e a desmoralização da mocidade portuguesa, e quando em 1580 os espanhóis nos humilharam e correram à pedra dos balcões de Alcântara, não havia quem se impusesse ao povo, orientando-o com um fim, que deveria ser: a libertação! Pelo contrário, era humilhante a acção dos jesuitas que se acobardavam diante dos Felipes.

E o povo fanático e ignorante, curvava com

timidez a cabeça que durante séculos trouxera altiva e digna da admiração dos grandes.

E depois de 60 anos de sofrimentos e de vexames constantes, em 1 de Dezembro de 1640, os conjurados içaram no topo dos mastos a bandeira portuguesa.

Éramos portugueses!

Atravessamos hoje um período bastante perigoso para a Independência nacional.

As deficiências são palpáveis perante as estatísticas financeiras. A nossa vida económica embora em condições naturais próprias para progredir não se desenvolve em virtude da falta de dinheiro e sobretudo de homens conscienciosos.

Eduquemo-nos, preparemo-nos para a vida. Esforcemo-nos, para que possamos amanhã viver mais livremente, e para que deixemos aos nossos vindouros um ambiente mais respirável e mais moralizado.

Não podendo nós, fragmentos da mocidade portuguesa, esquecer o aniversário da restauração de Portugal, uma comissão de alunos nomeados pelo Ex.<sup>mo</sup> Director, organizou um programa com o fim de comemorar esta data.

Pouco depois das 14 horas todos os alunos do Instituto estavam reunidos no teatro, onde à chegada do Ex.<sup>mo</sup> Director, a orquestra executou o Hino da Restauração, seguindo-se depois uma conferência pelo aluno Quadros, recitando-se várias poesias de Bocage, C. Lima, D. Elina Guimarães, Augusto Casimiro, Correia de Oliveira e uma poesia do nosso colega Abílio Quadros, alusivas ao movimento.

Foram executados vários trechos de música pela orquestra, sob a regência do Maestro Sr. Brás, terminando por uma sessão cinematográfica.

À noite um grupo de meninas sob a designação de 3.<sup>a</sup> Secção, teve a gentileza de nos dedicar uma festa, amabilidade que agradecemos profundamente reconhecidos, sob a direção do nosso professor Sr. Major Coutinho, terminando esta festa por uma interessante sessão de animatógrafo.

Esta nossa sincera homenagem, embora que deficiente traduz bem o nosso desejo de nos esforçarmos, de futuro, para o progresso desta Pátria.

*Renato de Brito.*

2.<sup>o</sup> ano geral de comércio

Viver é ignorar

*Oliveira Mariins*

## Noite desastrosa

Estamos na noite de 30 de Novembro.

Todos os alunos se encontram alegres, pois que o dia seguinte lhes proporciona um feriado.

No meio da enorme gritaria que os alunos fazem, ouve-se o toque da corneta, toque êste que nós já conhecemos, por isso mesmo, entramos na forma, afim de recebermos a nossa ceia.

Pouco depois, é o toque do recolher que se faz ouvir, forma-se rapidamente; em seguida vamos para as camaratas.

No meio das chalaças que vamos dirigindo uns aos outros toca a silêncio, e todos os alunos se calam como por encanto.

São nove horas e trinta minutos; alguns já dormem, outros ainda cochicham. Eu estou acordado, e penso nos que me são queridos.

Pelo bater das bategas de água nos vidros das camaratas, julgo que lá fora chove torrencialmente. E na verdade assim é! . . .

A chuva continua, os relâmpagos são tão grandes, tão grandes, que mete alicção olhá-los. No entanto, o sono tenta apoderar-se de mim, faço um esforço para o vencer, mas só consigo ficar na madorna.

As 10 horas vão-se aproximando, e eu, ainda não consegui dormir.

A chuva não pára, o vento é medonho, os relâmpagos sucedem-se; há um mais forte que ilumina tôda a camarata, estrondo enorme se lhe segue, ao mesmo tempo o nosso dormitório oscila de tal forma que parece desabar, ouve-se o tilintar de vidros partidos, alguns alunos fogem dos seus leitos e vêm para o lavatório. Mas, oh! . . . desilusão horrível, ali também chove.

Devem ser duas horas pouco mais ou menos, quando nos temos de levantar, para arredarmos as camas, pois que as nossas camaratas agora destelhadas deixam também entrar a chuva.

O cantar dos galos, dá-me a entender que já quer alvorecer a manhã.

Toca a alvorada, a nossa lide continua. Destroçamos e não vemos senão destroços, árvores derrubadas; os telheiros das oficinas encontram-se também danificados.

Enfim, o mau tempo lá vai.

Cuidamos agora em reconstituir as oficinas, pois que são elas que õtimamente nos dão a prática precisa, para que depois lá fora, saibamos engrer mais alto o nome do Instituto.

*Francisco Aires Martins*

3.<sup>o</sup> ano oficial

**E** SCLARECIDO Director do Instituto, Dignísimos Regentes, Senhores Professores e Officiais. Minhas Senhoras, Meus Senhores, Presados Camaradas — Fazendo parte de uma comissão encarregada pelo Ex.<sup>m</sup> Director do Instituto, Sr. Coronel Freiria, de organizar o programa da festa

comemorativa do 1.º de Dezembro, que, mais uma vez hoje celebramos, fui nomeado pelos restantes membros da comissão para vos falar d'esse movimento patriótico.

Não pode chamar-se conferência à série de considerações breves e simples que eu conseguirei fazer, por que a minha voz, inexperiente e tímida, só poderá tirar colorido aos elementares conhecimentos históricos que tenho.

Vindo aqui expor em poucas palavras o que foi o movimento restaurador de Portugal, é simplesmente para cumprir um dever que sobre todos nós impera e que todos devemos respeitar com devoção, para que não sejam votados ao esquecimento os feitos heróicos dos nossos gloriosos antepassados. Não quero isto dizer que nós vivamos eternamente do passado, desprezando o presente e o futuro, não! mas neste momento de angústia para a nossa Pátria, mais se impõe a veneração do nosso berço tão querido. Visto que infelizmente, nos não podemos orgulhar de fazermos nesta época um Portugal maior, recordemos a nossa História, porque as suas páginas douradas são as mais irrefutável prova do dedicado amor que os nossos antepassados por ela nutriam, expondo a todos os transe a sua vida para o seu engrandecimento e para a sua glória. Recordemos ao menos o que outros fizeram por nós.

Se examinarmos a história dos povos, encontramos quasi sempre, após uma época de grandeza e de esplendor, um período de decadência e de fatalidade. Assim succedeu também connosco.

As frágeis naus portuguesas, arrostando os perigos dos mares encapelados, resistindo a todas as intempéries, tinham erguido além-Oriente, o maior empório comercial do mundo. No estrondear do Oceano, aprenderam os portugueses a sacrificar-se pela sua terra natal, alargando os conhecimentos geográficos da época e mostrando e ignoto aos povos menos audaciosos da nação lusitana.

A bandeira que tremulava na parte superior dos mastros, era uma Pátria inteira que se abalançava nas águas do mar tenebroso, mostrando ao resto do mundo as praias mais recônditas do Globo. No peito de cada marinheiro batia, nas horas angustiosas e difíceis, o sentimento de todo o heroísmo português.

E as caravelas, oscilando continuamente, ora baixando ora subindo, tateando as vagas, atravessaram os mares e trouxeram à Europa a noticia da existência de outros mundos.

Era o apogeu. Lisboa tornara-se o centro comercial da Europa, tirando todo o valor às antigas repúblicas italianas, mas em breve veio a decadência. A vaidade, a sede do dinheiro, a vontade da grandeza, tudo se fez sentir dentro de pouco tempo.

A riqueza invadiu todos os lares. Ninguém precisava de trabalhar para ser rico e daí veio fatalmente a ruína. Nos campos não havia já aqueles braços vigorosos que faziam brotar do solo o necessário à vida. Na officina

deixava de se ouvir o estridor das ferramentas. E o operário, pondo de parte os seus petrechos, tornara-se traficante. Um perfeito abandono reinava neste país tão belo e tão querido!...

As riquezas em breve se desvaneciam. Os navios carregados de pedras preciosas mal tocavam o porto de Lisboa. Portugal, aquele Portugal que embarcara nas caravelas e se abalançara à conquista dos mares, já quasi não existia, ia desaparecendo pouco a pouco curvado ao peso do letargo em que jazia, enquanto os inimigos lhe roubavam descaradamente as suas colónias que tantos sacrificios lhe haviam custado.

E não acordou. Prostrado o sono da ambição e por isso dormia descançado sem pressentir o perigo que estava eminente.

\* Alcácer-Que'ir foi o desenlace de tão extravagante tragédia. O desastrado combate

veio acabar de derruir uma Pátria que anos antes parecia assentar sobre os mais sólidos alicerces. A independência que tanto custara a assegurar, perdeu-se de súbito, e logo a mão estranha do inimigo seguiu com toda a força os destinos de uma Pátria outra aguerrida.

Um vácuo profundo se estabeleceu em todos os corações. A treva soturna invadiu o lar de cada família. A cada canto uma hiena espreitando a presa.

Estabelecera-se o despotismo e a intolerância. Aquelle povo que tinha combatido junto aos Herminios em prol do seu torrão, gemia agora sob a pressão de Castela. E este povo santo, sofria em silêncio o vexame sem poder transpirar o que dentro de seu peito se encontrava oprimido. A sua dor era silenciosa mas profunda.

O amor da Pátria não se extinguiu, porém. Na treva que nos envolvia movimentava-se, embora difficilmente, um povo inteiro, esforçando-se por adquirir a liberdade perdida.

A atmosfera tornava-se irrespirável, sufocante, mas o povo não desahimava no entanto, e esperava uma ocasião propícia para conseguir o seu desejado intento.

Qual das classes sofria mais com a escravidão de Castela? o povo, os pobrezinhos vivendo na miséria e na desgraça, morrendo de fome e de frio.

A situação era angustiosa; não se podia agüentar por muito tempo. Por isso, começaram a aparecer as primeiras tentativas de revolta. E assim em 1637, o povo amotinado tenta desprender-se dos grilhões que o torturavam, mas não encontra apoio na fidalguia e o seu patriótico intento sai-lhe frustrado.

Só mais tarde, quando a classe nobre começou a sofrer de veras o vexame e o enxovalho de Castela é que reconheceu na classe popular o verdadeiro paladino da salvação da Pátria. Só quando os seus enormes poderes foram abalados é que a nobreza olhou attentosamente para a arraia miúda, vendo nela o verdadeiro deus-ensor de uma nação oprimida, e começou então a dedicar-lhe um pouco de carinho, porque lhe poderia vir a ser preciso o seu auxilio.

Torna-se geral a reprovação do regime espanhol. As contribuições aumentando successivamente, eram já exorbitantes, a fome assolava todos os lares modestos.

(Continua)

## Palavras proferidas pelo aluno QUADROS para comemoração do 1.º de Dezembro no Instituto

## SECÇÃO SCIENTÍFICA

### Como se pode adquirir energia

O pessimismo da actualidade, parece ter invadido já os cérebros dos novos, numa ânsia arrebatadora de os pretender mergulhar no abismo da sonolência e da inação. Os povos dão a impressão de estarem adormecendo pouco a pouco, sem reagirem, sem tentarem dissipar as sombras tenebrosas que envolvem a humanidade.

Tomados pelo desespero e pelo desalento dessas ideias, as gentes aparecem-nos tristes, pensativas, perdida para sempre a alegria da vida.

E a mocidade lá vai também, atrás dessa corrente assustadora embrenhando-se nas trevas do pessimismo.

Citarei neste artigo algumas considerações de psicólogos ilustres, principalmente Ellick Morn, grande sábio americano da actualidade.

O homem contém dentro de si uma grande quantidade de energia dormente, que bem aproveitada por êle, o tornará alegre e lhe desenvolverá no cérebro a vontade de viver. Mas para isso é preciso que êle comece por ter confiança na vida e que substitua o pensamento da época que o prende, por um optimismo mesmo exagerado que seja. É preciso essencialmente ter vontade, para se conseguir teviver, para acordar as energias humanas que dormem um sono profundo, paralisadas numa completa inação.

Actualmente os rapazes fazem-se velhos antes de tempo. Muitas vezes, de cumplicidade com o espelho, descobrem uma ruga, um cabelo branco e imediatamente se convencem de que são velhos, e assim se deixam morrer lentamente, sem tentarem, sequer, recuperar a alegria da vida.

O homem deveria constantemente aumentar o seu tom de vitalidade, mas sucede exactamente o contrário: à medida que avança na idade, sente-se fraco, julga-se um ser importuno e perde o impulso pela vida.

O fenómeno da velhice precoce começa a manifestar-se por ocasião duma grande fadiga física ou moral. Nessa altura, em volta do pensamento de envelhecer, tôdas as ideias aterradoras se concentram, torturando-o, escravizando-o. O organismo sofre a ideia do pensamento e o homem torna-se velho de facto.

E' êste um caso que ás vezes aparece nas

escolas. O aluno extenuado por qualquer trabalho escolar, num desses momentos de fadiga, julga-se velho e se não tem uma força de vontade suficiente para reagir, começa realmente a envelhecer. Não brinca, evita o mais possível os divertimentos dos colegas, que desde então deixam de adaptar-se à sua indole melancólica e triste.

É preciso rejuvenescer. Um dos processos para esse fim, aconselhado por Ellick Morn, é a embriaguês, não a embriaguês por meio de bebidas e drogas espirituosas, mas a embriaguês psicológica, que consiste em activar a circulação do sangue e o funcionamento dos tecidos e dos órgãos.

Um outro conselho que o mesmo autor dá como sendo útil ao robustecimento dos espiritos fracos é a emoção pela arte. O homem quando está sob a impressão artistica duma música que lhe agrada, quando lê uma poesia que o impressiona, ou quando fita um quadro que o atrai, tem a sua circulação mais activa e as suas condições orgânicas são melhores. De resto, isto não oferece dúvidas, por que muitíssimas doenças têm sido curadas pela musicoterapia.

Para destruir os acessos de melancolia próprios de Felipe V de Espanha, o médico Farinelli, cantor e seu simultâneo ministro, conseguia elevar o sentido moral do rei, submetendo-o a um tratamento musical. Sòmente as suas notas interessantes acalmavam a melancolia do soberano e o dispunham então a tratar dos negócios de Estado.

A alegria parece ter abandonado também os homens. As forças ocultas que nêle dormem querem despertar, mas como êle não sabe agir para conseguir êsse fim, começa sentir-se incomodado, traduzido por uma grande monotonia e por um mal-estar desconhecido.

Logo que êsse estado pernicioso se faça sentir, é preciso exterminá-lo imediatamente para que se consiga a alegria de viver. E para isso é necessário chamar a si tôdas as energias ocultas, por que dêsse mal-estar continuo e dessa monotonia é que nascem tôdas as doenças morais que subvertem o homem.

As doenças da geração actual são mais originadas por causas morais do que físicas. Por isso, não precisa sòmente a educação material mas sim uma outra educação mais elevada, destinada a tornar o homem bom.

A bondade aumenta a vitalidade transformando o homem fraco em homem forte. Aquele que fôr mau e se entregue ao vicio, não pode conservar as suas energias, por que tôdas as baixesas morais — inveja, mentira,

## SECÇÃO LITERÁRIA

### Aniversário do armistício

Alocação proferida para comemorar  
o aniversário do armistício

11 de Novembro!... Em todo o mundo civilizado se celebra o dia que passa, não só pela sua alta significação patriótica, como também pela importância que teve dando ao mundo uma nova geratriz, depois duma luta sangrenta e terrível em que se degladiaram quasi todos os povos e onde os filhos de Portugal mais uma vez tiveram ocasião de mostrar o seu muito amor à liberdade e valor nunca posto em dúvida através da sua história de lutas titânicas e gloriosas de mais de sete séculos.

Ainda que o esforço colossal, que a nossa querida Pátria abatida por uma série de vicissitudes lastimáveis e desastrosas, que não nos compete discutir, fêz, colocando-se ao lado dos Aliados, não tivesse contribuído para o triunfo da Razão e da Justiça sobre a Fôrça, ainda apesar disso, nós tínhamos o dever de comemorar este dia já gravado a letras de ouro, não só na história da Humanidade como também no espirito de todos aqueles que como nós, assistiram ao desencadear medonho, encarniçado e feroz dessa luta assombrosa, sem dúvida a mais tremenda de todos os tempos.

Estávamos em 1914. A sociedade caminhava apressadamente na sua marcha progressiva.

Havia, é certo, já a luta surda das competências, manifestamente nos altos meios comerciais e industriais. As altas potências, especialmente a Alemanha com a sua preparação formidável, ansiavam uma guerra que lhes desse o livre arbitrio do mundo.

Faltava porém um pretexto. Mas eis que surgindo esse pretexto, a luta irrompe com uma impetuosidade que ninguém esperava, assombrando os próprios que a tinham desencadeado.

Cidades, vilas, aldeias, herdades, tudo o que a mão sábia do homem havia construído à custa de muitos esforços, de muitos trabalhos e sacrificios, tudo isso, caiu também à mesma não, mal o bafejo sinistro da luta, pela boca dos canhões e de todas as armas de destruição chegou até lá reduzindo tudo a montões de ruínas.

Quantos ali perderam a sua vida pela santa causa da Pátria entre o fusilar da metralha, ouvindo o ribombar soturno dos canhões mis-

perversidade, etc. — as dissolvem, enfraquecendo-lhe o organismo e submetendo-o a doenças.

A bondade defende o organismo e prepara o espirito para poder reagir melhor sobre o corpo, ajuda o desenvolvimento das energias psíquicas; a perversidade, originando preocupações de toda a ordem, impede essas energias de agirem, submetendo-as a uma completa paralisação.

É conveniente ao homem, portanto ser bom. Por isso deve procurar sempre fazer bem, mas não com o fim de obter a recompensa depois, no próprio momento, a vontade de beneficiar o seu semelhante deve ser já para o homem um bem estar esplêndido.

Para o homem adquirir mais energia pela vida é conveniente sonhar.

Não um sonhar em que mergulhe num sono profundo uma grande parte das suas forças mas uma vagabundagem do espirito em repouso, em que o pensamento percorre velozmente o conhecido e o ignoto, sem uma ideia fixa, sem um assunto que o atraia, desprendido das causas concretas. Torna-o o mais novo, mais são, mais optimista e é isso o necessário para exterminar o pessimismo da época.

Um dos melhores processos para recuperar a energia perdida é também o desporto. No entanto o abuso de semelhante meio pode acarretar muitas desvantagens. A fúria do seu renascimento parece aproximar a geração actual da antiga barbárie. Enquanto se procura, para melhorar a vida dos povos, suprimir o esforço humano por meio de aparelhos e máquinas de toda a espécie, por outro lado, os homens do desporto vão restaurando o esforço violentissimo nas suas terríveis fases.

Que se desenvolva pratique a ginástica, é muito racional, constituindo um valioso factor para reconquistar a alegria. Mas não nos deixemos no entanto arrastar por um grande número de pseudo-recuperadores de forças, para que não vejamos os nossos esforços acolhidos por um resultado retrógrado.

Estes conselhos que acabo de expor são dados por Ellick Morn, no seu livro *Se queres viver, desperta e luta*, com o fim de restabelecer no ânimo dos povos decadentes, a alegria pela vida e a vontade de progredir continuamente.

Procuremos também afastar a tristeza e a melancolia do nosso meio para sermos capazes de vencer na árdua luta pela vida.

Abílio Quadros

turado com os gemidos estertorosos e lancinantes dos moribundos e vendo na sua frente o lampear sinistro das baionetas!

Quantos crimes nefandos não fêz essa bárbara luta, deixando milhares e milhares de órfãos, espôsas, mães, ao desamparo e ao abandono!

Os campos de batalha regados pelo sangue dos heróis foram testemunhas das scenas mais tétricas.

Mas os nossos corações não podem deixar de estremecer ao recordar os horrores de que foi teatro êsse outro campo se batalha - o Mar.

Aqui as scenas são mais tócentes e mais horrorosas. Pode-se lutar contra os homens, pode-se ser valente, corajoso, capaz de arrotar com todos os perigos, mas o que ninguém pode encarar friamente é a morte em luta contra os elementos principalmente quando êsse elemento é o Mar imenso e sem fim.

Parece-me ver o Augusto de Castilho intrépido e firme, arriscando-se e provocando a uma luta desigual, que fatalmente acabaria pela sua morte; um pirata inimigo, um desses monstros quasi fabulosos, engenhos poderosos de destruição contra o qual a vitória, não só, lhe não era fácil como impossível, em defeza de centenas de vidas colocadas debaixo da sua protecção.

Depois duma luta épica, desmantelado, despedaçado no cumprimento do seu dever, sucumbiu. Morreu !... E com êle o seu comandante Carvalho Araújo.

A odisseia dos naufragos num frágil batel através das ondas revôltas do Oceano todos conhecem.

O Augusto Castilho caiu vencido, mas caindo êle subiu até onde não podia subir.

Depois de quatro anos de lutas gigantescas a Alemanha foi forçada a pedir o armistício de 11 de Novembro de 1918, seguindo-se morosamente os preparativos para a assinatura do tratado de paz.

Parece à primeira vista que terminada a luta, a paz seria um facto e voltar-se-ia à normalidade, abundância e sossêgo que se disfrutavam antes dela se ter manifestado com todo o seu cortejo de horrores.

Todos assim pensávamos !... Néscios que nós éramos !...

O golpe foi demasiado profundo. As feridas ainda latejam sangue e a sociedade sofreu um abalo tão forte e tão rude que treme ainda sobre os seus alicerces e levará muitos anos a recompor-se, se não cair desfeita em pedaços ante a onda avassaladora e formidável de in-

disciplina que a guerra nos trouxe e cujos efeitos se estão fazendo sentir em tôda a Europa e no mundo inteiro.

Portugal é um dos países onde mais se manifestam as consequências da guerra.

A nossa vida politica e económica, que já deixava muito a desejar antes dela, sofreu um embate a que a nossa má cabeça, em lugar de tentar destruir os efeitos, antes pelo contrário, contribuiu para nos levar à deplorável situação em que nos encontramos.

Nada de illusões!... A nossa situação quanto não seja desesperada, não é boa. Não é mesmo nada boa!

E' uma destas situações que demandam ser cuidadosamente ponderadas e das quais só à custa de muito trabalho, mas dum trabalho proficuo, útil e produtivo, e do esforço conjun'co de todos, nós poderemos sair, levantando-nos ante o mundo civilizado e ante os nossos próprios olhos.

Camaradas, a minha convicção é que todos nós temos por dever, trabalhar pelo resurgimento da nossa querida Pátria, tornando-a digna da sua História escrita pela mão invencível e inquebrantável dos nossos maiores, porque só pensando e procedendo assim é que eu compreendo que nos possamos considerar dignos dela.

Por conseguinte, bradai agora comigo:  
Viva a Pátria. Viva a República.

*Graciano de Matos Vilarigues*

1.º ano médio de comércio



## Crónica de viagem

Era num dia de Julho. No ensurdeceor barulho do Rossio, no meio da multidão que apressada corria para os combóios instalava-me eu numa das carruagens de um deles esperando ansiosamente a partida.

Olhando o povo que pedindo informações, me chamava a atenção despertei com o silvo da máquina repetido algumas vezes, começando a rodar, transportando tudo o que nas carruagens se encontrava para se ir internar na escuridão inquietadora do túnel. O combóio rodava com extraordinária rapidez não se importando com as lamentações de algumas senhoras aflitas com a velocidade vertiginosa: naquele longo espaço sem luz.

Mas ao cabo de alguns minutos, a poderosa máquina deixava atrás de si a comprida abertura, deixando ver o firmamento povoado de milhares de estrêlas. Da janela ia obser-

vando a paisagem das terras em volta da linha e que o combóio me ia mostrando. Mas não me deixava admirar devidamente, os encantos desses lugares saúdáveis que pareciam fugiam ante os meus olhos.

No eterno firmamento a Lua assemelhava-se a um disco de prata rodeado por um reflexo de côres encarnadas; ao longo parecendo esbarrar com o combóio viam-se grandes árvores secas que daí a alguns segundos ficaram já bem longe enquanto que para o ocidente se estendia um campo no fim do qual se viam alvejar algumas casas caiadas por fora e rodeadas de canteiros com mimosas flôres dando um aspecto encantador à aldeia.

Passado algum tempo parávamos na estação do Entroncamento. Era já alta noite quando ali chegámos. A estação estava muito concorrida tendo o combóio aí uma grande demora. Deois do tempo legal continúamos o nosso caminho com grande velocidade aparecendo-nos à vista novos encantos, novas belezas e novas paisagens. As margens do Tejo nalguns pontos são revestidas de verdura enquanto que noutros são monotónas e insipidas. Em beleza, o Tejo é inferior ao Mondego.

A escuridão caliginosa da noite não me deixava observar outras novidades...

O vento vinha incomodar os passageiros, os quais fecharam as janelas e então menos pude observar; assim passei algum tempo, olhando para a mísera luz que iluminava o compartimento, até que um sono violento me levou para regiões desconhecidas e para o país das ilusões.

Quando acordei alvorecia. Os campos apresentavam-se alcatifados de erva viçosa e nos quais já grandes rebanhos pastavam pachorrentamente vendo-se no meio dêles o seu fiel guarda-pastor. No caminho vários aldeões olhavam singularmente para o combóio que depressa desaparecia e assim nos iamos aproximando de Castelo Branco. A velocidade foi afrouxando até que se extinguiu. Estávamos na estação. Alguns passageiros apeiam-se para se irem lançar nos braços das suas famílias que aguardavam a sua chegada.

Alguns momentos mais e partimos quando já o sol ia iluminando os campos, aldeias ribeiras, fontes, tudo, enfim!

Um regatozinho corria por baixo de uma pequena ponte que o combóio atravessara, marginada por matizadas flôres que lhe davam uma feição especial, graciosa e risonha, fazendo ouvir o seu suave murmúrio. O sol dardejava os seus obliquos raios já então muito quentes e que incomodavam alguns

passageiros. No compartimento falava-se em voz alta nas variações bruscas do câmbio nos preços dos géneros e coisas com que pouco me importava. A chegada que eu ansiosamente desejava não se fêz muito, faltava apenas meia hora para chegarmos à estação. Enquanto não desembarquei ia eu admirando as culminâncias da serra da Estrêla; erguiam-se magestosos os seus picos cobertos de neve, montes escavados e nus; passavam pela minha mente as tradições gloriosas do grande Viriato. Os seus cumes levantados como agulhas recortavam em zigue zague o azul dum céu diáfano e purissimo semnuvens.

Fugiam ante os meus olhos, característicos das regiões beirãs, como aldeias pobres, campos cultivados, árvores frondosas e outras novidades que eu ia observando até o combóio parar na estação da Guarda.

### *Sebastião dos Santos Pereira*

3.º ano de I. P. S.



1640

Na treva densa, escura, denegrida,  
Ouviu-se um grito, arquejante, exange:  
«Oh gente portuguesa escarnecida  
Sálva meu corpo que se esvai em sangue.

Quebra êstes laços. Parte estas algemas.  
Solta-me a vida, vá depressa, assim...  
Dantes, rainha fui dos diademas,  
Agora, tenho a força ao pé de inim.

Prende os traidores, amarra êstes cães  
Que me mordem com tôda a crueldade.  
Oh gente portuguesa, oh pais, oh mães,  
Matai a tirania e dai-me a liberdade».

E a voz de Portugal enrouquecida  
Chorava com tristeza junto ao mar...  
Na sombra tenebrosa, ensandecida,  
Mexe-se gente, alguém se ouve falar...

Rompeu a manhã clara, cristalina,  
Salvou-se a Pátria do terror fatal,  
E muito ao longe perto da campina  
Já não gemia a voz de Portugal...

*Abilio Quadros*

1.º ano médio de comércio

## SECÇÃO DESPORTIVA

### 6 futebol no Instituto

Há já alguns anos que o nosso Instituto se tem feito representar nos campeonatos escolares de futebol e se bem que os resultados não tenham sido de todo felizes, não são contudo desanimadores, o que nos incita a continuarmos cultivando este ramo de desporto. Para isso foi já definitivamente organizado o grupo que este ano representará o nosso Instituto.

O onze, que é formado na maioria por jogadores do último campeonato ficou assim constituído:

	Herminio	
Salgueiro		Maleitas
Pires	Domingos	Pinto

Agostinho Alberto Costa Martins Santos

*Suplentes:* Figueiredo, Amaral e Coelho

esperando que todos eles depois de alguns treinos, animados com boa vontade que tem sido o principal factor de todas as provas por nós prestadas, consigam pelo menos conservar as classificações dos anos anteriores.

Já no treino que efectuámos com os nossos colegas do Colégio Militar tivemos ocasião de observar que se não possuímos um bom agrupamento, êle, porém, é competente para se opor às demais escolas. Cumpre-me salientar a forma correcta e amigável como se realizou o treino e a maneira verdadeiramente irmã como fomos recebidos.

Pena é que não possamos realizar treinos desta natureza tantas vezes como seria preciso.

Mas se é certo que nos surge a deficiência de treinos, certo é também que ela será suprida pela dedicação que todos votam ao nosso desporto predilecto.

Desnecessário se torna portanto, apelar do esforço de cada um, porque todos se sentem compenetrados do mesmo entusiasmo tanto mais que sobre todas as dificuldades que porventura nos surjam, nós podemos contar com o valioso auxilio dos nossos dedicados superiores.

Carlos Silva e Mário Figueiredo

1º ano geral

## Ecos

Foram promovidos a tenentes, os alferes Srs. Abrantes e Pontares, respectivamente, Professor de Escrituração Comercial e Oficial de serviço na 2.ª Secção do Instituto.

Os nossos parabens.

Os alunos do Instituto, por intermédio da Direcção de *O Profissional* agradecerem penhorados a festa que um grupo de meninas, (3.ª Secção), lhes dedicou num sarau em 1 do corrente mês.

Foi uma festa singela, mas na sua singeleza estava encerrada toda a elegância que os encantos femininos lhe conseguiram dar, representando um trabalho apreciável e de bom gosto.

As promotoras da festa tiveram a gentileza de no-la dedicar o que mais uma vez agradeceremos reconhecidos.

Pouco, antes do nosso mensário entrar na máquina, foram convidados a sobraçar as pastas da Guerra e das Finanças, respectivamente os Ex.ªs Coronel Sr. Freiria, Director do Instituto o Major Sr. Vitorino Guimarães, Regente da 1.ª Secção.

Por esse motivo assumiu interinamente as funções de Director do Instituto, o nosso professor Sr. ten. coronel Tasso de Miranda Cabral.

Na noite de 30 de Novembro para 1 de Dezembro corrente foi o nosso Instituto assaltado por um enorme tufão que destelhou quasi totalmente as nossas oficinas e quebrando muitos vidros.

Os prejuizos são calculados em 5.000\$00, aproximadamente.

### Permutas

Acaba de honrar-nos com a sua permuta, a *Seara Nova* importante revista quinzenal que há pouco encetou a sua publicação.

Que é uma revista esplêndida, merecendo a admiração de todos os portugueses que amam a sua Pátria, não somos nós os únicos que o afirmamos, bastando para o atestar, os nomes dos seus illustres colaboradores.

Agradecemos, portanto, esta valiosa permuta, pela qual nos encontramos muito gratos.

A Direcção